



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**Conceções dos Professores do Ensino Regular e dos  
Professores de Educação Especial Face à Inclusão de Alunos  
com Multideficiência**

**Dissertação apresentada à Escola Superior  
de Educação de Lisboa para obtenção do  
grau de Mestre em Ciências da Educação -  
Especialização em Educação Especial,  
Domínio Cognição e Multideficiência**

**Dulce da Silva Oliveira**

**2012**



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**Conceções dos Professores do Ensino Regular e dos  
Professores de Educação Especial Face à Inclusão de Alunos  
com Multideficiência**

**Dissertação apresentada à Escola Superior  
de Educação de Lisboa para obtenção do  
grau de Mestre em Ciências da Educação -  
Especialização em Educação Especial,  
Domínio Cognição e Multideficiência**

**Orientação:** Professora Doutora Maria da Conceição Figueira Santos Pereira

**Dulce da Silva Oliveira**

**2012**

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho de investigação apresenta um esforço contínuo de crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional, bem como a minha ambição de aprofundar conhecimentos sobre as práticas educativas a ter com alunos com necessidades educativas especiais, mais propriamente alunos com multideficiência.

A todas as pessoas envolvidas em geral e a algumas delas em particular, dirijo os meus agradecimentos pela conclusão da presente dissertação.

À Professora Doutora Maria da Conceição Figueira Santos Pereira, minha orientadora neste estudo, pelo seu profissionalismo, disponibilidade, apoio, incentivo, compreensão e supervisão científica.

À Direção do Agrupamento no qual realizei este trabalho por me terem aberto as portas com toda a facilidade e amabilidade.

A todos os professores que participaram neste estudo, pois sem a sua colaboração não teria sido possível realizá-lo.

A minha amiga desde de sempre, Gaby, pela amizade e sua disponibilidade e força que me deu neste meu projeto.

Aos meus pais, por todo apoio que ao longo de todos estes anos me tem prestado e por me incentivarem na minha formação e crescimento profissional e pessoal. Obrigada pela força, educação e por todo o amor, fazendo de mim aquilo que sou hoje.

Por último, quero agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste meu projeto de vida.

## Resumo

Um dos desafios atuais no nosso sistema de ensino é construir uma escola de todos para todos, uma escola inclusiva que respeite a heterogeneidade dos alunos e que lhes permita aceder a respostas educativas adequadas. Com as novas políticas, educativas a inclusão de alunos com multideficiência no contexto do sistema de ensino regular, tem constituído um desafio maior aos professores e à escola. Este desafio exige mudanças quer nas atitudes e práticas dos agentes educativos, quer nas estruturas do sistema de ensino ao nível organizacional e na gestão das respostas educativas.

Neste contexto, o presente estudo pretende caracterizar as concepções dos professores de educação especial e dos professores do ensino regular face à inclusão de alunos com multideficiência e como se organizam as respostas educativas a estes alunos.

O trabalho desenvolveu-se de acordo com a metodologia de estudo de caso, centrado em oito entrevistas, a professores do 1º, 2º e 3º ciclo do ensino regular e a professores de educação especial de duas unidades de apoio a alunos com multideficiência.

Como técnica de recolha e tratamento de dados, utilizámos a entrevista semiestruturada e a análise documental, que foram submetidas a análise de conteúdo seguindo os passos recomendados para a mesma.

Concluimos que os professores não colocam reservas à inclusão dos alunos com multideficiência no sistema regular de ensino. São da opinião que devem ter igualdade de oportunidades como os restantes alunos e que estes são uma mais-valia à escola pois permitem o desenvolvimento de competências sociais e o reconhecimento da diferença. A inclusão para estes professores, centra-se no processo de socialização e normalização. No entanto os professores só consideram possível a inclusão, quando a escola estiver dotada de recursos adequados e os professores, bem como restantes agentes educativos, tenham formação na área das necessidades educativas especiais.

**Palavras chaves:** Inclusão, Necessidades Educativas Especiais (NEE), Concepções dos Professores, Multideficiência (MD), Respostas Educativas.

## **Abstract**

One of the actual challenges in our education system is to have a school that suits everyone, a school that respects differences amongst students and that allows proper educational measures. The inclusion of multi-disabled students in regular schools has been a major challenge to teachers and schools. This measure demands new attitudes and procedures in regards to organisation and management in the educational structures.

The purpose of this study is to identify teachers perspectives regarding the inclusion of multi-disabled students in regular schools and how the plan of action is managed, whether they work in special education or regular education.

This assignment was developed according with study cases methods and it consists in eight interviews to teachers from first, second and third cycles of regular education and to teachers of special education that work with multi-disabled children.

The qualitative data collection and processing followed the semi-structured interviews and document analysis methods.

The study conclusion is that teachers are not against the inclusion of multi-disabled students in regular schools. They defend equal opportunities for all students and that this inclusion is a benefit as it allows the development of social competencies and the recognition of difference. For these teachers the inclusion is centred in a socialisation and normalisation process and they believe that full inclusion is only possible when the schools have the right resources and both the teachers and all educational agents as well, have training in special education.

**Key Words** - Inclusion, Special Educational Needs, Teacher Perspectives, Multiple disabilities, Educational Responses

## Índice

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract	V
Índice	VI
Abreviaturas	IX
Índice Quadros	X

Introdução	1
------------	---

### I Parte – Enquadramento Teórico

<b>Capítulo I – Revisão da Literatura</b>	<b>4</b>
1. Nota Introdutória	4
2. Resenha histórica das concepções sobre a educação de crianças com necessidades educativas especiais	4
2.1 As concepções dos professores face aos alunos com necessidades educativas especiais	7
3. Perspetivas sobre a educação inclusiva	12
3.1 Fatores que favorecem uma educação inclusiva	14
3.1.1 Diferenciação curricular	14
3.1.2 Gestão e organização escolar	18
4. Inclusão de alunos com multideficiência	20
4.1 Características e necessidades das crianças com multideficiência	20
4.2 Organização de respostas educativas para crianças com Multideficiência	22
4.3 As unidades especializadas a educação de alunos com multideficiência	26

## II Parte – Estudo Empirico

<b>Capítulo II – Enquadramento e Objeto de Estudo</b>	<b>32</b>
1. Nota Introdutória	32
2. Justificação do estudo	32
3. Problemática, objetivos e questões de estudo	34
4. Plano geral da investigação	37
<b>Capítulo III – Métodos e Procedimentos</b>	<b>38</b>
1. Nota Introdutória	38
2. Contexto metodológico	38
3. Técnicas e instrumentos de recolha e tratamento de dados	39
3.1 Recolha de dados	39
3.1.2. Entrevista	39
3.1.2.1 Condições de aplicação de Entrevista	40
3.2 Tratamento de dados	41
3.2.1 Análise de conteúdo das entrevistas	41
3.2.2 Análise documental	42
4. Contexto do estudo e caracterização do agrupamento	43
5. Caracterização dos participantes	44
<b>Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados</b>	<b>46</b>
Nota Introdutória	46
1. Concepções dos professores face à inclusão de alunos no sistema regular de ensino	46
2. Concepções dos professores face à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	48
2.1 Constrangimentos colocados à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	49
2.2 Condições necessárias à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	50
3. Políticas educativas promotoras da inclusão de alunos com multideficiência	51
3.1. Propostas e condições necessárias à inclusão	53
4. A inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	53

4.1 Condições favoráveis à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	53
4.1.1. Recursos Materiais e adaptações físicas	55
4.1.2. Recurso Humanos (Especialistas, não especialistas, outros)	56
5. Práticas Inclusivas desenvolvidas pelos professores dos ensino regular e professores de educação especial	57
5.1 Condições ao desenvolvimento de práticas inclusivas	59
6. Adequações das práticas curriculares a alunos com multideficiência	62
6.1. Práticas com alunos com multideficiência	63
6.2. Práticas Inadequadas à inclusão de alunos com multideficiência	65
7. A Inclusão de alunos com multideficiência no Agrupamento de Escolas	65
7.1. No 1º Ciclo do Ensino Básico	66
7.2. No 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico	67
8. Diferenças entre as unidades de apoio a educação de alunos com multideficiência	67
9. Vantagens e constrangimentos da Inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	68
10. Condições necessárias na organização escolar para implementação das unidades de apoio a alunos com multideficiência	70
11. Organização do currículo dos alunos com multideficiência	71
12. Articulação e colaboração entre os professores do sistema regular e os de educação especial	72
13. Barreiras ao processo de inclusão de alunos com multideficiência	74
<b>Conclusões finais</b>	<b>76</b>
Limitações do estudo	85
Sugestão de estudos futuros	86
Referencias Bibliográficas	87
Índice de Anexos	94

## Abreviaturas

AC	Análise de Conteúdo
EE	Educação Especial
Fq/UR	Frequência de Unidades de Registo
MD	Multideficiência
NEE	Necessidades Educativas Especiais
UAAM	Unidades de Apoio Alunos Multideficiência
UR	Unidade de Registo

## Índice de Quadros

Quadro 1	- Caracterização dos professores de educação especial	44
Quadro 2	- Caracterização dos professores do regular	44
Quadro 3	- Resultados da análise de conteúdo sobre concepções dos professores face a inclusão de alunos no sistema regular de ensino	46
Quadro 4	- Resultados da análise de conteúdo sobre concepções dos professores face a inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	48
Quadro 5	- Resultados da análise de conteúdo sobre políticas educativas promotoras de inclusão de alunos com multideficiência	51
Quadro 6	- Resultados da análise de conteúdo sobre condições favoráveis à inclusão	53
Quadro 7	- Resultados da análise de conteúdo sobre professores e práticas inclusivas	57
Quadro 8	- Resultados da análise de conteúdo sobre condições ao desenvolvimento de práticas inclusivas com alunos com multideficiência	59
Quadro 9	- Resultados da análise de conteúdo sobre as adequações das práticas curriculares com alunos com multideficiência	62
Quadro 10	- Resultados da análise de conteúdo sobre a inclusão de alunos com multideficiência no agrupamento	65
Quadro 11	- Resultados da análise de conteúdo sobre vantagens e constrangimentos de inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino	68
Quadro 12	- Resultado da análise de conteúdo sobre condições necessárias na organização escolar para a implementação de unidades de apoio a alunos com multideficiência	70
Quadro 13	- Resultados da análise de conteúdo sobre a articulação e colaboração entre os professores do ensino regular e os professores de educação especial	72
Quadro 14	- Resultados da análise de conteúdo sobre as barreiras ao processo de inclusão de alunos com multideficiência no contexto escolar	74

## Introdução

Os princípios e valores democráticos e humanitários que sustentam a política de educação para todos, sem exclusões, apontam para a possibilidade da rutura com a escola tradicional (Rodrigues, 2003) e para a conquista de uma sociedade solidária que respeite, valorize e conviva com a diversidade.

A diversidade da população escolar é, no fundo, a questão central da complexa relação da escola com a sociedade. Diariamente os professores deparam-se com situações de diversidade a nível sociocultural de alunos e de contextos, a nível de ritmos de aprendizagem, a nível de comprometimentos mais graves do desenvolvimento..., esta realidade está a tornar-se mais norma do que exceção.

Muitas das atuais questões educativas centram-se assim, direta ou indiretamente, na diversidade dos alunos, particularmente evidentes e interpretadas ainda como problemáticas, no quadro da massificação escolar, e na conseqüente emergência e dificuldade da escola, enquanto instituição curricular e, dos professores enquanto profissionais do currículo, responderem de forma adequada às funções socialmente esperadas.

Os conceitos de diversidade e inclusão estão subjacentes e são determinantes na forma como evoluímos e como entendemos a realidade em que vivemos, no entanto os mesmos deparam-se com significativas barreiras quando são transpostos para o domínio da Cultura e da Educação.

Considerando que à escola é atribuído como objetivo primeiro responder às necessidades de todos os seus alunos, baseando-se o princípio da inclusão na premissa de que a criança é vista como um todo e não apenas pelo seu desempenho académico (Correia, 1997). Esta perspetiva remete-nos para o problema da igualdade de oportunidades educativas, referindo também por Correia (1997), em que os

objetivos de educação são os mesmos para todos os alunos, diferindo apenas nos meios proporcionados para que todos os atinjam.

Esta tarefa não é fácil, representando um desafio para os professores que, muitas vezes confrontados com limitações quer humanas, quer materiais, e com a carência ao nível da sua própria formação profissional, tentam reinventar uma nova forma de ensinar em que os alunos com necessidades educativas especiais fazem parte integrante de uma escola para todos. Mas um facto é que nem sempre este processo é pacífico e muito menos rápido, implica uma mudança profunda de atitudes até que a escola, como a sociedade possam de facto encarar a diversidade como uma mais-valia para o seu desenvolvimento global.

De acordo com as novas políticas educativas de inclusão passamos a ter nas nossas escolas alunos com multideficiência. Face às elevadas restrições colocadas a estes alunos, a decisão sobre a sua inclusão nas escolas do ensino regular, nem sempre foi pacífico. As especificidades que apresentam, associadas à necessidade de recursos materiais e humanos diferenciados, bem como de mudanças estruturais e atitudinais, têm provocado pouca unanimidade nas opiniões dos diversos agentes educativos.

Neste contexto pretende-se com este estudo contribuir para o esclarecimento da problemática da multideficiência nas escolas do ensino regular e perceber quais as concepções dos professores sobre a inclusão destes alunos na escola regular

O presente trabalho encontra-se estruturado em duas partes, enquadramento teórico e estudo empírico contemplando no total cinco capítulos. No enquadramento teórico procede-se a uma revisão da literatura, que nos levou à compreensão dos conceitos que nos parecem fundamentais à inclusão de alunos com multideficiência. Esses referem-se a representações sociais, o conceito das diferenças, uma perspetiva sobre inclusão, diferenciação curricular e ainda uma abordagem a inclusão de alunos com multideficiência.

O capítulo, problemática de investigação e objeto de estudo, apresenta a justificação da escolha do tema, bem como o levantamento das questões que desencadearam este estudo. É neste capítulo que estão definidos os objetivos e onde se centram os aspetos metodológicos, com a pretensão de descrever e justificar as decisões tomadas relativamente à conceção do estudo.

No capítulo de métodos e procedimentos são descritos os métodos e os procedimentos utilizados na recolha e análise de dados, sendo dadas a conhecer as técnicas e instrumentos utilizados.

Os dois últimos capítulos, correspondem à discussão dos resultados e à apresentação das conclusões finais

Por fim, constam do trabalho as referências bibliográficas e os anexos referentes à recolha de dados e aos processos de sistematização dos mesmos.

## I Parte – Enquadramento Teórico

### Capítulo I – Revisão da Literatura

#### 1. Nota Introdutória

Tendo a escola como objetivo responder às necessidades de todos os seus alunos, independentemente da raça, religião ou condição física e intelectual, colocam-se novos desafios aos professores aos quais se propõe a criação de igualdade de oportunidades educativas para todos alunos.

Neste capítulo, será feita uma revisão da literatura sobre conceitos, que, nos parece fundamental à inclusão de alunos com multideficiência (MD), tais como as concepções dos professores sobre alunos com necessidades educativas especiais (NEE), o conceito das diferenças, uma perspetiva sobre inclusão, diferenciação curricular e ainda uma abordagem à inclusão de alunos com multideficiência.

#### 2. Resenha histórica das concepções sobre a educação de crianças com necessidades educativas especiais

Na história da humanidade tem havido a contínua tentativa de assumir a diversidade e, por inerência, a diferença, através de práticas sócio - culturais de segregação, ou por tentativas de inclusão dos indivíduos considerados diferentes. É um facto que a sociedade encontra grandes dificuldades em lidar com o que é diferente, ou seja, com aquilo que se afasta dos padrões estabelecidos e reconhecidos como normais.

A percepção da diferença, quer seja de natureza física, mental ou cultural, encontra-se associada habitualmente a um sentimento de incompreensão e, por vezes, de intolerância que a transforma na maioria das vezes em facto de exclusão. Paradoxalmente é a diversidade de características e capacidades humanas que é dominante, quer entre indivíduos, quer em diversos momentos da vida de cada indivíduo. A constatação da diversidade humana enquanto situação normal, apresenta-se como uma estratégia eficaz na destruição de preconceitos.

Segundo Shweder (cit. in Stoer & Magalhães, 2001) todas as sociedades, todos os grupos sociais, ao construírem os seus mecanismos de socialização e aculturação assumem quadros culturais, nos quais os indivíduos se reconhecem e são reconhecidos como elementos pertencentes a esse grupo, a essa sociedade. Com isto vão desenvolver-se valores e padrões de comportamento e de atitudes que delimitam o “nosso” como “normal” sendo o conhecimento originado e transmitido também enquadrado culturalmente.

Desde os tempos mais remotos, que os indivíduos portadores de necessidades educativas especiais vêm sendo marcados por práticas extremistas face à sua diferença, chegando mesmo a ser alvo de ações injustificadas como as verificadas em Roma, Antiga Grécia ou Esparta onde as crianças ao nascerem, com a condição de deficiência física, eram colocadas nas montanhas, atiradas ao rio ....

Durante a Idade Média muitos dos indivíduos que apresentavam deficiências físicas e mentais eram relacionados a imagem do diabo e da bruxaria o que levava a perseguição, julgamento e mesmo à sua execução.

No século XIX começa a tentativa de se ajustar a criança deficiente (como eram chamados na altura) à sociedade. É nesta altura que começam aparecer alguns estudos médicos sobre os “diferentes”.

No início do século XX a perspetiva do conceito de diferente começa a mudar mas a segregação e exclusão social mantêm-se. Com o aparecimento das escolas especiais, as crianças são rotuladas e segregadas em função da sua deficiência. Com as guerras mundiais associadas às grandes mudanças de mentalidades ocorridas nos anos 60, a sociedade teve que ter adotar um novo olhar sobre os indivíduos com deficiência.

A Organização das Nações Unidas, declara em 1981 como o Ano Internacional das Pessoas com Deficiência, e a Carta para os Anos 80, proclamada pela Rehabilitation International e recomendada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, contribuíram para o aprofundamento das concepções e das práticas relativamente à inclusão social. Foram ainda definidas metas á participação total e a igualdade para as pessoas com deficiência de todo o mundo, ou seja o direito de partilhar a vida social normal da sua comunidade, com tudo o que lhe está subjacente

Neste século vêem-se grandes transformações, principalmente o chamar de responsabilidade para a sociedade dos indivíduos com a condição de deficiência, considerando que poderiam ter as mesmas oportunidades que os restantes indivíduos. É neste período que se elaboram políticas educativas referentes às crianças com necessidades educativas especiais. Com a evolução do conceito de necessidades educativas especiais e o facto da escola ter de se adaptar à diversidade e heterogeneidade dos seus alunos, fez dar expressão a nova realidade e ao conceito de inclusão.

Para o desenvolvimento da educação inclusiva, a Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais, organizada pela UNESCO, em Junho de 1994, na cidade de Salamanca, foi importante e informativa. Esta Conferência, para além de oferecer uma perspetiva totalmente inclusiva, baseou-se na premissa da igualdade de oportunidades para todos os seres humanos. Segundo a UNESCO (1994), para uma maior igualdade de direitos, onde todos os alunos devem aprender juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentam. As escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com toda a comunidade.

Segundo Marchesi (2010) o conceito de escolas inclusivas supõe uma maneira mais radical de entender a resposta educativa à diversidade dos alunos que para este autor baseia-se fundamentalmente na defesa de seus direitos à integração e na necessidade de promover uma profunda reforma nas escolas, que torne possível uma educação de qualidade para todos os alunos, sem nenhum tipo de exclusão.

O objetivo da escola é promover a educação para todos de forma a garantir a educação de crianças e jovens, com necessidades educativas especiais, de etnias ou raças diferentes. O modelo de escola para todos implica mudança de atitudes e práticas de forma a reconhecer a heterogeneidade dos alunos.

As escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as diferentes necessidades dos seus alunos adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades.

As sociedades de acordo com os seus padrões culturais, normas e valores encontraram formas de lidar com as diferenças individuais. O Homem tem sofrido várias transformações que o tem levado a modificar a sociedade grande parte em termos de atitudes e práticas face à diferença. A escola é um lugar por excelência dessas modificações.

### **2.1.As concepções dos professores face aos alunos com necessidades educativas especiais**

O facto de se viver em sociedade leva a que o Homem faça uma avaliação do contexto e do envolvimento levando por si só à apreciação de condutas e relações. Como refere Fonseca (1989) toma consciência da sua forma de estar no mundo «dar consciência ao seu estar no mundo». As representações sociais e os valores são organizados pela forma como uma determinada sociedade “pensa e se pensa” e também consoante as suas preferências e maneiras organizadoras de ação.

Ao falar de comportamentos sociais temos que desencadear todos processos que provem dessa ação. As interações sociais que os indivíduos desenvolvem entre si, (enquanto seres inseridos numa determinada cultura com valores, regras, tabus e preconceitos) dependem das atitudes que tomam face às várias interações que realizam dentro de determinados contextos culturais e às suas próprias experiências

sociais. A significação do comportamento baseia-se na forma como o indivíduo pensa, o que resulta desse pensamento e a finalidade que faz dele.

O comportamento apresenta uma variável de processos psicofisiológicos que constituem a unidade de conduta do Homem (Fonseca, 1988). Todas as transformações individuais, as próprias experiências pessoais, fazem com que o indivíduo crie imensas percepções daquilo que o rodeia, sendo que as suas respostas (comportamentos) dependem dessas percepções, criando juízos de valores e atitudes face a cada uma delas.

A aprendizagem do comportamento está inscrito num processo sociocultural e depende da forma como o indivíduo responde a esses comportamentos, face aos contextos onde se insere. As representações sociais provenientes do comportamento são compostas por um conjunto de conceitos, crenças e valores e regras que um indivíduo ou um grupo de indivíduos representam e estabelecem dentro de uma determinada sociedade.

Sendo as representações sociais um conjunto de comportamentos e de expressões simbólicas, estas devem ser analisadas segundo duas perspetivas: uma que regula os comportamentos e as relações intergrupais e outra como o conhecimento se torna cognitivamente acessível ao indivíduo. Segundo Vala (1993), as representações imprimem direção às relações intergrupais: previamente à interação, cada grupo dispõe já de um sistema de representações que lhe permite antecipar os comportamentos do outro e programar a sua própria estratégia de ação.

Isso significa que o ser humano ao tentar adequar comportamentos às diferentes situações que lhe surgem, vai produzir interpretações sobre si, sobre os outros e ainda no meio, o que pode por vezes produzir situações não muito adequadas e até contraditórias, uma vez que os contextos são diferenciados e complexos e que por si só podem dificultar a interação.

Esta complexidade de interação social (Vala, 1993) pode gerar dissonância cognitiva pelo facto contraditório das crenças, atitudes e valores que o indivíduo representa. Por vezes os discursos proferidos são uns e as práticas são outras. A representação social que o indivíduo faz, tem sempre como referência o conjunto de crenças e atitudes face ao outro e a forma como perspetiva as suas experiências tendo como função formar e orientar tanto a comunicação como os comportamentos.

As representações sociais podem desempenhar funções relevantes no indivíduo (Moniz, 2008), tais como produção de conhecimento sobre a realidade social, orientação e justificação das ações e interações, diferenciação e identidade social. Este mesmo autor cita Vala (1986), Jodelet (1989) e Doise (1986), referindo que estes autores consideram que através da organização significativa do real, os indivíduos poderão restabelecer a ordem da realidade social na medida em que esta se torna passível de ser interpretada.

Os seres humanos são diferentes entre si pelo simples facto de serem pessoas com características individuais muito específicas inerentes a cada um. A diversidade individual e cultural é-lhes inerente e contribui para o enriquecimento comum. Como consequência, existem formas diferentes de sentir, pensar, viver e comunicar. É esta diversidade que enriquece a semelhança essencial que tem todas as pessoas. Existem várias formas de encarar a existência de diferenças advindas da diversidade que existe nas comunidades humanas. Nesta perspetiva o que muda é a atitude perante essa diversidade e diferença, são os valores por que nos referenciamos e condicionam a nossa forma de pensar e agir.

O pensamento social influencia as interações sociais dos indivíduos através das ações que desencadeia. A influência social (Secord & Backmam, 1964 cit. al Vala, 1993) ocorre quando as ações de uma pessoa são condição para ações de outra.

A este respeito Vygotsky (cit. al. Vala, 1993) defende que os processos cognitivos não são processos exclusivamente individuais, de que a génese do pensamento se encontra na interação social e conclui que pensamento é uma forma de interação social. Também este autor refere que as representações sociais podem ser estudadas sob dois caminhos: um com vista no quadro da «meta-representação sobre o indivíduo» (a posição que o individuo tem enquanto ser único composto por características muito próprias e com uma história genética) o outro considerando as atribuições sobre um comportamento ou fenómeno social (ser inserido dentro de uma sociedade composta por regras e cultura própria). Esta dialética vai formar o comportamento e conseqüentemente uma avaliação desse mesmo comportamento face às várias situações em que o indivíduo está exposto, e ao mesmo tempo vai levar a sua forma de pensar e as percepções que o individuo faz sobre aquilo que o rodeia.

As representações sociais no campo educativo explicam-se tendo em conta (Moniz, 2008) a interação de fatores de ordem psicológica e de fatores que resultam das pressões sociais exterior. Sendo assim, a Escola constrói as representações sociais, influenciada por todos aqueles que dela fazem parte, transportando consigo valores culturais e sociais e ainda por influências da própria escola e da sua organização. Para Moniz (2008) a escola é chamada a construir a contemporaneidade, através de conjunto de representações sociais (da própria escola, dos pais, dos professores, dos alunos, da comunidade) e estas vão pressionar a escola, a realidade, para incluir todas as diversidades de que são portadoras as sociedades, e logo os alunos, a razão de ser da escola.

Para Perrennoud (1995) aceitar que a escola seja o lugar de uma vida relacional intensa, é completamente estranha à lógica do ensino e da aprendizagem e não deixa de ter consequências pedagógicas do ponto de vista da interpretação das atitudes. Este autor refere que a escola dota-se de poucos meios para desenvolver ou suscitar aprendizagens tipo relacional. Refere ainda que a escola é um lugar de excelência onde se realizam estas aprendizagens. A escola impõe uma determinada representação a ser mobilizada na interação professor – aluno, impondo assim um modelo relacional.

Barbosa (1997) apresenta a situação pedagógica como estrutura do ato educativo e resultante da relação que se estabelece entre os intervenientes no processo de ensino-aprendizagem. Para este autor, a análise da relação pedagógica está subordinada a três dimensões importantes: a sociologia, a psicologia e a comunicativa. Ou seja, a nossa ação é comandada pelo pensamento e pela relação que nós próprios estabelecemos sobre os objetos e sobre tudo aquilo que nos rodeia.

Para Postic (2008) a relação pedagógica não é única nem uniforme, depende da forma como se efetua o ato de ensinar, e difere também da relação que se estabelece entre o professor e o aluno. Pode depender ainda de fatores institucionais, de categorias de ensino, de condições sociológicas próprias do tipo de estabelecimento ou da população que o frequenta.

Na perspetiva de Berbaum (1992, cit. in Coito, 2000), as representações sociais são definidas como “uma imagem mental de uma realidade, que é construída para podermos agir sobre essa realidade”. Este autor refere que as representações sociais, enquanto perspetivada desta forma, interferem na relação pedagógica e que a

situação pedagógica, por sua vez, serve de cenário para a construção de representações mútuas.

Tendo como referencia os diversos estudos desenvolvidos por Gilly, Postic (1990), reporta a origem das representações à função social do professor e ao seu papel profissional. O docente é levado a ter em conta os resultados dos alunos face às suas expectativas profissionais, esperando que o aluno preencha o papel que a instituição escolar lhe reserva. Ainda segundo Coito (2000) o processo educativo decorre através de relações interpessoais que envolvem processos de categorização para simplificar a relação e orientar os comportamentos, procurando estabilidade para a relação.

O professor enquanto ser humano apresenta uma cultura própria que, por vezes, pode gerar algumas atitudes e comportamentos próprios dessa cultura. Muito antes de ser professor, ele é um indivíduo com características muito próprias, o que faz com que se desencadeie o paradigma do pensamento do professor. Como refere Ainscow (2002) enquanto professores, devemos lembrar-nos, que as escolas, são influenciadas pelas percepções do status socioeconómico, da raça, da língua e do sexo. Naturalmente é necessário questionar a forma como estas percepções influenciam a dinâmica da sala de aula. Deste modo, os métodos atuais, caracterizados por uma discussão restrita, devem ser alargados a forma de como a orientação baseada na deficiência influencia o modo como encaramos a “diferença”. Como professores, devemos questionar e perguntar em que medida esta orientação influencia a nossa percepção dos alunos que acabam por ser considerados como especiais.

Como foi referido as crenças exprimem percepções e pensamentos que funcionam como filtros na interpretação da realidade, podendo influenciar o comportamento do professor em relação a esse aluno. Assim, as crenças que o professor tem sobre os alunos com necessidades especiais influenciam o seu modo de ensiná-los e a relação que estabelece com este. Essas crenças são resultantes das representações que foram construídas ao longo da história sobre a criança com necessidades especiais que, muitas vezes, têm em sua base rótulos e estigmas. Assim, ao entrar na escola tanto esse sujeito como os professores terão que se defrontar com essas representações e enfrentar o desafio de superá-las. Um facto é que, as representações que o professor tem acerca deste aluno definirão a forma de relação entre eles e, em consequência, as possibilidades de desenvolvimento do aluno.

Sendo a sala de aula um mundo complexo de interações onde professores e alunos se têm de adaptar e considerando o ensino e a aprendizagem como processos interativos, torna-se essencial a compreensão do papel da escola no desenvolvimento global de todos os alunos.

O entendimento da percepção e da vivência dos professores sobre os alunos com necessidades educacionais especiais, a análise dos preconceitos existentes e a consciencialização dos professores sobre seu papel na inclusão, são fatores importantes e determinantes para o processo de desenvolvimento educacional pleno desses alunos.

### **3. Perspetivas sobre a educação inclusiva**

A escola reflete vários aspetos inerentes a uma dada sociedade, tais como os seus valores, as suas práticas e a sua cultura. A escola vai permitir que os alunos foquem os seus próprios valores e construam outros de acordo com as práticas vigentes do contexto escolar onde se encontram inseridos, valores que vão ter um papel importante ao longo da sua vida.

A escola inclusiva apresenta uma rutura com os valores da escola tradicional. Promove uma educação para todos independentemente da cultura, das capacidades e da evolução dos seus alunos, da sua diversidade e heterogeneidade. Os fundamentos teóricos – metodológicos da inclusão escolar, centralizam-se numa conceção de educação de qualidade para todos e no respeito da diversidade de todos os alunos.

A declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) refere que “ *o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em que todos os alunos devem aprender juntos sempre que possível, independentemente das diferenças que apresentam. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem de modo, a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar de estratégias pedagógicas diversificadas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as despectivas comunidades*”.

Segundo Correia (1997) o princípio de inclusão aponta para que de um modo geral todos os alunos, com as mais diversas capacidades e interesses, características e necessidades possam aprender juntos, para que seja dada atenção ao seu desenvolvimento global e que se crie um verdadeiro sentido de igualdade. Por outras palavras, é uma educação para e para cada um (Rodrigues, 2005) na medida em que cada aluno, graças a uma pedagogia diferenciada, encontra na escola propostas de trabalho adequadas às suas capacidades.

A conceptualização de escola inclusiva deve ser vista como parte integrante da panorâmica geral de escola, assistimos assim a um movimento cujo objetivo principal consiste em reestruturar as escolas de modo a que respondam às necessidades de todas as crianças. É uma escola que reconhece a diferença, trabalha com ela para o desenvolvimento e dá-lhe um sentido de dignidade e funcionalidade – encara a diversidade como um facto de enriquecimento e de desenvolvimento.

Numa sociedade inclusiva a educação tem um peso fundamental na sua promoção, implica o desenvolvimento de atitudes, valores, práticas, entre outros, onde estão subjacentes os direitos que qualquer indivíduo possa ter dentro de um qualquer contexto social. Para Rodrigues (2005) o conceito de inclusão no âmbito específico da educação implica, rejeitar, por princípio a exclusão. (presencial ou académica) de qualquer aluno da comunidade escolar. A escola que pretende seguir uma política de educação inclusiva desenvolve políticas, culturas e práticas que valorizam o contributo ativo de cada aluno para a construção de um conhecimento construído e partilhado e assim atingir a qualidade académica e sociocultural sem discriminação.

Ainda segundo, Rodrigues (2003), estar incluído é muito mais que uma presença física: é um sentimento e há uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, isto é, o jovem sente que pertence à escola e a escola sente que é responsável por ele. Este autor ainda refere que inclusão é um novo paradigma de escola organizada em conformidade com um conjunto de valores de respeito, solidariedade e qualidade para todos os alunos.

A escola proporciona uma interação entre a população escolar muito diversificada e ao mesmo tempo promove uma oportunidade para que uma parte significativa da população escolar possa beneficiar da riqueza que o convívio com a diferença proporciona.

A educação inclusiva parte do pressuposto de que todos os alunos estão na escola para aprender e, por isso, participam e interagem uns com os outros, independentemente das dificuldades mais ou menos complexas que alguns possam evidenciar e às quais cabe à escola adaptar-se, nomeadamente porque esta atitude constitui um desafio que cria novas situações de aprendizagem. Nesse sentido, a diferença é um valor (Ainscow, 1998) e a escola é um lugar que proporciona interação de aprendizagens significativas a todos os seus alunos, baseadas na cooperação e na diferenciação inclusiva.

A participação ativa do aluno com necessidades educativas especiais, independente da sua problemática, é possível quando o professor o percebe como sujeito de aprendizagem e organiza propostas didáticas que favoreçam essa participação. Os professores que enfrentam o desafio da inclusão percebem que este processo modifica a vida escolar e a relação com os demais membros da sua escola, modificando inclusive a sua formação pessoal e profissional

### **3.1 Fatores que favorecem educação inclusiva**

Existem alguns estudos recentes, que veem referenciar condições que favorecem a educação inclusiva no contexto escolar. Estes estudos referem a atitude da comunidade educativa, a flexibilidade curricular, a organização escolar, a formação e a existência de um projeto compartilhado. Pretendemos apresentar aqueles fatores que nos fazem sentido no presente trabalho.

#### **3.1.1 Diferenciação curricular**

Ensinar o quê? Para quê? São questões curriculares particularmente problemáticas quando se discute a escola no âmbito das dificuldades (deficiência, género, etnia, pobreza, cultura,...) e quando se pretende desmontar o conceito de Inclusão, no

contexto do vocabulário escolar, tendo presente que o mesmo encontra o seu sentido no conceito de exclusão que se encontra ora ativo ora latente na escola que temos.

À medida que as economias crescem e se complexificam intensificam-se as exigências dos mercados de trabalho, em relação às competências dos diferentes profissionais. O uso que o indivíduo fazia dos conhecimentos e informações que possuía para um determinado trabalho, ainda pouco diferenciado há algumas décadas atrás, corresponde atualmente à necessidade de um aperfeiçoamento rigoroso e de uma especificidade eficaz das competências.

O formato de ensino atual e o currículo predominante baseiam-se num modelo de pensamento centrado nos conteúdos a “dar”, encarados enquanto fins em si mesmos, desvalorizando-se a finalidade que orientou a sua integração no currículo. Assim, as competências que se pretendem alcançar não são devidamente reconhecidas.

Segundo Roldão (2003) ensinar, ou fazer com que alguém aprenda, tem sido muito largamente rejeitado em favor de “dar matérias”. Sendo este ato realizado predominantemente pela via da fala do professor, apoiada num manual que segue ou faz seguir, com uma certa sequência de conteúdos. É certo que por vezes se esquecendo do verdadeiro papel que cabe à escola. Ou seja garantir que se aprenda aquilo de que se vai precisar, pessoal e socialmente, para uma boa integração social ou, pelo menos, aceitável.

Os conteúdos são fundamentais para permitir que o indivíduo adquira conhecimentos de que antes não dispunha, no entanto, é o saber fazer e o saber usar adequadamente os conteúdos que vai permitir ao indivíduo tornar-se mais competente, concretizando os conhecimentos na aplicação, na análise, na interpretação, no pensamento e na ação, tanto no que diz respeito ao saber fazer, como na projeção que o aperfeiçoamento das competências tem, inevitavelmente, na vida pessoal, social e profissional.

A ideia competencializadora está associada à escolarização, segundo Roldão (2003), é justamente a competência (...uso que se faz dos conhecimento e informações que se possui) que constitui a meta a alcançar pelo currículo escolar – ou ele seria destituído de razão.

Ensinar ou seja, fazer com que alguém aprenda, é a verdadeira finalidade da escola, no entanto, a tradição de ensino que as práticas predominantes garantiram, durante décadas sucessivas, contribuíram de forma determinante para a desvalorização da referida finalidade.

Ensinar o quê? Para quê? É a verdadeira questão curricular. As competências que a escola enquanto instituição curricular e os professores enquanto profissionais do currículo ajudam, ou não, a construir em cada um é, provavelmente, uma boa possibilidade de investigação para um melhor entendimento entre a escola e a sociedade.

*“Na escola tradicional a diferença é proscrita para a escola especial. A escola integrativa procura responder à diferença desde que ela seja legitimada por um parecer médico-psicológico, ou seja, desde que seja uma deficiência no sentido tradicional. A escola inclusiva procura responder, de forma apropriada e com alta qualidade, à diferença em todas as formas que ela possa assumir.” (Rodrigues, 2001, p. 19)*

À medida que a escola se vai deparando com novos problemas sociais, novas responsabilidades são lhe atribuídas. Neste processo de mudança várias questões emergem e torna-se fundamental valorizar as que apontam para a necessidade de redimensionar as políticas educativas e sociais. Segundo Leite (2011) a diferenciação curricular consiste num conjunto de ações curriculares colocadas a diferentes níveis – políticas curriculares, organizacionais, práticas educativas e organização de aprendizagens que tem como objetivo ter em conta a diversidade de população escolar para assim promover o sucesso das suas aprendizagens.

Segundo Rodrigues (2005) «a escola pública foi criada para concretizar a quimera da “igualdade de oportunidades”. Dando a todos os alunos o mesmo currículo, ter-se ia a garantia que eles tinham uma base comum de partida, partiriam de circunstâncias iguais para travarem a batalha da seleção dos melhores.

No contexto da educação inclusiva, pode-se entender a flexibilidade como a resposta educativa que é dada pela escola para satisfazer as necessidades educativas de um aluno ou de um grupo de alunos, dentro da sala de aula do regular, na medida em que o que se faz ou deve-se fazer são ajustamentos, adequações do currículo existente às necessidades do aluno.

Sendo o Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB) “o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com os objetivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo”. É importante ressaltar que flexibilizar/adaptar o currículo, não significa simplificá-lo ou reduzi-lo, mas torná-lo acessível, o que é muito diferente de empobrecê-lo.

O processo de flexibilidade, tão pouco pode ser entendido como uma mera modificação ou acréscimo de atividades complementares na estrutura curricular, pois há aprendizagens imprescindíveis a todos os alunos das quais não podemos abrir mão. Há saberes que são essenciais como base para outras aprendizagens e que devem ser mantidos, como garantia de igualdade de oportunidades de acesso a outras informações, portanto fundamentais para a construção do conhecimento. Se o que procuramos é a igualdade de oportunidades, temos que aumentar a qualidade da educação que oferecemos e não diminuí-la.

Segundo Roldão (1999 cit in Leite, 2011) a flexibilidade do currículo não tem que implicar uma limitação das aprendizagens a realizar, uma vez que pode ser desenvolvida através de alterações qualitativas e não forçosamente quantitativas, pelo contrário, esta autora refere ainda que este deve ter como finalidade última, garantir que as competências de saída de cada ciclo de escolaridade sejam alcançadas por todos os alunos, ainda que através de diferentes percursos.

Efetivamente o grande desafio com que as escolas de hoje se deparam é o de encontrar formas de responder às necessidades educativas de uma população escolar cada vez mais heterogénea, de construir uma escola efetivamente inclusiva, ou seja uma escola que a todos aceite e trate de forma diferenciada, uma escola de qualidade e colaborativa que promova uma educação para todos.

Rodrigues (2005) refere que o currículo é considerado o aspeto mais central que deve ser tomado em conta quando procuramos realizar alterações na escola no sentido da inclusão. Este autor refere ainda que a diferenciação curricular que se procura na inclusão é a que tem lugar num meio em que não se separa os alunos com base em determinadas categorias, mas que se educam os alunos em conjunto, procurando aproveitar o potencial educativo das suas diferenças, em sumo, uma diferenciação na classe assumida como um grupo heterogéneo.

Se a “diferença é comum a todos”, então temos intervir junto de todos os alunos com estratégias de intervenção ensino aprendizagem diversificadas, visto que o pressuposto pedagógico da educação inclusiva passa claramente pela oferta de oportunidades de aprendizagens diversificadas.

### **3.1.2 Gestão e organização escolar**

A perspetiva de inclusão em contexto escolar traduz-se pela capacidade da escola em dar respostas eficazes à diferença de aprendizagem dos alunos. A escola tem que ser um espaço de trocas o qual favoreça o ato de ensinar e de aprender, e deverá, criar condições para que todos participem do processo de construção do conhecimento independente de suas características particulares. A inclusão requer também mudanças significativas na gestão da escola, tornando-a mais democrática e participativa, compreendendo o espaço da escola como um verdadeiro campo de ações pedagógicas e sociais, no qual as pessoas compartilham projetos comuns, na qual passa para além dos portões da escola.

Para Figueiredo (2010) a escola inclusiva tem como princípio fundamental compartilhar liderança e estimular a troca de experiências, minimizando as dificuldades do contexto e dos alunos e favorecendo as mudanças necessárias na gestão da sala de aula e das práticas pedagógicas.

A mudança na escola, que esta implícita na escola inclusiva implica uma aprendizagem sobre as novas formas de perceber a escola, Lemos (2008 cit in Capucha, 2008) sobre os contributos dos diferentes parceiros e o desencadear de mecanismos de ação necessários a um ensino com qualidade. Ainda segundo Hargreaves (1994) estas mudanças tem consequências significativas na educação tanto ao nível da colaboração entre professores, mudança organizacional e mesmo na autonomia de escola.

As direções e as estruturas intermédias das escolas têm um papel fundamental na criação de oportunidades do qual dependerão muitas das medidas essenciais ao sucesso educativo de todos os alunos. Correia (2003 cit. in Lima, 2005), refere que numa escola inclusiva, os líderes tem um papel importante quanto ao

comprometimento e à partilha de responsabilidades com todo o corpo educativo da escola, no que se refere à planificação e à consecução dos objetivos, que levam ao sucesso escolar de todos e de cada um dos alunos. Estas atuações passam pela organização, gestão de recursos, orientação educativa e partilha da tomada de decisões, sendo só assim possível criar ambientes favoráveis onde os professores possam promover práticas colaborativas e reflexivas desenvolvendo intervenções adequadas

Para as direções responsáveis pela gestão das escolas é um grande desafio encarar as incompatibilidades, os paradoxos, as dúvidas que coabitam no interior da escola, devido essencialmente ao facto de ainda existirem na escola um conjunto de valores tradicionais que dificultam a adoção dos valores da escola inclusiva. A liderança, assim como a forma como é exercida, atravessam transformações extraordinárias. À medida que as estruturas tradicionais definham e novas estruturas emergem, estes novos padrões de mudança são por vezes celebrados em apologias da aquisição de poder pessoal ou da aprendizagem ou desenvolvimento organizacionais (Hargreaves p. 25, 1994).

A Educação Inclusiva consiste em promover uma Educação para Todos com qualidade e colaborativa. Esta só existe se ocorrer ao nível da organização escolar, formação do professor e mesmo do currículo. Pensar em inclusão envolve pensar, entre outros aspetos Lima (2005), em novos paradigmas educacionais, em concepções diferenciadas de ensino e de aprendizagem, em valores humanos, em políticas de financiamento, em projetos político - pedagógicos e em capacitação do docente.

A escola quando se assume como organização participada funciona cada vez mais numa lógica de projeto Lemos (2008 cit in Capucha, 2008). A escola deve mobilizar os conhecimentos dos vários intervenientes educativos, de forma a permitir a partilha de saberes e competências e assim desenvolver um planeamento adequado a que organização – escola necessita, para dar resposta aos vários problemas que enfrenta.

## **4. A inclusão de alunos com Multideficiência**

Neste ponto, iremos referir as características e as necessidades dos alunos com multideficiência e dos modos como se deve promover uma resposta educativa facilitadora da sua inclusão em contexto escolar.

### **4.1 Características e necessidades das crianças com multideficiência**

A criança com multideficiência apresenta necessidades educativas especiais de carácter prolongado que se enquadram no domínio cognitivo, sensorial e/ou motor. Esta é uma problemática que apresenta um quadro complexo e muito específico. Poder-se-á, portanto, dizer que a multideficiência é mais do que uma mera combinação ou associação de deficiências

Quanto ao conceito em si, Orelove e Sobsey (2000 citados por Amaral, Saramago, Gonçalves, Nunes & Duarte, 2004) definem as pessoas com multideficiência como sendo indivíduos com limitações acentuadas no domínio cognitivo, que requerem apoio permanente e que têm associado limitações no domínio sensorial (visão ou audição) ou no domínio motor, podendo ainda necessitar de cuidados de saúde específicos. Estas limitações impedem a interação natural com o ambiente, colocando em grave risco o acesso ao desenvolvimento e à aprendizagem.

Nunes (2001) considera que a multideficiência é mais do que uma mera combinação ou associação de deficiências constituindo um grupo muito heterogéneo entre si, apesar de apresentarem características específicas/particulares.

Considera-se que a criança com multideficiência apresenta algumas características que condicionam o seu desenvolvimento, nomeadamente a combinação e gravidade das deficiências, a própria idade em que surgem, adequação dos apoios recebidos, as experiências vivenciadas, a forma como acede à informação e aos recursos. Há que ter em conta ainda, as interações com o contexto e as próprias exigências do meio onde está inserido.

Com esta afirmação podemos concluir que os alunos com multideficiência podem evidenciar características muito diversificadas que resultam da junção das suas limitações, da idade em que estas limitações surgem e pelas experiências vividas por si. Embora possam apresentar características diversificadas poderemos considerar que existem características que são comuns a todos os alunos com multideficiência. Estes alunos apresentam:

- Acentuadas limitações ao nível das funções mentais;
- Acentuadas dificuldades ao nível da comunicação e da linguagem;
- Dificuldades na mobilidade;
- Limitações nas funções visuais e auditivas;
- Problemas de saúde física.

Estas crianças apresentam limitações cognitivas, motoras e sensoriais e dificuldades de comunicação. Nas limitações cognitivas, sentem dificuldade em prestar atenção e selecionar estímulos relevantes; generalizar competências; aceder e tratar a informação. Nas dificuldades motoras e sensoriais, apresentam restrições no movimento; baixa visão, cegueira ou surdez e limitações na participação e atividade. Em termos de dificuldades de comunicação, demonstram poucas experiências de interações sociais; fraca compreensão de linguagem verbal e ausência de mediação.

Podemos dizer que de uma maneira geral, as características destas crianças dependem das suas condições de saúde e dos fatores ambientais e que estes podem assumir-se como facilitadores ou como barreiras. Todos nós temos necessidades básicas que são comuns a todas as pessoas independentemente das suas características pessoais. A única diferença prende-se com o facto de que as pessoas com deficiência não têm condições específicas para que, de uma forma independente, consigam responder ou satisfazer todas as suas necessidades básicas.

Os alunos com multideficiência têm necessidade de viver experiências significativas, precisam de oportunidades para interagir com pessoas e objetos, de aprender em contextos naturais, alargar a sua participação em atividades e desenvolver competências que lhes proporcionem um futuro melhor. Estas crianças precisam de constante estimulação, de numerosas oportunidades de interação e de parceiros que

comuniquem com elas de forma adequada em contextos reais, de modo a reforçar as suas tentativas de interação.

A educação destes alunos tem que ser planeada de uma forma sistemática e dentro de um processo de colaboração de tomada de decisões. Necessitam de apoios muito específicos, nos seus contextos naturais, de modo a responder à especificidade das suas necessidades. Ou seja estes alunos necessitam de apoio sistemático e contínuo de forma a promover a sua participação no seu meio ambiente.

Responder adequadamente às necessidades específicas destas crianças, envolve implementar respostas educativas que ajudem a participar o mais ativamente possível nas aprendizagens e a sentirem-se aceites no grupo de pares.

## **4.2 Organização de Respostas Educativas para crianças com Multideficiência**

Como referimos, a educação inclusiva constitui uma resposta adaptada para a escola de forma a oferecer uma resposta educativa a todos os alunos, sendo que implica uma constante organização e funcionamento da própria escola para proporcionar a resposta mais adequada. O principal objetivo da inclusão escolar pressupõe a diversidade curricular, o uso de estratégias de ensino/aprendizagem diferenciadas e ainda uma gestão integrada dos recursos humanos e materiais.

Considera-se que a resposta educativa à diversidade de alunos na Escola talvez seja o desafio mais importante e difícil que esta enfrenta atualmente. Como refere Marchesi (2010), tal situação obriga efetivamente a mudanças profundas se o que se pretende, em última análise, é que todos os alunos sem nenhum tipo de discriminação, atinjam o máximo desenvolvimento possível de suas capacidades pessoais, sociais e intelectuais.

Segundo Hegarty (2003) e Wang (1997), (cit. in Nogueira & Rodrigues, 2006) com a educação inclusiva procura-se construir uma escola que responda as diferenças com igualdade, equidade e qualidade. E essa alteração implica uma reforma na escola de forma a poder responder às necessidades individuais, através das mudanças do

currículo, na organização pedagógica, no desenvolvimento e nível dos profissionais, recursos e envolvimento parental.

Como esclarecem Ladeira & Amaral (1999), gradualmente o sistema de ensino vai-se estruturando de forma a ser possível incluir alunos com necessidades especiais. Contudo esta inclusão diz, na maioria das vezes, respeito a *casos de deficiências ligeiras ou moderadas e algumas deficiências motoras e sensoriais*. No que concerne a deficiências profundas ou multideficiências, verificamos que a escola regular ainda não se encontra verdadeiramente preparada para incluir com sucesso estes alunos. *Amaral & Nunes (2008)* reforçam a ideia da inclusão dos alunos com multideficiência, dizendo que *“contrariamente ao que se passa com outros tipos de deficiência, onde a participação em sala de aula tem possibilidades de ser bem sucedida”* quando se trata de alunos com multideficiência a capacidade de resposta revela-se limitada. Têm evidentemente capacidade para fazer aprendizagens, mas estas realizam-se mediante um processo e condições que a escola regular tradicional, por inúmeros motivos, tem imensa dificuldade em proporcionar.

A atual política educativa em Portugal, que tem como princípio fundamental a inclusão, veio definir, que as escolas devem incluir nos seus projetos educativos, as adequações relativas ao processo de ensino e de aprendizagem, necessárias a responder às crianças e jovens com necessidades educativas especiais, que apresentam limitações significativas ao nível da atividade e participação, num ou vários domínios da vida e assegurando a sua maior participação nas atividades do grupo ou turma e da comunidade escolar. Permite ainda aos agrupamentos de escola, criarem Unidades de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdo Cegueira Congénita (UAAM), de forma a dar resposta com recurso pedagógico especializado para crianças e jovens com multideficiência.

Os alunos com multideficiência passaram a ser um desafio para a escola, implicando a procura de respostas educativas, apropriadas para a educação de alunos com multideficiência, embora, como refere Nunes (2008) em geral a organização das respostas educativas para os alunos com multideficiência e surdo cegueira congénita não difere da desenvolvida com todos os outros alunos, na medida em que a inclusão na comunidade e a qualidade de vida são objetivos comuns a todos os seres humanos.

Os defensores da escola inclusiva, que preconizam a inclusão de alunos com multideficiência dentro da escola regular afirmam que esta só tem benefícios. Por um lado permite à escola organizar-se para a diferença dotando-a de recursos e por outro, proporciona a interação social entre pares e ainda promove junto destes alunos aprendizagens em contextos naturais. Amaral & Nunes (2008) referem que é essencial redefinir o conceito de inclusão quando se fala de crianças com multideficiência. É necessário alargá-lo para além do espaço da sala de aula de modo a incluir todos os ambientes onde o aluno com multideficiência precisa de aprender a viver, para que se envolva em experiências significativas e participe nas atividades dos ambientes do seu meio social.

Segundo Ladeira & Amaral (1999), a inclusão de alunos com problemáticas graves constitui um enorme desafio para a escola, que se vê confrontada com um esforço suplementar e com especificidades difíceis de compatibilizar com a sua organização tradicional. Estes autores acrescentam que a inclusão de alunos com multideficiência requer alterações e acomodações específicas ao nível do currículo e do tipo de apoio prestado, bem como que a escola constitui somente um dos vários ambientes onde estes alunos devem ser incluídos.

Na educação de alunos com multideficiência deve-se desenvolver a sua autonomia e devem ser proporcionadas experiências que sejam significativas numa perspetiva de vida futura, onde todos aqueles que nela intervêm têm um papel fundamental.

Vários autores referem a inclusão de alunos com multideficiência sobre várias perspetivas, ponderando sempre a melhor adequação curricular. A inclusão de alunos com multideficiência pode ir do menos restritivo ao mais restritivo, tendo em conta os objetivos, atividades e o ambiente em função da funcionalidade do aluno.

Num estudo de Wolf & Hall (2003) disponibilizam um leque de opções de inclusão a que chamaram “Cascata de Opções de Inclusão” apresentada em quatro níveis distintos, sendo que um dos polos é a opção menos restrigente de inclusão na qual não são feitas quaisquer tipos de alterações ao currículo (participação inadaptada no currículo do ensino regular) e o outro polo a opção mais restrigente na qual as crianças com necessidades educativas especiais são temporariamente retiradas do ambiente (currículo funcional fora da sala de ensino regular).

Segundo o estudo de Giangreco & Putnan (s.d.) dentro do contexto de sala de aula, a educação de alunos com multideficiência pode ser caracterizada por duas dimensões a primeira relacionada com o ensino do aluno as suas necessidades curriculares. A outra, tem a ver com o serviço de apoio que se presta de forma a atender essas necessidades promovendo o sucesso.

De entre a população com NEE, os indivíduos com deficiência severa ou multideficiência são aqueles que mais problemas têm colocado à proposta da inclusão. Assim, existem várias perspetivas sobre a inclusão destes alunos, desde a sua inclusão em sala de aula do ensino regular, o facto de estes alunos apresentarem características tão específicas outros autores questionam se não necessitarão de uma intervenção mais especializada e individualizada, que só é possível em ambientes segregados. Outros ainda defendem uma situação mista.

Constitui uma resposta educativa para alunos com multideficiência, uma organização específica dentro do contexto escolar onde se encontre docentes especializados, equipamentos essenciais às necessidades destes alunos e espaços e mobiliários adequados. Considera-se resposta educativa ainda, a existência de uma política educativa e de prática pedagógica efetiva, onde se promove o trabalho de equipa transdisciplinar. Finalmente, deve-se ter em conta a resposta às necessidades dos alunos e da forma como é possível melhorar a vida da sua família.

Como resposta educativa de inclusão de alunos com multideficiência na escola do ensino regular, surge em Portugal em 2001/02 um projeto para a qualificação de resposta educativa a crianças e jovens com multideficiência e surdo cegueira, tendo esse projeto prosseguido no ano de 2003/04. Tinha como objetivos apoiar a educação de crianças e jovens multideficientes através da implementação das atividades previstas no centro de recursos para a multideficiência (observação, avaliação, encaminhamento e formação dos profissionais), identificar locais onde ocorrem boas práticas, promover a observação e reflexão sobre boas práticas e finalmente desenvolver modelos de atendimento para crianças/jovens com multideficiência e surdo cegueira, tendo em vista a participação ativa e a inclusão sempre que possível.

Com o contributo do referido projeto, assistimos a avanços neste domínio no âmbito de política e estratégia educativa, sendo atualmente clara a defesa de um modelo de escola inclusiva.

A legislação em vigor reflete essa orientação. O Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de Janeiro veio definir que as escolas devem incluir nos seus projetos educativos as adequações relativas ao processo de ensino e de aprendizagem, necessárias a responder às crianças e jovens com necessidades educativas especiais que apresentam limitações significativas ao nível da atividade e participação, num ou vários domínios da vida e assegurando a sua maior participação nas atividades do grupo ou turma e da comunidade escolar.

Este mesmo Decreto-Lei, no artigo 26º, vem permitir aos agrupamentos de escola criarem Unidades de Apoio Especializado para à Educação de Alunos com Multideficiência e Surdo Cegueira Congénita de forma a dar resposta como recurso pedagógico especializado para crianças e jovens com multideficiência.

Do referido artigo, há que realçar o ponto um, onde se menciona que as Unidades de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdo Cegueira Congénita constituem uma resposta educativa especializada desenvolvida em escolas ou agrupamentos que concentrem grupos de alunos com esta problemática. E o ponto dois, refere que a organização da resposta educativa deve ser determinada pelo tipo de dificuldade manifestada, pelo nível de desenvolvimento cognitivo, linguístico e social bem como pela idade dos alunos.

#### **4.3 As unidades especializadas a educação de alunos com multideficiência**

Concluimos ao longo da análise da literatura que as crianças com multideficiência apresentam limitações que dificultam a interação natural com o ambiente, colocando em grande risco o desenvolvimento e o acesso à aprendizagem. Como refere Correia, (1997), as características individuais e necessidades específicas podem fazer com que a sua permanência a tempo inteiro na classe regular não seja a modalidade de atendimento mais eficaz. Como tal as unidades especializadas foram criadas com o objetivo de dar resposta aos alunos com multideficiência.

As unidades especializadas constituem então, um recurso pedagógico dos agrupamentos de escola e das escolas, destinado aos alunos com multideficiência ou

com surdo-cegueira congênita e visam a participação ativa destes alunos no seu processo de aprendizagem e a vivência de experiências de sucesso. A frequência específica destes ambientes educativos constitui apenas mais uma na vida destes alunos, pelo que esta resposta tem de se articular com o trabalho que se desenvolve na escola no sentido da promoção da inclusão. De acordo com as normas orientadoras das unidades especializadas em multideficiência do Ministério da Educação:

As unidades especializadas que apoiam alunos com multideficiência são um recurso pedagógico especializado dos estabelecimentos de ensino regular do ensino básico, constituindo-se como uma resposta educativa diferenciada que visa apoiar a educação dos alunos com multideficiência, fornecendo-lhes meios e recursos diversificados. Com esta resposta espera-se que os alunos tenham acesso a informação que os ajude a realizar aprendizagens significativas e possam participar em atividades desenvolvidas com os seus pares sem necessidades especiais. (Nunes, 2005.p 14)

As unidades especializadas são então estruturas integradas nos estabelecimentos de educação ou de ensino, em complemento da modalidade geral de educação escolar, de competências para a educação especial. Nestas unidades são utilizadas metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares e transdisciplinares.

As unidades são um recurso pedagógico personalizado que, segundo Nunes (2005) disponibilizam aos alunos com multideficiência recursos diversificados, permitindo uma melhor gestão e potencialização de recursos, que os alunos vivenciem experiências de sucesso, realizem aprendizagens significativas em contexto natural e ainda permitem a realização de interações sociais com parceiros significativos.

Centrando-nos especificamente nas medidas educativas de resposta a alunos com multideficiência e surdo cegueira referenciadas por Crespo et.al. (2008), averiguamos que a adoção de medidas passa pela implementação de unidades de apoio especializado, tendo em conta as suas capacidades e a sua idade. Para além do que foi mencionado, os agrupamentos que concentram alunos com multideficiência ou surdo cegueira nas suas unidades organizam-se em função da localização a que pertencem estes alunos e a rede de transportes disponível. Os autores realçam ainda que os agrupamentos que dispõem destas unidades devem igualmente dispor de docentes com formação específica em ensino especial, bem como proceder às

alterações necessárias nos espaços e mobiliário, de modo a responder às necessidades dos alunos.

A criação de Unidades de Apoio à Educação de alunos com Multideficiência e Surdo Cegueira Congénita no ensino regular tem como objetivos:

- *Promover a participação dos alunos com multideficiência e surdo cegueira nas atividades curriculares e de enriquecimento curricular junto dos pares da turma a que pertencem;*
- *Aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares, visando o desenvolvimento e a integração social e escolar dos alunos;*
- *Assegurar a criação de ambientes estruturados, securizantes e significativos para os alunos;*
- *Proceder às adequações curriculares necessárias;*
- *Adotar opções educativas flexíveis, de carácter individual e dinâmico, pressupondo uma avaliação constante do processo de ensino e de aprendizagem do aluno e o regular envolvimento e participação da família;*
- *Assegurar os apoios específicos ao nível das terapias, da psicologia, e da orientação e mobilidade aos alunos que deles possam necessitar;*
- *Organizar o processo de transição para a vida pós-escolar.*

Como foi anteriormente mencionado, as unidades de apoio especializado correspondem à resposta mais adequada a estes alunos, na medida em que proporciona uma alternativa ao ensino especializado de qualidade. Porém, pode dizer-se que muitas vezes as especificidades destes alunos suscita insegurança nos professores do ensino regular, pois as salas onde lecionam não reúnem as condições necessárias à presença dos alunos com multideficiência o que faz com que muitas vezes esqueçam de lhes proporcionar oportunidades de participação nas atividades dentro das turmas a que pertencem.

De acordo com Ladeira & Amaral (1999), a inclusão de alunos com multideficiência implica a definição de respostas educativas que permitam o seu progresso na escola tendo em conta os objetivos das unidades.

Os objetivos das unidades de apoio à educação de alunos com multideficiência e surdo cegueira congênita no ensino regular pressupõem estratégias muito específicas que passam por:

- Apoio individualizado, devido a trabalho que é necessário desenvolver de forma individualizada, sistematizada, e com técnicas específicas e em contextos diversificados;
- Necessidade de adequações curriculares, normalmente com incidência em atividades práticas e funcionais, nomeadamente um currículo direcionado para a autonomia (integra pontos como a alimentação, higiene e mobilidade);
- Ambientes estruturados e securizantes que permitam que os alunos vão, gradualmente, tendo controlo do ambiente que os rodeia e que conseqüentemente, seja promotor da sua participação;
- Existência de equipamentos e materiais específicos que sejam facilitadores do progresso dos alunos com multideficiência e surdo cegueira congênita, bem como das suas necessidades ao nível de saúde;
- Necessidade de adequação nas rotinas e atividades em função das características específicas de cada aluno;

Reforçando as medidas de resposta educativa previstas para alunos com NEE já apresentadas, Nunes (2008) afirma que as medidas educativas centram-se em dois pontos essenciais, sendo eles:

1. *Centrar a intervenção em atividades da vida real;*
2. *Focalizar o currículo na comunicação e na orientação e mobilidade;*

A resposta educativa para alunos com multideficiência passa, acima de tudo, por orientar a intervenção para o seu nível de participação e atividade. A abordagem educativa deve ser individualizada e pensada numa perspetiva futura (funcional), devem ser criados ambientes de aprendizagem organizados e estruturados que proporcionem interações e experiências diversificadas e significativas, sempre que possível interagindo com os seus pares.

A educação de alunos com multideficiência exige recursos humanos e materiais específicos. A criação de unidades especializadas possibilita uma melhor gestão desses recursos humanos e materiais e permite a respetiva concentração e

potencialização. A diversidade de competências dos alunos a que deve corresponder uma variedade de estratégias, poderá ajudar a vivenciar experiências de sucesso.

Neste contexto, realçamos que crianças e jovens com multideficiência manifestam acentuadas dificuldades ao nível de algumas funções intelectuais, bem como (e em consequência) ao nível de comunicação, assim sendo, todas as suas aquisições se encontram comprometidas. Como esclarece Nunes (2008), uma resposta educativa adequada a alunos com multideficiência implica consciencializar que estes apresentam dificuldades ao nível:

- *Dos processos da interação com o meio ambiente (com pessoas e objetos);*
- *Da compreensão do mundo envolvente (dificuldade em aceder à informação);*
- *Da seleção dos estímulos relevantes;*
- *Da compreensão e interpretação da informação recebida;*
- *Da aquisição de competências;*
- *Da concentração e atenção;*
- *Do pensamento;*
- *Da tomada de decisões sobre a sua vida;*
- *Da resolução de problemas.*

Para melhorar a qualidade da educação prestada a crianças e jovens com multideficiência é fundamental começar por alterar a metodologia de avaliação. As crianças com NEE, de forma geral, devem ser avaliadas de forma consciente (tendo em conta as características anteriormente apresentadas), abrangente, contextualizada (nomeadamente no âmbito social e familiar) e não só mediante a tradicional Checklist, que obviamente é necessária mas não traduz de forma exata as capacidades das crianças.

Por outro lado, todo o trabalho realizado, desde a avaliação inicial, à adequação do currículo, planificação de estratégias, aplicação e avaliação deve ser transdisciplinar, integrando todas as pessoas diretamente implicadas na educação destes alunos (família, educação, saúde, entre outros).

Finalmente é importante referir que a adequação do currículo deve ser organizada em espiral, partindo inicialmente da própria criança/jovem e aumentando gradualmente para ambientes próximos. Integra, contrariamente ao currículo comum, atividades não

só no âmbito de aquisições académicas mas ao nível das cinco esferas de aprendizagem, ou seja, atividades da vida diária, domésticas, socioculturais, curriculares/académicas e de ocupação.

As unidades de multideficiência devem responder não só às necessidades individuais dos alunos, mas estarem organizadas numa perspetiva funcional, promovendo a sua autonomia, estimular aprendizagens de conteúdos relacionados com o conhecimento de si próprio, dos outros e do mundo. Não devemos nós esquecer que o trabalho realizado com o aluno multideficiente na sala da unidade multideficiência só faz sentido, se for vista como um espaço de recurso para o aluno desenvolver as suas competências e que tem de ser feito em parceria com os seus pares. Deve-se desenvolver uma metodologia de trabalho onde todos possam colaborar e participar de forma ativa, tendo como objetivo a promoção da inclusão.

## **II Parte – Estudo Empírico**

### **Capítulo II – Enquadramento e Objeto de Estudo**

#### **1. Nota Introdutória**

Este capítulo centra-se nos aspetos metodológicos e pretende descrever e justificar as decisões tomadas relativamente à conceção do estudo. Para tal, será referido o quadro conceptual e metodológico em que se enquadra, identificada a problemática, os objetivos e questões do estudo.

#### **2. Justificação do estudo**

Tal como anteriormente enunciado é meu propósito estudar as concepções dos professores de educação especial e dos professores do ensino regular face à inclusão de alunos com multideficiência, assim como de compreender como se organizam as respostas educativas a estes alunos e quais os seus aspetos facilitadores e constrangimentos. Procurarei em seguida justificar a relevância desta temática no contexto atual.

No enquadramento teórico, foram abordadas as principais linhas de investigação relacionadas com a temática em estudo, a conceção dos professores sobre a inclusão de alunos com multideficiência na escola do ensino regular. A inclusão de alunos com multideficiência na escola ensino regular é um tema atual e de grande relevância, sendo uma prática recente que tem sido um desafio significativo para os profissionais envolvidos. Acresce ser um tema ao qual existem ainda poucos estudos que o

descrevam, face a recente inclusão de alunos com multideficiência na escola do regular, e porque a maior parte dos estudos são direcionados para estudos de caso ou a técnicas de ensino.

Numa perspetiva teórica, este trabalho, enquadra-se numa área de investigação denominada o *pensamento do professor*, onde os aspetos observáveis do ensino se encontram claramente relacionados com as crenças, pensamentos e sentimento do professor. Este paradigma (Zabalza, 1994), assenta em duas premissas básicas: uma em que os professores são profissionais racionais que constroem a sua ação de forma reflexiva, e a outra, é que a atuação dos professores é dirigida pelos seus pensamentos, ou seja todo o seu comportamento observável se encontra influenciado por operações cognitivas. Este autor ainda refere existir um processo dialético entre os pensamentos e a atuação do professor. A análise integrada deste processo, pensamento do professor leva com que os seus comportamentos sejam gerados num contexto intencional e orientados cognitivamente.

Os desafios da escola atual, têm a ver com aquilo que a sociedade espera da escola. Poder-se-á dizer que, um aspeto sociológico, outro cultural e outro operacional e um outro que engloba todos que tem a ver com o papel do professor como agente de mudança em que é mais que um profissional que ensina.

A intervenção do professor é influenciada por vários fatores, a qual não se restringe só a sua intervenção em contexto sala de aula, mas vai mais longe, fatores culturais, e sociais, o seu próprio pensamento e as suas próprias representações.

A realidade escolar atual solicita a todos mudanças significativas nomeadamente nas atitudes, papéis e funções, quer dos professores do regular como nos professores da educação especial, bem como a comunicação entre si. Assim sendo, os professores têm de se preparar com novas ferramentas de trabalho de forma a desenvolver novas competências na sua intervenção pedagógica com as crianças com necessidades educativas especiais, nomeadamente na inclusão de alunos com multideficiência na escola do regular. As razões deste estudo centram-se neste aspeto, conhecer como os professores encaram este novo desafio da inclusão de alunos com multideficiência.

### **3. Problemática, objetivos e questões do estudo**

São evidentes os diferentes modos de perceber e de posicionamento face à inclusão dos alunos com multideficiência na escola do ensino regular. Como a escola, numa perspectiva de educação para todos (Unesco, 1994), que se pretende colaborativa e de qualidade, se organiza para o desenvolvimento das aprendizagens com sucesso e de qualidade, para estes alunos com estas características e necessidades muito específicas.

Como Correia (1997) refere, o princípio de inclusão aponta para que, de um modo geral, todos os alunos com as mais diversas capacidades e interesses, características e necessidades possam aprender conjuntamente com os seus pares de forma que lhe seja dada a mesma oportunidade de respostas educativas.

A educação inclusiva, parte do pressuposto de que todos os alunos estão na escola para aprender, participando e interagindo uns com os outros, independentemente das dificuldades mais ou menos complexas que alguns possam evidenciar, às quais, cabe à escola adaptar-se, criando novas e diferenciadas situações de aprendizagem. Neste sentido, a diferença é um valor (Ainscow, 1998) dado que a escola é um lugar privilegiado que proporciona aprendizagens significativas a todos os seus alunos, baseadas na cooperação e na diferenciação.

Como Hargreaves (1994) refere, à medida que as estruturas tradicionais definham e novas estruturas emergem, estes novos padrões de mudança, são por vezes celebrados em apologias de aquisição de poder pessoal ou da aprendizagem ou desenvolvimento organizacional. Digamos que, com as mudanças sociais e culturais, a escola teve que repensar o seu papel, ao nível das práticas e das políticas organizacionais, permitindo aos alunos realizar aprendizagens e desenvolver competências. Esta mudança tornou-se um grande desafio para a escola (Rodrigues, 2005), pois implica mudar as formas tradicionais de ensinar, para práticas diferenciadas com base em currículos diferenciados criando assim novas políticas escolares.

No que se refere à intervenção com alunos com multideficiência (Ladeira & Amaral, 1999), verifica-se efetivamente um desafio, na medida em que a intervenção dos docentes exige uma resposta efetiva à heterogeneidade, características e necessidades de cada aluno, que promovam alteração na sua envolvência com o meio escolar, através da realização de aprendizagens significativas. Estes autores referem ainda que a inclusão de alunos com multideficiência requer alterações e acomodações específicas ao nível do currículo e do tipo de apoio prestado, bem como a inclusão dos alunos em vários ambientes e contextos além da escola.

A inclusão de alunos com multideficiência, coloca à escola duas questões. A sua organização; como a escola encontra formas de responder efetivamente às necessidades educativas de uma população escolar cada vez mais heterogénea e com necessidades específicas. A outra questão relaciona-se com o facto de que este tipo de população integrou a escola do regular e passou a ser uma preocupação de todos os docentes, não só daqueles com formação especializada.

Posto isto, retomo de novo as finalidades do estudo: as concepções dos professores de educação especial e dos professores do ensino regular face à inclusão de alunos com multideficiência, assim como de compreender como se organizam as respostas educativas a estes alunos e quais os seus aspetos facilitadores e constrangimentos.

Com base na problemática, formulou-se as seguintes questões do estudo:

- ✓ O que pensam os professores do ensino regular e os professores da educação especial da inclusão de alunos com multideficiência na escola do ensino regular?
- ✓ Como preparam os professores de educação especial (EE) e do ensino regular o trabalho a desenvolver com alunos com multideficiência?
- ✓ Quais as formas de articulação entre os professores de educação especial e os professores do ensino regular no trabalho desenvolvido com os alunos com multideficiência?
- ✓ Que estratégias educativas são desenvolvidas pelos professores de educação especial e do ensino regular com alunos com multideficiência, com o objetivo de lhes proporcionarem experiências inclusivas?
- ✓ Que diferenças existem nas práticas educativas desenvolvidas entre os professores da Unidade Especializada a Apoio à Educação de alunos com

Multideficiência e os professores do regular do 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico?

- ✓ Que dificuldades se colocam aos professores de educação especial e aos professores do regular no desenvolvimento do trabalho com alunos com multideficiência?
- ✓ Que constrangimentos existem na inclusão de alunos com multideficiência da escola do regular?

Assumindo com referencia as questões acima citadas, formularam-se os seguintes objetivos:

- ✓ Caracterizar qual a perspectiva dos professores sobre inclusão de alunos com multideficiência na escola do ensino regular;
- ✓ Professores do ensino regular *versus* educação especial: Identificar formas de preparação do trabalho para alunos com MD;
- ✓ Caracterizar as formas de articulação entre os professores de educação especial e os professores do regular no trabalho desenvolvido com os alunos com multideficiência;
- ✓ Caracterizar estratégias educativas promotoras de inclusão no trabalho com alunos com multideficiência;
- ✓ Identificar as diferenças nas práticas educativas desenvolvidas entre os professores da Unidade Especializada a Apoio à Educação de alunos com Multideficiência e os professores do regular do 1º, do 2º e 3º ciclo;
- ✓ Identificar quais as dificuldades colocadas aos professores de educação especial e aos professores do regular no desenvolvimento do trabalho com alunos com multideficiência;
- ✓ Identificar quais constrangimentos colocados ao processo de inclusão a alunos com multideficiência.

A conceção dos objetivos anteriormente anunciados, pode permitir o desenvolvimento do conhecimento da problemática e conseqüentemente contribuir para uma melhor adequação no atendimento educativo dos alunos com Multideficiência.

#### 4. Plano Geral da investigação

Tendo em conta os objetivos do estudo, desde logo se nos afigurou mais adequada uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, como *design* - estudo de caso.

Este trabalho é baseado nas ideias, opiniões e percepções de oito professores, quatro dos quais são professores especializados e o seu trabalho centra-se no contexto das unidades de multideficiência. Os restantes são professores do ensino regular das turmas de referência dos alunos com esta problemática.

O estudo teve as seguintes fases:

- ✓ Em primeiro lugar, um contacto inicial com a escola (anexo I), para explicitação dos objetivos da investigação e solicitar autorização para desenvolver o referido estudo; proceder a recolha de dados.
- ✓ Em segundo lugar, proceder a análise documental: do projeto educativo do agrupamento, do projeto de implementação das Unidades Apoio a Alunos com Multideficiência (UAAM);
- ✓ Em terceiro lugar, conhecer as práticas de inclusão e o trabalho desenvolvido entre os professores do ensino regular e os professores de educação especial - entrevistas
- ✓ Em quarto lugar, analisar e confrontar os dados recolhidos.

Como é sublinhado por Zabalda (1994) cada modelo de investigação é dirigido a uma determinada “audiência” e no caso das investigações qualitativas a “audiência” preferida são os próprios participantes na investigação. Na presente investigação em que os professores se mostram interessados e participativos, poderá ser utilizada a reflexão sobre as suas práticas pedagógicas, enquanto elementos fundamentais no processo de inclusão da criança com NEE.

## **Capítulo III – Métodos e Procedimentos**

### **1. Nota Introdutória**

Como já referido anteriormente, este estudo assenta sobre um estudo de caso, exploratório, de paradigma qualitativo, pelo facto de terem sido utilizados dados descritivos expressos através do discurso dos sujeitos.

Neste capítulo serão caracterizados os sujeitos que participam no estudo, apresentados os procedimentos de investigação e descritos os instrumentos utilizados na recolha de informação.

### **2. Contexto metodológico**

Em função de diversos fatores – objetivos, natureza dos dados, contextos, lugar do investigador – uma investigação pode ser tipificada de diversas formas. Neste estudo foi utilizado o paradigma qualitativo no trabalho de campo, uma vez que foram utilizados dados descritivos expressos através do discurso dos participantes.

Como referem Bogdan & Biklen (1994) em investigação qualitativa a preocupação central não é a de saber se os resultados são suscetíveis de generalização, mas sim a de que a interpretação dos dados recolhidos, expressem o conhecimento acerca da realidade dos participantes e dos contextos investigados.

Ainda segundo Carmo & Ferreira (2008) a metodologia qualitativa, postula uma conceção global, fenomenológica, indutiva, estruturalista, subjetiva e orientada para o processo. Glaser & Strauss (1997, cit in Carmo & Ferreira, 2008) referem ainda, que o

investigador na metodologia qualitativa desenvolve conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes de recolha de dados.

O desenho da investigação, enquadra-se num estudo de caso, Yin (1988, cit in Carmo & Ferreira, 2008) define um estudo de caso como uma abordagem empírica que investiga um fenómeno atual no seu contexto real. Este autor ainda refere que o estudo de caso constitui a estratégia preferida quando se quer responder a questões de “como” ou “porquê”, sendo que o investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno atual no seu próprio contexto.

### **3. Técnicas e instrumentos de recolha e tratamento de dados**

Na recolha dos dados para o estudo, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada, aos docentes do regular e aos da educação especial, no sentido de conhecer as suas representações sobre o que consideram pertinente para a inclusão de alunos com multideficiência nas suas práticas educativas. Para o qual, foi elaborado um guião (anexo II) com questões relacionadas com problemática e baseado na respetiva literatura. O tratamento de dados consistiu na análise de conteúdo das entrevistas e na análise documental do projeto educativo do agrupamento.

#### **3.1 Recolha de dados**

##### **3.1.2 Entrevista**

A recolha dos dados foi elaborada com recurso à entrevista semiestruturada. Esta técnica, de recolha de dados é muito utilizada em estudos qualitativos, uma vez que permite que o entrevistado dê a sua opinião, tendo em conta a sua própria visão do

assunto abordado, ou seja é uma verdadeira troca (Quivy & Campenhoudt, 1995) em que o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um conhecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências.

A escolha da entrevista semiestruturada deve-se ao facto de ser uma técnica (Estrela, 1994) que permite uma maior flexibilidade nas respostas, um contacto mais direto com o interlocutor, permitindo fornecer pistas para a caracterização do processo de estudo. Decidimos pela entrevista semidireta ou semiestruturada, por ser aquela em que o entrevistador tem previstas algumas perguntas que servirão de referência ao tema da conversa, “não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 192).

A escolha de uma entrevista semiestruturada, deve-se ao facto de esta permitir um maior grau de liberdade nas respostas dos sujeitos, e uma maior relação de proximidade entre entrevistado e entrevistador. E ainda segundo Bodgan & Biklen (1994) possibilita recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, o que permite ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.

### **3.1.2.1 Condições de aplicação de entrevista**

Como já referido anteriormente, realizámos entrevistas a oito professores, quatro professores de educação especial e quatro professores do ensino regular (ver anexos III ao X). Que foram designadas respetivamente por, E1,E2,E3,E4, e P1;P2;P3;P4. A realização das entrevistas foi agendada previamente com cada professor, tendo-lhes sido transmitido o tema sobre o qual incidiria a entrevista e o objetivo do estudo.

Foi ainda assegurada a confidencialidade das mesmas e garantido o anonimato. Solicitou-se autorização para a gravação das entrevistas, a qual foi consentida por todos os professores.

Todas as entrevistas realizadas a todos os professores, tiveram como base o mesmo guião das questões previamente estabelecido, que foi usado com todos os professores.

Após a realização das entrevistas e estas terem sido transcritas de forma a obter o protocolo escrito foram devolvidas aos entrevistados.

Por fim, realizou-se a análise de conteúdo das referidas entrevistas.

## **3.2 Tratamento de dados**

### **3.2.1 Análise de conteúdo das entrevistas**

No tratamento de dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (entrevistas e análise documental). Esta técnica é muito usada nas investigações das ciências sociais e humanas, porque como definiu Berelson (1952, 1968 cit in Carmo & Ferreira, 2008) é uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto nas comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação.

A análise de conteúdo é então um recurso (Quivy e Campenhoudt, 1992) determinante na sistematização da informação recolhida, tratando de forma metódica as informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade. A análise de conteúdo é hoje uma das técnicas mais utilizadas na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências sociais e humanas. A sua finalidade (Vala, 1986), é a de efetuar inferências, numa lógica explicitada, a respeito das mensagens cujas características foram inventariadas ou sistematizadas.

A análise dos dados constitui então o processo através do qual é realizado o percurso que articula o nível descritivo, expresso pelo registo sistemático dos dados para o nível interpretativo que traduz os resultados do estudo (Bogdan e Biklen, 1994). Segundo os mesmos autores, a análise de dados diz respeito a um procedimento de busca e de organização constante de transcrição de entrevistas, de notas de campo bem como de outros materiais que foram sendo reunidos, com o intuito de engrandecer a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe proporcionar a apresentação aos outros da sua descoberta

Para analisar as entrevistas recorreu-se então à análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Esta mesma autora assinala três grandes fases na análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A prática da análise de conteúdo baseia-se na categorização, sendo as categorias os elementos chave do código do investigador sobre uma realidade, com vista a reduzir a sua complexidade, a estabilizá-la, identificá-la, ordená-la ou atribuir-lhe sentido.

Nesta análise qualitativa das entrevistas são incluídas citações dos professores de forma a ilustrar os dados que foram recolhidos, corroborando com os autores que consideram que “os relatórios e artigos qualitativos (...) contêm frequentemente citações e tentam descrever, de forma narrativa, em que consiste determinada situação ou visão do mundo” (Bodgan & Biklen, 1994, p.49).

Inicialmente procedeu-se ao recorte de cada uma das entrevistas em unidades de registo, as quais foram transformadas em indicadores (resumindo a ideia-chave da unidade de registo – ver anexos, XI ao XVIII). Foram ainda registados as frequências de cada unidade de registo. Os indicadores foram depois agrupados em subcategorias e estas em categorias (ver anexo XIX).

Este processo foi elaborado para a primeira entrevista e as categorias e subcategorias foram reformuladas pela introdução dos indicadores decorrentes da análise das entrevistas seguintes. Todo este processo foi realizado tantas vezes quantas as necessárias até se obter um quadro classificatório lógico e pertinente face aos objetivos do estudo.

### **3.2.2 Análise documental**

A pesquisa documental foi usada para recolher informação sobre o agrupamento, de forma a caracterizá-lo quanto aos seus pressupostos sobre inclusão. Segundo Estrela (1994, p. 293) a recolha de dados sobre a escola tem como finalidade: “efetuar um levantamento, o mais exaustivo possível, de elementos da Escola enquanto estrutura

física, social e cultural; organizar dados referentes à estrutura, dados passíveis de interpretação de ordem dinâmica”.

A direção do agrupamento foi contactada com a finalidade de nos ceder o Projeto Educativo do Agrupamento, e permitir a respetiva investigação, tendo-o feito sem restrições. Através de uma leitura pormenorizada do documento recolheu-se a maior parte da informação que consta neste trabalho, referente ao agrupamento. O Projeto Educativo do Agrupamento foi o documento fulcral que permitiu analisar os pressupostos existentes para os alunos com necessidades educativas especiais (NEE) e mais propriamente os objetivos da oferta do agrupamento das unidades de apoio a alunos com multideficiência (UAAM). Após a leitura, procedeu-se a uma organização dos dados, o que facilitou a compreensão dinâmica da realidade do agrupamento.

#### **4. Contexto do estudo e caracterização do agrupamento**

O estudo desenvolveu-se num agrupamento de escolas do concelho de Almada, onde existem duas Unidades Especializadas de Apoio à Educação a Alunos com Multideficiência e Surdo Cegueira Congénita, sendo uma de 1º ciclo e a outra de 2º e 3º ciclo do ensino básico.

O agrupamento onde se desenvolveu o estudo, existe desde 2004. Está situado num bairro social onde a maioria de população é de nível socioeconómico médio/baixo (fracos recursos económicos, famílias numerosas, famílias de varias etnias e de origem africana) é constituído por 3 unidades orgânicas, duas de pré-escolar e 1º ciclo e uma de 2º e 3º ciclo.

As duas UAAM estão sediadas na escola sede. A Unidade de 1º ciclo do ensino básico funciona desde do ano letivo 2003/04 e a do 2º e 3º ciclo do ensino básico desde do ano letivo 2008/09

## 5. Caracterização dos participantes

Os participantes devem ser seleccionados tal como refere Carmo & Ferreira (1998), de acordo com um ou mais critérios julgados importantes pelo investigador tendo em conta os objetivos do trabalho de investigação que está a realizar e ainda segundo estes autores, esta deverá ser representativa da população em estudo, para que os resultados possam ser generalizados a essa mesma população.

Para o desenvolvimento do estudo, contamos com quatro docentes do ensino regular com alunos nas turmas de referência com multideficiência e quatro docentes de educação especial que exercem funções nas unidades.

### Quadro 1 – Caracterização dos professores educação especial

Entrevistados	Formação	Situação profissional
E1	Formação especializada em multideficiência	Quadro do agrupamento
E2	Formação especializada	Contratado
E3	Formação especializada	Quadro do agrupamento
E4	Formação especializada	Quadro do agrupamento

Analisando o quadro, verifica-se que embora todas as professoras tenham formação especializada, apenas só uma tem na área da multideficiência. E de referir que uma das docentes é contratada e as restantes pertencem ao quadro do agrupamento.

### Quadro 2 – Caracterização dos professores do Regular

Entrevistados	Formação	Situação profissional
P1	Licenciatura no 1º ciclo	Quadro do agrupamento
P2	Licenciatura no 1º ciclo	Quadro do agrupamento
P3	Licenciatura em Educação Física	Quadro do agrupamento
P4	Licenciatura em Educação Musical	Quadro do agrupamento

Apesar das docentes do ensino regular, que fizeram parte deste estudo, terem alguma experiência com alunos com NEE, mais propriamente com alunos com multideficiência, nenhuma delas tem formação complementar em educação especial.

## Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

### Nota Introdutória

Neste capítulo iremos apresentar os dados do nosso estudo que teve por base as concepções dos professores do ensino regular e dos professores de educação especial face à inclusão de alunos com multideficiência

#### 1. Concepções dos professores face à inclusão de alunos no sistema regular de ensino

No quadro abaixo apresentamos os dados obtidos relativos às concepções dos professores face à inclusão de alunos no sistema regular de ensino

**Quadro 3** - Resultados da análise de conteúdo sobre concepções dos professores face à inclusão de alunos no sistema regular de ensino

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Concepção do professor face à inclusão	Igualdade de oportunidades para todos	Dar a todos a mesma oportunidade	17
		Reconhecer a diferença e promover a socialização	
		Desenvolvimento de competências sociais	
	Inclusão permite o desenvolvimento social junto da comunidade educativa		
Condição para a inclusão	Existência de recursos adequados	4	

Como vimos no primeiro capítulo quando abordamos o tema da inclusão, a premissa deste conceito é de “escola para todos” onde se pretende que existam respostas

educativas adequadas a todos os alunos tenham eles ou não necessidades educativas especiais.

Assim, no que respeita às concepções dos professores face à inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais no sistema regular de ensino, a análise dos dados permite considerar que estes professores não colocam qualquer tipo de reserva à presença dos alunos na escola, defendendo mesmo que a inclusão permite igualdade de oportunidades nas respostas educativas, no desenvolvimento de competências sociais, na tomada de consciência da diferença do outro e ainda na promoção de um desenvolvimento social junto da comunidade educativa.

” os investigadores, partem do princípio que inclusão é igualdade de oportunidades para todos...e eu também parto desse princípio que é para todos, não estou a diferenciar se são meninos com necessidades educativas especiais ...para mim quase não faz sentido essa pergunta, inclusão é dar a todos os alunos a mesma oportunidade não interessa se são de etnia cigana, cabo-verdianos ou com necessidades educativas especiais.”.

Parece existir, da parte dos entrevistados, uma concepção de inclusão que se reflete essencialmente na participação do aluno com NEE nas atividades da turma, partindo-se do princípio que a inserção no grupo propicia a socialização e fornece modelos de normalização. Segundo Correia (2005) a inclusão nas escolas do ensino regular proporciona aprendizagens idênticas e interações sociais adequadas dentro de um espírito de pertença e de participação em todos os aspetos da vida escolar. Este mesmo autor, Correia (1999), refere que a inclusão traz vantagens tanto para os alunos com necessidades educativas especiais, como para os alunos sem necessidades educativas especiais.

No entanto verifica-se ainda, que um dos oito professores entrevistados, apesar ser a favor da inclusão, considera como condição para que tal aconteça, a existência de recursos adequados a estes alunos. Estes recursos são pedagógicos, físicos e humanos, nomeadamente assistentes operacionais e técnicos especializados, pois segundo os professores são facilitadores do sucesso de aprendizagem e promotores da inclusão.

“...E a escola não tem recursos nem físicos, nem humanos, ou seja não está organizada nem pensada para esta população. Sou a favor da inclusão mas com

condições, sendo essas condições número suficiente de recursos humanos, infraestruturas e materiais apropriados de forma a preparar estes alunos para o futuro.”

Com base na análise dos dados, constatamos que a menção à existência de recursos adequados, aparece ao longo de todo o estudo nas várias intervenções dos participantes, sendo considerado como aspeto muito relevante para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais.

## 2. Concepções dos professores face à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino

Neste quadro, apresentamos os resultados relativos às concepções dos professores face à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino

**Quadro 4** - Resultados da análise de conteúdo sobre Concepções dos professores face à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Concepção do professor sobre a inclusão alunos com multideficiência	Igualdade de oportunidades e equidade	Dar a todos a mesma oportunidade	10
		Inclusão como equidade	
		A inclusão de alunos MD como vantagem para o reconhecimento da diferença	
		Desenvolvimento de competências sociais	
	Limitações à inclusão	A sua problemática limita a sua participação com os pares	3
		A escola como barreira à inclusão	
	Condições para a inclusão	Inclusão mas com a condição de proporcionar recursos e formação	1

A análise dos dados sobre as concepções dos professores face à inclusão dos alunos com multideficiência no sistema regular de ensino, permite considerar que os participantes do estudo continuam a não colocar qualquer tipo de entrave à presença dos alunos com multideficiência na escola. Constata-se da análise dos dados que a inclusão permite igualdade de oportunidades e equidade nas respostas a estes alunos. Os entrevistados consideram ainda, que a inclusão de alunos com multideficiência permite o reconhecimento do outro como diferente e o desenvolvimento de

competências sociais. Na escola onde se realizou o estudo a presença de alunos com MD é vista como uma vantagem, por desencadear valores e atitudes na comunidade educativa relacionados com a formação cívica e o respeito pelo outro.

Estes valores são encontrados ao longo da premissa básica de uma “escola para todos” sendo os alunos com necessidades educativas especiais severas ou não, tem os mesmos direitos enquanto indivíduos de uma comunidade. Amaral (1999), refere que o direito de estar na escola aplica-se a qualquer criança, incluindo as que tem multideficiência, estes alunos devem ter a oportunidade de frequentar a escola do regular, de agir como elementos chave do desenvolvimento de métodos de ensino e de participar nas decisões relacionadas com os assuntos e conteúdos a ensinar. Indo de encontro ao que refere esta autora, na entrevista E2 é mencionado desta forma:

“Concordo ... todos ganham pela questão da socialização ... a interação com os pares ditos normais permite ganhar competências sociais, e permite que os alunos tenham comportamentos adequados relacionados com o respeito pelo outro e ainda relacionadas com ser cidadão. Sendo este o aspeto o mais importante para mim na inclusão”.

Como Correia (2005) explicita, a inclusão procura levar o aluno com NEE às escolas regulares e, sempre que possível, às classes regulares, onde, por direito, deve receber todos os serviços adequados às suas características e necessidades. E com isto pretende encontrar formas de aumentar a participação de todos os alunos com NEE, incluindo aqueles com multideficiência, nas classes regulares, independentemente dos seus níveis académicos e sociais.

### **2.1. Constrangimentos colocados à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino**

Com base na análise dos dados do estudo, constatámos que apesar dos professores estarem de acordo com a inclusão de alunos com MD, estes consideram existir algumas limitações por parte desta população com características tão específicas, em que a escola não está preparada para as receber. É referido como limitação à inclusão, a própria problemática dos alunos com MD. A sua participação nas atividades, por vezes fica condicionada, sobretudo devido à sua forma de comunicar, a

forma como estabelece a interação com pares, e aos problemas de saúde ou problemas motores que os condicionam na sua deslocação. Como é mencionado na entrevista P1

“...pela minha experiência o facto de estes alunos apresentarem limitações significativas tanto ao nível da comunicação e socialização limita a sua participação com os pares...”

Um outro dado do estudo, considerado como constrangimento à inclusão de alunos com MD, é a própria escola. Esta é considerada uma barreira à inclusão. O facto de a escola não estar adequada para receber estes alunos, acaba por ser um espaço de exclusão. A não existência de recursos adequados, as próprias atitudes dos professores e da restante comunidade educativa, revelam precisamente esse constrangimento. Este aspeto é destacado por E4 da seguinte forma:

“...E estes espaços acabam por ser um espaço mais de exclusão do que inclusão. Isto porque a escola não consegue dar essa resposta adequada e os professores do regular na sua maioria não estão disponíveis para este tipo de população.”

As crianças com MD apresentam necessidades educativas motivadas pelas especificidades da sua condição. A sua inclusão na escola faz com que esta tenha necessidade de se organizar para a diferença e apetrechar-se de recursos. As unidades de apoio a alunos com multideficiência são estruturas integradas nos estabelecimentos de ensino, constituem uma resposta educativa e diferenciada que visam apoiar a educação dos alunos com multideficiência, fornecendo-lhes meios e recursos diversificados.

## **2.2. Condições necessárias à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino**

Com base na análise dos dados é possível considerar igualmente a necessidade de algumas condições para que esta integração se realize com sucesso. Assim sendo, é necessário proporcionar recursos à escola e promover formação juntos dos professores para os apetrechar de ferramenta no sentido de promover a inclusão de alunos com multideficiência. Dos oito participantes no estudo, apenas um demonstrou

esta preocupação. Em relação à primeira condição foram analisados os aspetos relacionados com as condições da escola, nomeadamente a existência de recursos humanos e materiais, e essencialmente a necessidade de existirem assistentes operacionais colocadas nas UAAM de forma a organizar o trabalho com os alunos no sentido de promover a inclusão dos alunos com MD, no contexto escolar. Outra condição considerada importante pelos participantes do estudo, foi a necessidade de dotar os professores e assistentes operacionais de formação, de forma a proporcionar uma intervenção com respostas adequadas e que todos percebam como estes alunos aprendem.

“...devemos acima de tudo (...) promover formação e a existência de recursos humanos...”

Neste sentido, parece-nos possível concluir da análise dos dados que só é possível inclusão dos alunos com multideficiência com qualidade quando estejam reunidas algumas condições, designadamente, a existência na escola de recursos humanos suficientes para intervir com estes alunos e quando os professores e assistentes operacionais tiverem formação específica para o efeito.

### 3. Políticas educativas promotoras de inclusão de alunos com multideficiência

O quadro cinco mostra os resultados da análise dos dados referentes às políticas educativas promotoras da inclusão de alunos com multideficiência.

**Quadro 5** - Resultados da análise de conteúdo sobre Políticas educativas promotoras de inclusão de alunos com multideficiência

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Políticas	Situação atual	As políticas educativas não correspondem as necessidades das escolas	14
		Políticas educativas não vão de encontro as práticas existentes nas escolas	
		As políticas educativas têm trabalhado	

educativas		para escola inclusiva	
	Propostas/condições necessárias	Necessidade de mudar mentalidades e comportamentos face aos alunos NEE	4
		Continuar a promover intervenção adequada com formação	
Continuar a dotar as escolas com recursos			

A análise dos dados, sintetizada no quadro 5, permite considerar que, na opinião dos oito participantes, atualmente as políticas educativas não vão ao encontro das necessidades dos alunos e das escolas, bem como das práticas educativas existentes e da própria realidade da escola. Este facto deve-se à falta dos recursos, à não existência de formação e às exigências ministras que não vão ao encontro das necessidades dos alunos com multideficiência. Contudo, é considerado por um dos oito entrevistados, que as políticas educativas têm feito um esforço para promover uma escola inclusiva. Consideramos nós que estes dados estão relacionados com a legislação que tem por base a inclusão. E que as escolas têm tentado adaptar-se e redefinido um novo conceito de escola.

“Acho que não, as atuais políticas promovem uma integração, as nossas esferas políticas pretendem a inclusão mas não descem as práticas não conhecem a realidade das nossas escolas deveriam de as conhecer e de perceberem o que se passa realmente e de conhecer o dia-a-dia dos alunos” E3

“ Não de maneira nenhuma, o modo de estar, as atitudes e como se encara a escola a falta de recursos, permite que as políticas sejam uma coisa e as praticas sejam outras”. E4

Segundo Amaral & Nunes (2008) as políticas de inclusão que se têm vindo a desenvolver obrigaram a reequacionar a definição de escola. E se a escola é para todos e se todos os alunos têm direito a frequentar a escola, os alunos com multideficiência têm que ser incluídos neste grupo e a escola tem que desenvolver processos de resposta adequada.

### 3.1. Propostas e condições necessárias à inclusão

No que diz respeito ainda à política educativa atual, com base nos dados é possível acrescentar que os professores consideram ser necessário estabelecer propostas e condições para a inclusão de alunos com multideficiência de forma a garantir o sucesso da inclusão. Os dados revelam que este facto passa pela necessidade de mudar mentalidades e comportamentos, promover formação na área das necessidades educativas especiais de forma a adequar a intervenção e dotar as escolas de recursos necessários para que estes alunos obtenham respostas educativas adequadas. Só assim, consideram possível a inclusão dos alunos com multideficiência.

“...Isto porque estes alunos necessitam de recursos adequados as suas necessidades e há necessidade de um investimento institucional maior a vários níveis e as escolas não estão apetrechadas com esses recursos” P1

## 4. A inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino

Neste ponto vamos analisar a inclusão dos alunos com multideficiência no sistema regular de ensino, de modo a compreender quais os aspetos facilitadores e os constrangimentos encontrados à sua inclusão na opinião dos participantes no estudo.

### 4.1. Condições favoráveis à inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino

**Quadro 6** - Resultados da análise de conteúdo sobre condições favoráveis à inclusão

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Condições	Comunidade	Atitude da comunidade educativa como fator de sucesso da inclusão	9
		Atitude do professor de EE como	

favoráveis inclusão	educativa	facilitador do acesso à informação sobre NEE	
		O contexto escolar promove a inclusão	
	Recursos adequados	Dotar as escolas de recursos adequados aos alunos com MD	3
	Formação especializada	Promover formação na área das NEE para professores do ensino regular	6
Atitude e a formação do professor como fator de sucesso na inclusão dos alunos com MD			

Assumindo como referência a análise dos dados, os participantes do estudo consideram como condição favorável para a existência de inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino, a atitude da comunidade educativa, o facto existirem recursos adequados na escola e que os professores tenham formação especializada. Se estas condições estiverem reunidas, quatro dos oito participantes consideram ser favorável a inclusão de alunos com multideficiência.

A atitude da comunidade educativa face à inclusão pode, ser um fator importante na promoção da inclusão como referem Meireles & Santos (2008) . Com feito, o processo educativo das crianças com NEE não depende inteiramente do professor do ensino regular e/ou do professor de educação especial, mas sim de toda a comunidade educativa. Os dados do estudo indicam que os professores podem ser facilitadores dessa promoção de inclusão, através das suas atitudes nos vários contextos. Os professores de educação especial podem, nesta perspetiva, ser elementos facilitadores da informação sobre as problemáticas e estratégias a adotar com os alunos junto dos professores do ensino regular para que estes promovam atividades inclusivas e desenvolvam intervenções adequadas. A análise dos dados aponta ainda, para o facto de que a própria escola pode ser promotora de um ambiente inclusivo através das suas atitudes, tal como referido por vários entrevistados:

“...Penso que são as atitudes da comunidade educativa. Se todos aceitarem estes alunos é possível existir inclusão...” P1

“...envolver ao máximo todos os intervenientes, dar resposta as suas necessidades tendo em conta todas as suas limitações...” E4

#### 4.1.1. Recursos materiais e adaptações físicas

Com base no estudo, verificámos que como condição favorável à inclusão dos alunos com multideficiência, as escolas devem ser dotadas de recursos físicos, pedagógicos e humanos onde se consiga possibilitar respostas adequadas aos alunos de forma a promover essa inclusão. Este dado é apontado pelos entrevistados ao longo do estudo.

“...Outro facto é de existirem recursos adequados quer pedagógicos quer físicos para irem de encontro às necessidades e problemáticas dos aluno.”P1

No que se refere à existência de recursos materiais os resultados apontam para a necessidade da escola se apetrechar de recursos adequados de forma a dar respostas adequadas aos alunos. Recursos, esses que devem dar resposta às necessidades dos alunos tendo em conta a sua problemática e as várias áreas de intervenção. Supõe-se que a escola deva estar preparada para receber qualquer aluno. Este dado é citado por um participante no estudo desta forma:

“... ter recursos pedagógicos (...) a disposição para poder dar respostas adequadas às necessidades dos alunos.” P4

A análise dos dados do estudo, permitiu concluir, que os participantes consideram ainda que a escola devia ter em linha de conta a criação de mais espaços para os alunos com multideficiência, nomeadamente salas de atividades para o desenvolvimento de competências da vida diária, da autonomia, etc... Esta preocupação reflete-se na análise de dados das entrevistas referentes aos quatro professores de educação especial. Tal como mencionado na entrevista E3:

“... os ideais seria existirem salas para trabalhar as atividades da vida diária (cozinhas, etc) e para desenvolver outras competências (sala de psicomotricidade,...), essenciais ao desenvolvimento de vida mais plena possível.”

Para que a escola inclusiva tenha sucesso é necessário que reúna algumas condições que permitam o desenvolvimento de competências de todos os alunos e igualmente dos alunos com MD, passando por apetrechar as escolas de recursos adequados aos alunos que nela se encontram. Quando nos referimos aos recursos, estamos a falar de

acessibilidades, de espaços físicos adequados, de forma que estes alunos tenham acesso à escola. Esta acessibilidade passa pela eliminação de barreiras arquitetônicas, no sentido de promover a autonomia dos alunos com mobilidade reduzida.

#### **4.1.2. Recurso Humanos (especialistas, não especialistas, outros)**

Nas condições favoráveis à inclusão, o estudo permitiu concluir que os participantes consideram que a formação especializada é um fator que permite desenvolver uma intervenção adequada junto dos alunos com multideficiência, sendo que os professores do ensino regular devem ter formação na área das NEE e que a sua atitude face aos alunos é considerado como um fator de sucesso na inclusão dos mesmos.

A análise dos dados permite ainda acrescentar que estes professores consideram que deve ser disponibilizada formação aos professores do ensino regular, no sentido de melhorar a sua prática pedagógica para adotarem uma intervenção adequada no desenvolvimento do trabalho com alunos com MD. É de referir que no estudo só uma professora que trabalha na UAAM dispõe de formação em multideficiência, e os professores do ensino regular, nenhum tem qualquer tipo de formação na área das NEE.

“... promover formação relacionada com a NEE e sensibilizar os professores do ensino regular para esta população tão específica.”

## 5. Práticas Inclusivas desenvolvidas pelos professores do ensino regular e professores da educação especial

**Quadro 7** - Resultados da análise de conteúdo sobre os professores e práticas inclusivas

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Professores e práticas inclusivas	Práticas específicas	Desenvolver uma intervenção de acordo com ritmos e necessidades dos alunos	14
		Desenvolver estratégias para promover aprendizagens sucesso dentro e fora da sala de aula	
		A relação que se estabelece com os alunos de forma a promover aprendizagens de sucesso	
	Importância do papel do professor	O papel do professor na promoção de atitudes inclusivas	2
	Atualização profissional	Procurar informação e formação sobre as NEE para melhorar a sua prática pedagógica	7

Da análise dos dados, verificamos que dos oito participantes do estudo, seis consideram bastante pertinente que para que o professor desenvolva práticas inclusivas, é necessário desenvolver junto dos alunos uma intervenção com base em práticas específicas. Tais como, desenvolver uma intervenção de acordo com ritmos e necessidades dos alunos, desenvolver estratégias para promover aprendizagens de sucesso, dentro e fora da sala de aula, e estabelecer uma relação com os alunos de forma a promover estas aprendizagens. Na sua maioria os participantes consideram que numa escola inclusiva há que ter em conta o ritmo de aprendizagem dos alunos e desenvolver uma intervenção com estes, de acordo com as suas necessidades e as da família.

Foi referido igualmente a importância do papel do professor na promoção das atitudes inclusivas, o seu empenho no trabalho com o aluno com MD e o seu papel importante no trabalho relacionado com a sensibilização de todos os alunos para a diferença. Este pode ser muito útil em todo este processo de inclusão, como mencionado por E2:

“O professor pode desenvolver projetos e sensibilizar a comunidade escolar para as questões da inclusão. A sua formação e atitudes também podem promover a inclusão, ou seja este tem mais ferramentas de trabalho que pode desenvolver com estes alunos se tiver formação na área das NEE.”

O reconhecimento do papel do professor na inclusão dos alunos com NEE na escola e na sala de aula parece-nos um aspeto a realçar, pois como temos vindo a constatar o êxito da inclusão está dependente das atitudes do professor do ensino regular e da forma como este responde às necessidades dos alunos. Revelando-se assim uma variável importante para o sucesso desses alunos. Estes dados corroboram a opinião de Correia (2005) que considera igualmente o professor como um elemento fundamental para a inserção dos alunos com necessidades educativas especiais na classe regular cabendo-lhe a ele a tarefa de sensibilizar e preparar os alunos para a diversidade.

No que respeita à atualização profissional, três dos oito participantes consideram que todos devem procurar informação e formação sobre as NEE para melhorar a sua prática pedagógica. Este dado é considerado tanto pelos professores do ensino regular como os professores de educação especial. É importante que os professores que trabalham com estes alunos tenham acesso a formação contínua para melhorarem a sua prática letiva. Os participantes consideram que só apostando na formação se poderá melhorar a intervenção com os alunos com MD e construir uma escola inclusiva de qualidade, ou seja, uma escola capaz de responder à diversidade da sua população.

“...O professor deve e tem que procurar formação na área das necessidades educativas especiais...”E4

“...O interesse e a boa vontade e o tal conhecimento, que passa pela formação, seja esta procurada de forma empírica ou formação organizada...”E3

“...Considero muito importante que o professor tenha informação sobre a problemática do aluno e o seu ritmo de aprendizagem, pois só assim é possível adaptar o ensino aprendizagem destes alunos....”P4

Autores como Ainscow (1996) e Correia (2005) consideram que a formação contínua permite aos professores aumentarem o seu leque de conhecimentos e,

consequentemente, a escola amplia a resposta a dar aos alunos com necessidades educativas especiais, favorecendo a implementação de práticas inclusivas cada vez mais consistentes. Há que considerar que o sucesso de uma escola para todos, uma escola inclusiva, os professores e todos intervenientes com os alunos com NEE devem desenvolver novas competências de ensino a fim de melhorar a sua intervenção junto de uma população tão diversificada que existe na escola atual de forma a adequar as respostas educativas dos alunos.

### 5.1. Condições ao desenvolvimento de práticas inclusivas

**Quadro 8** - Resultados da análise de conteúdo sobre condições ao desenvolvimento de práticas inclusivas com alunos com multideficiência por parte do professor

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Condições ao desenvolvimento de práticas inclusivas com alunos com MD	Formação na área das NEE	Todos intervenientes tenham formação na área de NEE ou em MD	8
		O professor deve procurar informação e formação sobre os alunos com NEE	
	Formas de trabalho	A existência de trabalho de equipa e colaborativo na UAAM	8
		Existência de recursos pedagógicos e humanos adequados	
		Criar condições na organização para que os alunos tenham respostas adequadas às suas necessidades	
	Relação pedagógica	A relação que se estabelece com os alunos de forma a promover aprendizagens de sucesso	6
Atitude do professor face á inclusão			

Como base na análise dos dados, referentes às condições para o desenvolvimento de práticas inclusivas com alunos com multideficiência, é considerado pelos participantes que para promover o sucesso educativo destes alunos, é pertinente que todos os intervenientes tenham formação na área das NEE, estabeleçam formas de trabalho que permitam o desenvolvimento de práticas inclusivas e que criem com os alunos uma relação pedagógica facilitadora de forma a desenvolver práticas inclusivas. No que respeita à formação dos professores na área das NEE, constata-se que esta é

considerada como um fator de sucesso nas práticas dos professores e de todos intervenientes. Como já referido anteriormente, estes fatores são considerados pelos participantes como facilitadores de inclusão o facto de os professores terem formação para trabalhar com alunos com NEE, não só em termos de conhecimento científicos acerca das possíveis problemáticas com que se deparam nas suas salas, mas também em questões relacionadas com a melhor forma de intervenção junto dos alunos.

“...O interesse e a boa vontade e o tal conhecimento, que passa pela formação, seja esta procurada de forma empírica ou formação organizada.” E3

“...Mas existem tantos obstáculos dentro da escola que por vezes é um trabalho em vão, o facto de nos professores não termos formação, a própria organização de escola que não contempla muitas vezes populações tão específicas” P4

Desta análise depreende-se que não é só o número de recursos, mas também que estes tenham formação, não só os professores mas as assistentes operacionais e técnicos que intervêm diretamente ou indiretamente com os alunos.

“O fundamental em multideficiência é a formação, ou seja que todas as pessoas que trabalhem com estes alunos tenham formação na área da NEE e se possível na multideficiência.” E1

A formação deve de ser dirigida não só aos professores, mas também a todos os intervenientes (técnicos e assistentes operacionais) no processo educativo dos alunos, para os preparar para uma prática de inclusão de alunos com necessidade educativas especiais, pois todos eles intervêm direta ou indiretamente com estes alunos. Os desafios que a inclusão escolar (Correia 2003) coloca a toda comunidade educativa é tão grande que é pertinente que esta tenha oportunidade de desenvolver competências para enfrentar este grande desafio. E ainda segundo este autor Correia (2005), que reforça a opinião dos participantes, a formação contínua deve ser dirigida a todos aqueles que trabalham com os alunos portadores de deficiência.

No que respeita às condições para o desenvolvimento de práticas inclusivas relacionadas com os professores e as suas formas de trabalho, verificou-se que o desenvolvimento de práticas inclusivas com os alunos com multideficiência passa pela existência de trabalho de equipa e colaborativo nas UAAM. Só é possível desenvolver

este trabalho se, existir partilha de informação e colaboração entre os professores envolvidos no processo. Indo de encontro a estas concepções, Correia (2008) refere que a escola inclusiva fomenta o diálogo entre professores de ensino regular e professores de ensino especial proporcionando assim uma prática adequada com estes alunos.

Desta análise de dados, retém-se que como condição necessária que para que o professor desenvolva práticas inclusivas na escola, devem existir recursos pedagógicos e humanos adequados e permitir condições ao nível da organização escolar de forma que os alunos tenham respostas adequadas as suas necessidades. A organização das respostas a alunos com multideficiência tem que ser centrada nos recursos da própria escola como instituição, de forma a adequar e promover aprendizagens numa perspetiva inclusiva.

Se pretendemos criar uma escola inclusiva, temos de ter como condição necessária promover meios aos professores que lhes permitam enfrentar este desafio da escola para todos. Da análise depreende-se que as condições que existem não são de forma alguma facilitadores de inclusão, os aspetos citados prendem-se com os horários dos alunos e a formação de turmas. Para estes professores, a escola inclusiva deve ter turmas reduzidas de forma a possibilitar um ensino individualizado.

“...Depois não devia de existir tantos alunos por sala, ou seja quando há alunos com NEE devia de haver redução de turma, pois é impossível dar respostas de qualidade com 26 alunos dentro de sala, sendo dois com NEE.” P1

A profissão de professor exige uma série de competências, muitas delas complexas e desafiantes, sendo uma delas a relação pedagógica que estabelece com os alunos. Os dados do estudo referem como facto para o desenvolvimento de prática inclusiva, a relação que o professor estabelece com os alunos, que é considerada como promotora de aprendizagens de sucesso e ainda sua própria atitude como facilitadora de inclusão. É mencionado desta forma na entrevista P2:

“Uma aproximação pessoal do docente com estes alunos. Não se trata apenas de ensinar, mas acima de tudo de chegar até eles e comunicar de forma diferente. O aluno tem de sentir que faz parte do grupo e este é o maior fator de inclusão: pertencer a um grupo. Quando isto acontece o caminho é bem mais fácil para todos e ninguém está preocupado porque estão alguns a fazer coisas diferentes....”

A escola assume assim, um papel fundamental no desenvolvimento dos alunos, e o espaço da sala de aula é um lugar de excelência de interações, neste caso na relação aluno/ professor, aquilo que os professores pensam e a sua percepção sobre os alunos, sobretudo sobre os com necessidades educativas especiais e o seu papel na sensibilização para a inclusão, constituindo assim fatores relevantes e fundamentais para o processo de desenvolvimento educativo desses alunos.

## 6. Adequações das práticas curriculares a alunos com multideficiência

**Quadro 9** - Resultados da análise de conteúdo sobre as adequações das práticas curriculares com alunos com multideficiência

Categories	Subcategories	Indicadores	Fr/UR
Adequações das práticas curriculares com alunos com MD	Práticas inadequadas	Existência ainda nas escolas práticas relacionadas com o ensino tradicional	14
		Os currículos são elaborados sem ter em conta o perfil do aluno	
		Não existe flexibilidade curricular ao nível do agrupamento	
		A escola não dispõe de recursos nem esta organizada para as necessidades dos alunos	
	Práticas adequadas	Os alunos com MD têm currículos elaborados de acordo com necessidades	8
		Existência de currículo flexível	
		Existência de articulação entre os docentes do ensino regular e dos EE	
		Estratégias diversificadas no trabalho com os alunos com NEE	

A análise dos dados, permitiu constatar que, para existirem práticas curriculares adequadas à inclusão de alunos com multideficiência no contexto educativo é necessário o professor ter em conta alguns fatores que promovem respostas

educativas adequadas. Depreende-se também que o currículo destes alunos deve ser elaborado, tendo em conta as suas necessidades, ser flexível e deve fomentar articulação entre os professores do ensino regular e os professores de educação especial. O currículo tem que ser elaborado de acordo com características e necessidades do aluno e da família. O estudo permitiu ainda concluir ser necessário desenvolver estratégias diversificadas no trabalho com estes alunos, de forma a adequar as respostas educativas.

“Temos por base sempre a avaliação realizada pela equipa e depois da avaliação definimos as prioridades de intervenção. Os alunos com multideficiência são alunos que têm muitas dificuldades, muitas limitações e por vezes corremos o risco de nos perdermos na intervenção, porque tem que ser bem planificado em termos de equipa. Ou seja definir prioridades é o que é mais importante para o agora e numa perspetiva de futuro. Este currículo tem também sempre em conta as necessidades da família e as aprendizagens da vida diária.”

Verificou-se que nestes dados do estudo, práticas adequadas são referidas por quatro de oito participantes, destacando que apenas só um professor de educação especial mencionou que os alunos com multideficiência têm que ter currículos elaborados de acordo com as suas necessidades e os da família. Segundo os participantes estes têm que ser elaborados tendo em conta as questões da autonomia e funcionalidade, numa perspetiva de vida futura.

### **6.1. Práticas com alunos com multideficiência**

No que respeita a existência de práticas com alunos com multideficiência, o estudo permite concluir que existem no agrupamento boas práticas com os alunos com MD tanto ao nível da socialização com os pares como no desenvolvimento de atividades. Verificou-se que este dado corresponde ao nível do 1º ciclo ensino básico, não sendo necessário desenvolverem atividades promotoras de inclusão, pelo facto dos alunos serem considerados como elementos integrantes e participantes da turma. Como mencionado na entrevista P3:

“A sua participação em todas as atividades práticas na sala de aula e a sua intervenção nos eventos escolares organizados no âmbito da disciplina.”

Em relação a UAAM do 2º e 3º ciclo o estudo revela, como já vimos, não existir um trabalho articulado nem tão pouco a preocupação de desenvolver atividades que promovam a inclusão, nem se quer ao nível da socialização entre pares.

No que diz respeito a práticas com alunos com multideficiência, o estudo permitiu considerar que existem praticas relacionadas com a comunidade que são favoráveis a promoção do trabalho com estes alunos no processo de inclusão, ou seja que os elementos da comunidade são importantes para estabelecer parcerias e adquirir recursos específicos para estes alunos, como citado na entrevista E3:

“Eu com os meus alunos desloco me com estes nos vários espaços da escola, acompanho a sala de aula, falo com os DT para abordarem os alunos quando estes não se encontram na sala e falarem das suas problemáticas e necessidades. Articulo com a enfermeira do centro de saúde algumas situações e com os encarregados de educação de forma que estes sejam o mais possível aceites”

Com base ainda na análise dos dados sobre a questão das práticas com alunos com multideficiência os participantes do estudo referem ser necessário criar algumas condições para desenvolver algumas práticas. Para estes é fundamental existir recursos adequados e ter em conta as barreiras provenientes dos vários ambientes, quer do individuo, organizacionais ou de acessibilidade.

Tendo em conta estas reflexões e como referem Amaral & Nunes (2008) o sucesso e a eficácia da intervenção educativa envolve o desenvolvimento de um trabalho em equipa, que acautela a colaboração do professor de educação especial com o professor da turma, bem como com todos os intervenientes implicados no processo, permitindo ao aluno oportunidades de interagir com objetos e pessoas significativas nos diversos contextos em que se insere, e desenvolver aprendizagens a partir destas interações.

## 6.2. Práticas inadequadas à inclusão de alunos com multideficiência

No que diz respeito às adequações curriculares para alunos com multideficiência, o estudo permitiu concluir que atualmente nas escolas, ainda existem práticas inadequadas no desenvolvimento do trabalho com este tipo de alunos. O estudo revela que os professores recorrem muitas vezes ao ensino tradicional e que as escolas não dispõem de recursos, nem estão organizadas para responder às necessidades dos alunos. É mencionado pelos participantes que os professores ainda elaboram os currículos sem ter em conta o perfil do aluno, e que não existe flexibilidade curricular ao nível do agrupamento. Os dados analisados são referentes aos professores de educação especial.

### 7.A Inclusão de alunos com multideficiência no Agrupamento de Escolas

No quadro seguinte encontram-se apresentados os dados referentes à Inclusão de alunos com MD no agrupamento. A partir destes, procederemos à análise de dados sobre a inclusão de alunos com multideficiência no agrupamento onde se realizou o estudo, verificam-se também aqui as diferenças entre as duas UAAM no processo de inclusão.

**Quadro 10** – Análise de conteúdo sobre a inclusão de alunos com multideficiência no agrupamento

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Inclusão de alunos com multideficiência	Facilidades no 1º ciclo	Existência contributo dos professores para realizarem respostas adequadas promoção da inclusão	7
		Existência de uma boa articulação entre os intervenientes da UAAM do 1º ciclo	
		Promove desenvolvimento competências sociais	
		Existência de alunos com MD promove valores sociais diferentes dentro da escola	
		Dificuldades na implementação de atividades	

no agrupamento	Dificuldades 2º e 3º ciclo	inclusão na UAAM de 2º e 3º ciclo por falta de recursos	7
		Não existe inclusão no 2º e 3º ciclo devido á falta de recursos e formação	
		Falta de recursos humanos	
	Atitudes diferenciadas entre ciclos	Existência de diferentes formas de articulação e colaboração entre os professores dos diferentes ciclos e as UAAM	3
Existência de unidades de multideficiência no agrupamento	Recursos disponíveis ✓ Materiais/ Humanos	São uma mais-valia para os alunos com MD	17
		As UAAM como um recurso mais-valia na escola pelos recursos que dispõem	
		Os docentes das unidades como um recurso favorável para escola	
		Não deviam de existir UAAM nas escolas por falta de recursos	

### 7.1 No 1º ciclo do ensino básico

Na Inclusão de alunos com multideficiência no agrupamento, os dados permitiram concluir que ao nível do 1º ciclo do ensino básico, existe um trabalho valorizado entre os professores do ensino regular e os professores de educação especial colocados na UAAM no sentido que existe uma partilha e uma articulação de forma a se tornar possível adequar respostas na promoção de inclusão. Conclui-se também que o desenvolvimento de competências sociais, é considerado como fator principal á inclusão. Os professores revelam alguma preocupação com o processo da socialização e da normalização, em prol do desenvolvimento de competências curriculares dos alunos com multideficiência.

“Considero boa, pois existe ao nível do 1º ciclo uma preocupação por parte da equipa, professores e técnicos de planificar e organizar e articular atividades de forma a ir de encontro as necessidades dos aluno.....”E2

Os dados do estudo permitem ainda concluir, que a existência de alunos com multideficiência promove valores sociais diferentes dentro do contexto escolar. Os participantes consideram ainda existir uma boa aceitação tanto pelos seus pares como por todos os intervenientes ao nível do 1º ciclo do ensino básico.

## **7.2. No 2º e 3º ciclo do ensino básico**

Relativamente a UAAM do 2º e 3º ciclo ensino básico, os dados não permitem tirar as mesmas conclusões descritas em relação a UAAM do 1º ciclo do ensino básico. O estudo revela que não existe articulação, nem a preocupação de desenvolver atividades promotoras de inclusão com os alunos. Não existe a preocupação de planificar, refletir em conjunto. Estes dados são caracterizados nas entrevistas dos professores de educação especial do 2º e 3º ciclo. Esta análise permitiu ainda verificar que na UAAM 2º e 3º ciclo existe falta de recursos principalmente o humanos, devido ao elevado número de alunos existentes na UAAM. Como constrangimento é mencionado o facto de não haver formação, nem para os professores do ensino regular, nem para as assistentes operacionais.

“...No 2º e 3º ciclo penso que não é tão bem conseguida, isto porque envolve muitos professores (os conselhos de turma) e pelo facto de existirem muitos alunos e poucos recursos humanos também não é facilitador...”E2

O estudo permitiu analisar a relação entre pares, por um lado a fraca aceitação destes e por outro as próprias problemáticas dos alunos que não são facilitadoras de socialização.

## **8. Diferenças entre as unidades de apoio a alunos com multideficiência**

O estudo revela que existem diferenças entre o trabalho desenvolvido entre os dois ciclos do ensino básico. Permite concluir que a articulação e colaboração entre os professores dos diferentes ciclos e as UAAM têm diferentes formas de atuação, sendo que no 2º 3º ciclo é muito deficitária ou mesmo inexistente. Ao contrário no 1º ciclo existe uma partilha e colaboração entre todos os intervenientes, o que segundo os participantes tem permitido adequar as respostas educativas. Esta situação, segundo os participantes explica-se através da história das UAAM, pois a do 1º ciclo existe á algum tempo no agrupamento e a outra foi implementada muito recentemente.

Concluiu-se que as UAAM podem ser uma mais-valia para a escola pelos recursos e ferramentas que dispõem, nomeadamente os conhecimentos dos professores de educação especial e dos recursos pedagógicos que possam existir e serem utilizados por todos os alunos. No estudo existe um facto que vem contradizer estes dados, pois segundo um professor, não deviam existir as UAAM nas escolas. Porque segundo este, as UAAM não estão organizadas para dar resposta às necessidades dos alunos nem das famílias. Por exemplo não existem recursos humanos suficientes, o próprio horário da unidade não corresponde às necessidades da família e não existe uma sistematização das terapias que estes alunos necessitam.

### 9. Vantagens e constrangimentos da Inclusão de alunos com MD no sistema regular de ensino

No quadro seguinte encontram-se apresentados os dados referentes sobre as vantagens e constrangimentos face à inclusão de alunos com MD no sistema regular de ensino.

**Quadro 11-** Resultados da análise de conteúdo sobre vantagens e constrangimentos da Inclusão de alunos com MD no sistema regular de ensino

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Vantagens da inclusão	Maior aceitação das diferenças	Vantagens de todos lidarem com a diferença na construção cívica do individuo	10
		Só existem vantagens permite o desenvolvimento de competências sociais	
		Vantagem tem a ver com aspetos relacionados com socialização	
		Não existem desvantagens mas é uma vantagem para escola e alunos o facto de conviverem com as diferenças	
Desvantagens de	Melhoria das respostas	Por vezes não existem respostas de qualidade nas escolas para os alunos com MD	5
		Desvantagens não existir	

inclusão	educativas da escola	respostas adequadas	
		Como desvantagem pode ser um fator de exclusão	

Quanto às vantagens da inclusão dos alunos com MD, e tendo em conta os dados do estudo, é possível considerar que a inclusão proporciona uma maior aceitação da diferença, permitindo o desenvolvimento de competências sociais, o reconhecimento da diferença, e desenvolve a sensibilidade para com a diversidade. Todos os participantes concordam que a inclusão dos alunos com multideficiência traz vantagens no processo de inclusão.

“Esta população tão específica tem vantagens em estar na escola pública, pois desenvolve competências sociais que não adquiria noutra espaço. A escola é o lugar de excelência para desenvolver competências sociais”P4

A presença de alunos com MD na escola de ensino regular, para além dos benefícios que traz aos próprios ajuda mutuamente os alunos sem necessidades educativas especiais a desenvolverem atitudes sociais de integração e defesa da igualdade de oportunidades, e na construção cívica do indivíduo.

Contrapondo esta situação, a análise dos dados permitiu verificar que existem desvantagens para a inclusão de alunos com multideficiência no sistema regular de ensino e que estas se encontram associadas à necessidade de melhorar as respostas educativas por parte da escola para estes alunos Estes dados estão relacionadas com os aspetos de organização das respostas educativas e o espaço escolar poder ser um fator de exclusão, quando a escola não considera por exemplo a organização dos horários dos alunos de acordo com as suas necessidades. As interações deficitárias que estes alunos estabelecem com os pares, a falta de recursos, são efetivamente um constrangimento a sua inclusão.

## 10. Condições necessárias na organização escolar para a implementação de unidades de apoio a alunos com multideficiência

No quadro 12 encontram-se apresentados os dados referentes à organização escolar e implementação das unidades de multideficiência no sistema do ensino regular.

**Quadro 12** - Resultados da análise de conteúdo condições necessárias na organização escolar para implementação de unidades de apoio a alunos com multideficiência

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Condições necessárias na organização escolar para implementação de UAAM	Constrangimentos	Organização escolar não tem em conta as necessidades dos alunos MD	2
	Formação na área das NEE	Formação especializada para os professores UAAM	1
	Recursos humanos adequados	Existência de uma equipa multidisciplinar com formação adequada	5
	Recursos físicos adequados	Necessidade de existência de infraestruturas e recursos adequados	4
		Existência de recursos pedagógicos adequados às necessidades dos alunos	
	Comunidade educativa	Envolvimento com toda a comunidade educativa	1
Organização do currículo de alunos com MD	Currículo organizado em função das necessidades dos alunos	Existência de uma intervenção onde se tem em conta as necessidades do aluno e da família	10
		Elaboração do currículo em função das necessidades dos alunos	
	Adequações curriculares	Elaboração do currículo para aprendizagens funcionais e de autonomia	3

No que respeita às condições necessárias na organização escolar para implementação de unidades para alunos com multideficiência, os dados permitem concluir que é necessário existirem recursos adequados (pedagógicos, físicos, humanos), uma equipa multidisciplinar com formação adequada de preferência especializada e infraestruturas de apoio à inclusão. O estudo permitiu ainda, verificar a importância do papel da comunidade educativa como fator de sucesso quando existe um

envolvimento por parte desta no processo de inclusão. Ainda nesta análise de dados os participantes consideram existir constrangimentos a este processo, sendo apresentado o facto da organização escolar não ter em conta as necessidades dos alunos.

“Penso que tem que existir espaços físicos adaptados, recursos humanos com formação na área das NEE o que não acontece, pois nós os professores do ensino regular não temos qualquer formação nesta área”P2

## **11. Organização do currículo de alunos com MD**

O estudo permitiu concluir que o currículo dos alunos com MD deve ser organizado em função das suas necessidades e de adequações curriculares que correspondam ao seu perfil de funcionalidade e centrado nas necessidades da família. Quanto à incidência das adequações curriculares, é facilmente visível que a elaboração do currículo para aprendizagens funcionais e de autonomia não é a priorizado pelos professores entrevistados. A análise dos dados revela que esta não é uma preocupação da maioria dos professores entrevistados, ou por não atribuírem muita importância ao desenvolvimento de competências funcionais, ou por não estarem despertos para a necessidade de trabalhar áreas funcionais, ou por considerarem que esse tipo de trabalho é da responsabilidade exclusiva da educação especial. O currículo é visto como currículo académico e a função do professor do ensino regular centra-se só no aspeto da socialização.

Relativamente ainda à análise de dados permite concluir que organização do currículo é centrada numa intervenção onde se tem em conta as necessidades dos alunos. Dos oito professores entrevistados só um demonstrou preocupação do trabalho com a família.

## 12. Articulação e colaboração entre os professores do ensino regular e os professores de educação especial

No quadro 13, apresentam-se os dados referentes à articulação/colaboração entre os professores do regular e os de ensino especial no processo de inclusão de alunos com MD. Do qual se procede a seguinte análise de dados.

**Quadro 13-** Resultados da análise de conteúdo sobre articulação e colaboração entre os professores do ensino regular e os professores de educação especial

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Articulação/colaboração entre os professores do regular e os de educação especial	Formas de articulação entre os intervenientes do 1º ciclo	Existência de um trabalho articulado nas UAAM de 1º ciclo com todos os intervenientes no processo dos alunos	8
		Existência articulação e colaboração entre todos intervenientes no 1º ciclo	
		Existência de alguma articulação e colaboração na planificação das atividades	
	Deficitária articulação no 2º e 3º ciclo	Existe muito pouca articulação e colaboração entre docentes que trabalham com os alunos 2º e 3º ciclo	3
	Propostas para articulação	Existência de boa articulação mas necessidade de ser mais sistemática e constante entre todos intervenientes	7
		Trabalho articulado de forma a ter em conta evolução do aluno	
Elaborar relatórios tendo em conta a evolução dos alunos nas várias áreas de intervenção			
Práticas com alunos com MD	Com os colegas da turma	Os alunos com MD do 1º ciclo desenvolvem atividades com a turma	12
		Existe uma boa colaboração entre todos que não é necessário criar atividades diferenciadas	
		Promover atividades de socialização	
	Entre a escola e outros parceiros	Desenvolvimento de atividades em vários contextos e com parceiros da comunidade	2
	Condições	Existência de recursos adequados	2
Ter em conta as barreiras conjunturais e estruturais			

Com base nos dados é possível concluir que ao nível da UAAM do 1º ciclo do ensino básico existe um trabalho de partilha e de articulação entre os intervenientes. Segundo

os participantes, existe a preocupação de reunir, planificar, avaliar, organizar e até participar em projetos e atividades comuns, fora o espaço de sala de aula.

Confere-se assim que de acordo com os dados já analisados, o estudo permitiu concluir que o trabalho de articulação entre os professores do ensino regular e os professores da educação especial da UAAM do 2º e 3º ciclo é considerado deficitário. Esta situação é referida numa entrevista de professor de educação especial.

“...A maioria das atividades e projetos não são pensados em função destes alunos, ou seja muitas vezes estes alunos não tem acesso a visitas de estudo ou porque o local onde vão não tem acessos, e não foi pensado nisso na planificação da atividade ou não existem recursos humanos...”E4

O estudo permitiu concluir que, e sendo esta preocupação a dos professores do ensino regular, é necessário elaborar algumas propostas para desenvolver um trabalho de partilha e articulação entre os professores que vai proporcionar a inclusão dos alunos. As propostas passam pela necessidade de serem criadas formas de trabalho mais sistemática e constante entre todos, existir um trabalho articulado tendo em conta evolução do aluno e ainda que sejam elaborados relatórios nas várias áreas de intervenção que tenham em conta esse aspeto. Conforme mencionado na entrevista P4

“Existe alguma, mas podia ser mais constante. Embora o professor EE transmita alguma informação sobre o aluno devia de ser mais aferido as planificações, estratégias de trabalho e que estas fossem elaboradas em conjunto.”

O trabalho em equipa (Ladeira & Amaral, 1999), ou seja, a articulação quer do docente de educação especial com o docente do ensino regular quer com terapeutas e com a família, é essencial para uma maior qualidade e eficiência quanto às respostas a desenvolver para os alunos com multideficiência, desde o momento da referenciação até à conclusão da escolaridade ou à sua integração em áreas relacionadas com o emprego ou atividades ocupacionais. Deve existir um trabalho de parceria e articulação entre todos os profissionais envolvidos no trabalho neste contexto, pois só assim se poderá proporcionar uma resposta de qualidade a alunos multideficientes. As estratégias de ensino utilizadas neste contexto deverão ter em conta não só as necessidades, mas também dificuldades e características individuais de cada aluno.

### 13. Barreiras ao processo de inclusão de alunos com multideficiência

No último quadro procedemos a análise das barreiras ao processo de inclusão de alunos com multideficiência.

**Quadro 14-** Resultados da análise de dados sobre as barreiras ao processo de inclusão de alunos com multideficiência

Categories	Subcategorias	Indicadores	Fr/UR
Barreiras de acesso às aprendizagens	De processo	Desvantagens de saírem muitas vezes da sala de aula e não realizam aprendizagens em contexto	2
	Humanos	Existência de poucos recursos humanos não facilitam a realização de algumas atividade	2
	Dificuldade dos alunos	As barreiras são as próprias limitações dos alunos	6
		Comunicação como barreira às aprendizagens	
A escola como barreira	A escola como instituição é uma barreira á inclusão	3	
Recursos adequados aos alunos com MD	Existência de recursos pedagógicos	A escola consegue proporcionar os recursos pedagógicos	5
		A escola proporciona os recursos necessários	
		Existe um esforço por parte da escola para responder às necessidades dos alunos	
	Ausência de recursos humanos	Falta de recursos humanos nas UAAD	5
Necessidade de dotar a escola de recursos e formação			
Constrangimentos com o trabalho com alunos com MD		A escola não está dotada de recursos físicos e humanos suficientes	5
		Existência de fatores externos não facilitadores de inclusão	

No que diz respeito as barreiras à inclusão, a análise dos dados permitiu concluir que estas são de vários níveis, e estão relacionadas com a forma como estes alunos têm acesso as aprendizagens. Por vezes estas aprendizagens não são realizadas em contexto, nem são aprendizagens significativas como era esperado para alunos com MD. A não existência de recursos humanos suficientes para os acompanhar nas

atividades, e que segundo os participantes do estudo é um facto que por vezes condiciona a realização e participação dos alunos nas mesmas. Tal como já foi referido as próprias limitações do aluno, os alunos por vezes tem condicionantes relacionadas com a sua problemática, a sua forma de comunicação por vezes é uma barreira às aprendizagens, pois não é facilitadora de interações com os pares. Embora como referido por alguns autores, a inclusão dos alunos com MD é como a inclusão de outro aluno sem necessidades educativas especiais, mas há que considerar a existência de estruturas diferenciadas de apoio para a intervenção com estes alunos.

No estudo verificou-se ainda que a escola faz um esforço para proporcionar os recursos necessários para dar resposta às necessidades dos alunos, apesar de se contradizer com a restante análise de dados, onde se verifica que os participantes consideraram que os recursos não são os adequados às necessidades da escola para receber os alunos com MD. Constatou-se ainda que a falta de recursos humanos, pedagógicos e as acessibilidades contribuem para o facto de não permitir respostas educativas adequadas e promotoras de sucesso para estes alunos.

Da leitura dos dados confirma-se a necessidade de formação para todos os intervenientes no processo educativo dos alunos com MD, sendo considerada como a forma de proporcionar uma intervenção adequada aos alunos com multideficiência. Devendo ser estendida a todos os intervenientes (os professores e assistentes operacionais e técnicos).

Verificou-se ainda na análise dos dados, que existem constrangimentos externos à escola que não são facilitadores de inclusão, estando relacionados com políticas educativas, as realidades das escolas e as atitudes da própria comunidade.

## Conclusões Finais

O presente estudo teve como objetivo geral identificar as concepções dos professores do ensino regular e dos professores de educação especial face à inclusão de alunos com multideficiência.

Perante este objetivo foram colocadas diversas questões que pretendemos ver esclarecidas: Perspetiva dos professores sobre inclusão de alunos com multideficiência na escola do ensino regular; Professores do ensino Regular *versus* ensino especial: forma de preparação do trabalho para alunos com MD; Formas de articulação entre os professores de educação especial e os professores do regular no trabalho desenvolvido com os alunos com multideficiência; Estratégias educativas promotoras de inclusão no trabalho com alunos com multideficiência; Diferenças nas práticas educativas desenvolvidas entre os professores da Unidade Especializada a Apoio à Educação de alunos com Multideficiência e os professores do regular do 1º, do 2º e 3º ciclo; Dificuldades colocadas aos professores de educação especial e aos professores do regular no desenvolvimento do trabalho com alunos com multideficiência; Constrangimentos colocados ao processo de inclusão a alunos com multideficiência.

Procuraremos agora relacionar os resultados obtidos com os objetivos do estudo, de modo ser possível extrair algumas conclusões.

Relativamente ao primeiro objetivo, perspetiva dos professores sobre inclusão de alunos com multideficiência na escola do ensino regular, há que considerar que a inclusão educativa destes alunos ainda é uma realidade muito recente nas nossas escolas, pois só surge com a política educativa do decreto-lei 3 de 7 de janeiro de 2008, onde surgem diretrizes muito gerais para organizar respostas educativas para os alunos com multideficiência.

Da análise dos dados é notório que os professores entrevistados consideram a inclusão benéfica, quer para o aluno com multideficiência, quer para os que não tem qualquer necessidade educativa. Referem também que a presença dos alunos com

multideficiência na escola, possibilita o desenvolvimento de competências sociais e que a inclusão permite igualdade de oportunidades e equidade nas respostas a estes alunos.

Como já referido, os professores concordam com a inclusão destes alunos no sistema de ensino regular, consideram é que as escolas não estão preparadas para esta tarefa. As atuais políticas, não vão ao encontro às necessidades dos alunos da escola. Nem sempre a prática condiz com o que vem legislado. Consideramos que é de especial importância apetrechar as UAAM com recursos humanos, pedagógicos e acessibilidades adequadas. E que professores e assistentes operacionais que trabalham com estes alunos obtenham formação, no sentido de desenvolverem uma intervenção de forma a proporcionarem respostas educativas adequadas.

A inclusão de alunos com multideficiência é entendida, muitas vezes, como participação, inserção no grupo, especialmente em termos de socialização, não sendo dado o devido valor à necessidade de garantir o acesso ao currículo diferenciado e orientado para as necessidades do aluno e da família.

A experiência e interação social dos alunos com multideficiência (Nunes et al. 2004) constituem uma base importante do desenvolvimento da aprendizagem, as experiências reais em ambientes naturais e a interação com os outros permite que tenham acesso a informação diversificada, a qual serve de alicerce ao seu desenvolvimento cognitivo e sócio emocional.

A educação inclusiva parte do pressuposto de que todos os alunos estão na escola para aprender e, por isso, participam e interagem uns com os outros, independentemente das dificuldades mais ou menos complexas que alguns possam evidenciar e às quais cabe à escola adaptar-se, nomeadamente porque esta atitude constitui um desafio que cria novas situações de aprendizagem. Nesse sentido, a diferença é um valor (Ainscow, 1998) e a escola é um lugar que proporciona interação de aprendizagens significativas a todos os seus alunos, baseadas na cooperação e na diferenciação inclusiva.

A concepção de que o que professor pensa sobre os alunos com multideficiência, está relacionado com o modo como estes pensam, conhecem, representam a realidade educativa, a sua profissão e, conseqüentemente, como solucionam os problemas

relacionados com o seu quotidiano inerente ao ensino, como constroem suas convicções, seus planeamentos, suas histórias de vida.

Relativamente ao segundo objetivo, os professores do ensino regular *versus* ensino especial: forma de preparação do trabalho para alunos com multideficiência tem que ter em conta o quanto é fundamental o trabalho entre o professor do ensino regular e o professor de educação especial. Esta ação deverá conduzir a uma definição das respostas educativas adequadas, enquadrada numa perspetiva de cariz funcional com aprendizagens significativas e em contexto. Com os alunos com multideficiência é, como refere Amaral (1999), mais do que definir “o que” se vai ensinar é importante que se defina “como” se vai organizar o processo de aprendizagem. A intervenção deve ser elaborada em equipa e deverá contemplar um conjunto de objetivos desenvolvimentais que deve estar adaptado às características do aluno com multideficiência.

Conclui-se que existe a preocupação na organização do trabalho com estes alunos, tendo em conta as suas necessidades e características específicas. Estes alunos têm que ter respostas curriculares flexíveis, estruturadas numa perspetiva funcional e de aprendizagens significativas, realizadas em contexto. Embora como referido, o trabalho desenvolvido na escola com os alunos com multideficiência está centrado no aspeto da socialização e do desenvolvimento de competências sociais, ou seja interação com pares. Embora os entrevistados considerem que o currículo é organizado de acordo com as necessidades do aluno, a tónica da inclusão está centrada no aspeto de socialização e normalização.

Segundo Meireles & Santos (2008) para que seja possível a inclusão dos alunos com multideficiência no sistema ensino regular, é necessário atender às diferenças individuais de cada aluno. Essa individualização vai possibilitar um atendimento escolar baseado num ensino diferenciado, começando por uma flexibilidade: da organização escolar (planificação e gestão dos recursos humanos); da gestão do currículo (adaptação de conteúdos e metodologias de ensino); da gestão de recursos materiais (estratégias de ensino e atividades), de modo a atender às necessidades educativas específicas.

A escola inclusiva exige que os professores deixem de ser meros aplicadores dos programas e se assumam como gestores do currículo, reorganizando-o de acordo com as situações e necessidades concretas e criando dispositivos de aprendizagem que

possam dar resposta à heterogeneidade dos alunos. Na educação inclusiva está subjacente a atitude com que se perspetiva a prática pedagógica dos professores e a organização e gestão da escola. Na inclusão de alunos com multideficiência é necessário existirem mudanças nas atitudes e adaptações específicas ao nível do currículo e do tipo de apoio dado, para que lhe seja proporcionado um currículo com objetivos próprios e adequadas as suas necessidades. A inclusão destes alunos não se restringe só a escola, esta é só mais um ambiente onde esta inserido.

No que diz respeito ao terceiro objetivo, formas de articulação entre os professores de educação especial e os professores do ensino regular no trabalho desenvolvido com os alunos com multideficiência, do estudo conclui-se que existe uma articulação e colaboração entre os professores e os técnicos. De referir que os docentes consideram existir boas práticas, mas só ao nível do 1º ciclo do ensino básico, onde se tem permitindo aos alunos desenvolverem atividades planificadas e organizadas em conjunto, a partir de reuniões formais e informais com todos os intervenientes, e uma boa aceitação e interação por parte dos pares.

Relativamente a UAAM do 2º e 3º ciclo do ensino básico, esta situação já não acontece, pois existe pouca articulação e planificação de atividades entre professores. Aqui o trabalho com os alunos encontra-se centrado no professor de educação especial, sendo apresentado como explicação, o historial das UAAM. Ao nível do 2º e 3º ciclo é ainda uma realidade muito mais recente no sistema regular de ensino.

Outro dado interessante deste estudo, é o facto dos professores do regular sentirem necessidade de um apoio mais sistemático e constante por parte do professor de educação especial. Esta razão é também apresentada pelos professores da UAAM do 2º e 3º ciclo básico. Os professores do ensino regular continuam a revelar alguns constrangimentos ao nível da articulação com os professores de educação porque consideram que lhes falta formação necessária e adequada para lidar com os alunos com necessidades educativas especiais no contexto de sala de aula e principalmente quando não dominam as suas problemáticas.

A articulação e a colaboração entre os professores, permite uma planificação de atividades, avaliação e reflexão das mesmas, refletindo-se na construção de um bom ambiente de ensino aprendizagem que é fundamental na promoção da inclusão e no sucesso escolar de todos os alunos e na adequação de respostas educativas.

Correia (2003) defende que, para a concretização da filosofia inclusiva, o papel do professor do regular deve conciliar-se com o papel do professor de educação especial, com o dos pais, para que todos eles, em colaboração, possam desenhar estratégias que promovam sucesso escolar. Amaral & Nunes (2008) completam esta opinião referindo que o sucesso e a eficácia da intervenção educativa dos alunos com multideficiência implicam o desenvolvimento de um trabalho em equipa em que se garanta a colaboração do professor de educação especial com o titular de turma, bem como com todos os técnicos implicados no processo, garantindo ao aluno reais oportunidades de interagir com objetos e pessoas significativas nos diversos contextos naturais em que se insere, e desenvolvendo aprendizagens a partir destas interações.

A implementação de uma dinâmica de trabalho colaborativo e diferenciado deve ser tida como premissa para a inclusão dos alunos com multideficiência. Nas escolas onde predominam culturas colaborativas são mais inclusivas e proporcionam aprendizagens de sucesso e de qualidade nos alunos.

No que se refere ao quarto objetivo, estratégias educativas promotoras de inclusão no trabalho com alunos com multideficiência, para responder a inclusão dos alunos com multideficiência na escola e dar resposta ao decreto-lei no nosso sistema de ensino, foram implementadas nas escolas UAAM, com o objetivo desenvolver junto dos alunos interação com os pares e promover aprendizagens em contexto. Como refere Pereira (2005) as unidades especializadas em multideficiência são um recurso pedagógico especializado nas escolas de ensino regular, constituindo-se como uma resposta educativa diferenciada que visa apoiar a educação dos alunos com multideficiência, proporcionando-lhe meios e recursos diversificados.

Neste estudo a existência das UAAM, são consideradas como uma “mais-valia” para a escola como estratégia de inclusão dos alunos. São um recurso que dispõe de ferramentas para a comunidade escolar, recursos pedagógicos e professores especializados que podem ser elementos facilitadores da organização, da gestão curricular e da implementação de estratégias apropriadas a todos os alunos, proporcionando a interação com os pares e promovendo competências sociais. As UAAM são espaços facilitadores de acesso ao currículo de acordo com as necessidades dos alunos pelos recursos que dispõem.

Os alunos com multideficiência devem ter oportunidade, segundo Nunes (2008) de interagir com pares sem necessidades educativas especiais nos contextos regulares

de ensino e ter experiências significativas nesses contextos, sendo um aspeto relevante a ter em consideração na educação dos alunos com multideficiência. A educação inclusiva dos alunos com multideficiência deve ser direcionada para respostas educativas flexíveis, com a utilização de estratégias de ensino diversificadas e que corresponda as necessidades dos alunos, a fim de minimizar as barreiras às suas aprendizagens, (Nunes, 2008) tornando-se premente que os ambientes de aprendizagem apoiem a sua educação e os desafiem a aprender.

Relativamente ao quinto objetivo, diferenças nas práticas educativas desenvolvidas entre os professores da Unidade Especializada a Apoio à Educação de alunos com Multideficiência e os professores do regular do 1º ciclo do ensino básico e do 2º e 3º ciclo ensino básico, como verificamos as preocupações dos dois ciclos são as mesmas, falta de recursos humanos e o facto de os professores e assistentes operacionais não estarem dotados de formação na área das NEE. Mas existem diferenças relacionadas com as interações com os pares e com a articulação e colaboração entre professores. Segundo o estudo como já referimos as diferenças são significativas ao nível do 2º e 3º ciclo ensino básico. No que diz respeito às limitações dos alunos, devido às características e problemáticas que estes apresentam, começa a existir uma diferença significativa ao nível das suas motivações e interesses que não facilitam a relação entre pares, nomeadamente a questão da comunicação e mobilidade.

Relativamente à articulação e colaboração, há que considerar a atitude dos professores do ensino regular do 2º e 3º ciclo ensino básico que não têm por hábito, envolver os alunos nas atividades. Esta situação reflete a não existência de práticas de planificação e reflexão em conjunto com os professores de educação especial bem como a centralização do trabalho se encontrar nas suas mãos. Há que considerar que existe ainda um trabalho onde não se tem em conta a diferenciação curricular, baseando-se portanto num ensino tradicional.

Um estudo referido por Martin & Gil (2011), que se intitula «Valorizando a inclusão educativa a partir de diferentes perspetivas» (2009) realizado pelo Instituto de Integração na Comunidade da Universidade de Salamanca em parceria com a Confederação Espanhola das Organizações a favor das Pessoas com Incapacidade Intelectual, refere que os docentes enfocam o ensino num grupo homogéneo observando-se um tratamento diferenciado em relação a determinados alunos, recursos pouco inclusivos, a pouca interação entre os alunos com necessidades

educativas especiais e os outros alunos que não as possuem. Esta fraca inclusão observa-se mais à medida que os alunos são mais velhos e frequentam níveis escolares mais elevados.

No que concerne ao sexto objetivo, dificuldades colocadas aos professores de educação especial e aos professores do regular no desenvolvimento do trabalho com alunos com multideficiência, o estudo refere que as dificuldades dos professores estão centradas ao nível da organização escolar ou seja ao nível dos recursos, da prática pedagógica e das políticas educativas. As políticas educativas não corresponderem as práticas existentes na escola. O número de alunos por turma, não permite um trabalho individualizado, organização dos horários dos alunos com multideficiência não são contemplados as suas necessidades. A escola não dispõe de recursos adequados e aqui são considerados a falta de recursos humanos e o facto de estes não possuírem formação no âmbito das necessidades educativas especiais, condicionando a intervenção da prática educativa com os alunos.

Tendo por base que a existência de recursos facilita o processo de inclusão dos alunos com multideficiência, Nunes et al. (2004) referem que estes alunos do ponto de vista educacional exigem recursos e meios adicionais que respondam adequadamente às suas necessidades para promover aprendizagens significativas.

Relativamente à condicionante da formação, consideramos que é evidente a insegurança que sentem os professores e a consciência que têm que a qualidade do trabalho com o alunos com multideficiência fica comprometida devido à sua falta de formação. Os professores ao apresentarem atitudes positivas em relação à inclusão dos alunos considerados com necessidades educativas especiais nas escolas regulares (Correia, 2003), revelam uma função mais ativa e dinâmica no processo de ensino/aprendizagem mas necessitam, para isso, de formação específica e especializada para desenvolverem competências a fim de prestarem os apoios necessários a todos os alunos e responderem adequadamente às características e necessidades de cada um, otimizando, assim, as oportunidades de aprendizagem dos mesmos.

Outra questão mencionada no estudo que não é considerado como facilitador para a inclusão de alunos com multideficiência, é a própria limitação dos alunos, a sua problemática e as características que os alunos apresentam, limitações significativas ao nível cognitivo, problemas motores, e sensoriais que limitam a sua participação na

escola e na interação com pares. Efetivamente as características predominantes nos alunos com multideficiência em consonância com as relacionadas com a comunicação e mobilidade não são facilitadores de aprendizagens. A forma como os alunos com multideficiência acedem a informação e aos ambientes que os rodeiam vai permitir uma maior ou menor interação com aquilo que os rodeia.

Por fim no último objetivo, constrangimentos colocados ao processo de inclusão a alunos com multideficiência, as práticas quotidianas nem sempre têm seguido as orientações no que respeita à inclusão de alunos com multideficiência, o fraco investimento nos recursos humanos e materiais e a própria atitude da comunidade educativa por vezes constitui uma barreira a inclusão dos alunos com multideficiência.

Este estudo veio reforçar a ideia de que a escola não está adequada para receber estes alunos, é mencionado o facto de não existirem recursos suficientes, falta de recursos humanos, pedagógicos e as acessibilidades não são adequadas aos alunos.

Como consideração final, neste estudo e embora se tenha verificado algumas diferenças de opinião entre os professores de educação especial e os professores do ensino regular, todos consideram vantajosa a inclusão de alunos com multideficiência no sistema de ensino regular. É pertinente ainda referir, que todos os docentes defendem a importância da existência de recursos adequados (pedagógicos, humanos, materiais), tendo sempre presente o quanto é importante para os professores e todos os agentes educativos terem formação na área das necessidades educativas especiais, de forma a adequarem as respostas educativas.

No âmbito da escola inclusiva é importante conceber as aprendizagens, não num sentido restrito e académico, mas num sentido mais lato de oportunidades de aprendizagem que enfatizem competências e conhecimentos que sejam, pessoal e culturalmente, relevantes e funcionais para os aluno e para a família. Ou seja realizar aprendizagens significativas e em contexto. Só nesta perspetiva é que se deve considerar a inclusão de alunos com multideficiência.

Nesta perspetiva do contexto da escola inclusiva, acima de tudo deve estar presente a mudança de mentalidades e atitudes. Deverão também ser criadas estruturas de apoio diferenciadas a todos os níveis de forma a otimizar e promover resposta de qualidade aos alunos com multideficiência. Esta só será possível quando todos os profissionais

de educação interiorizarem que é importante uma boa liderança, cooperação, responsabilidade, flexibilidade nos conteúdos e estratégias de aprendizagem.

Num contexto educativo inclusivo, a diversidade é uma oportunidade de inovação e desenvolvimento educativo, potenciador do desenvolvimento de todos os alunos e do próprio professor, que tem aqui um contexto propício ao desenvolvimento das suas competências pessoais e profissionais.

## **Limitações do estudo**

Esta investigação apresenta algumas limitações ao nível do processo e da metodologia com impacto nas suas conclusões, inerentes à própria natureza do estudo que é baseada em estudos de caso.

Os estudos efetuados no âmbito do paradigma do pensamento do professor, de natureza qualitativa e interpretativa confrontam-se sempre com dificuldades de várias ordens, uma vez que se propõem a apreender a complexidade das relações num determinado contexto. O número reduzido de sujeitos estudados, apenas oito, não permite a extrapolação dos dados, sendo estes válidos dentro do próprio contexto.

Há ainda a salientar que a situação de entrevista, em que os professores são confrontados com alguns fatores que se relacionam com processos de funcionamento cognitivo e psicológico, pode levar os mesmos, conscientes ou inconscientemente a omitir alguns dados importantes.

Também a pouca experiência da investigadora neste tipo de entrevista pode ter condicionado à capacidade de obtenção de dados relevantes relativamente ao pensamento do professor.

Evidencia-se também a dificuldade da autora em identificar bibliografia em quantidade e diversidade significativas sobre o tema.

## **Sugestões de estudos futuros**

O trabalho desenvolvido permite tecer algumas considerações com vista a futuras investigações relativas à problemática do estudo. Seria pertinente comparar com outras unidades de apoio a alunos com multideficiência de outros agrupamentos, a fim de verificar se consideram as mesmas necessidades apresentadas pelos professores entrevistados no presente estudo.

Seria ainda relevante estudar, se as práticas correspondem às concepções que os professores fazem dos alunos com multideficiência no sistema regular de ensino.

Por fim, um outro campo de investigação relaciona-se com a identificação de necessidades de formação, identificando qual a relação existente entre as necessidades de formação referidas pelos professores e as suas dificuldades ao nível da sua intervenção pedagógica.

## Referências bibliográficas

- ✓ AINSCOW, M. (1996). *Necessidades especiais na sala de aula: Um guia para a formação de professores*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. Edições Unesco;
- ✓ AINSCOW, M., PORTER, G. E WANG, M. (1998). *Caminho para as Escolas Inclusivas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- ✓ AINSCOW, M. (Fevereiro 2002). *Educação para todos: torna-la uma realidade in: Dimensões Formativas. Caminhos para a escola inclusiva*. Lisboa. Revista Departamento ensino básico nº5
- ✓ AMARAL, I., GONÇALVES A., NUNES. C., DUARTE, F. e SARAMAGO, A. R. (2004). *Avaliação e Intervenção em Multideficiência*. Centro de Recursos para a Multideficiência. Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Direcção de Serviços de Educação Especial e do Apoio Sócio- Educativo. Lisboa.
- ✓ AMARAL, I. & NUNES, C. (2008). *Educação, multideficiência e ensino regular: um processo de mudança de atitude*. Revista *Diversidade*. Abril, Maio e Junho de 2008, Ano 6 – Nº20, pp. 4-9;
- ✓ ALMEIDA, A. (2011). *Inclusão de alunos com multideficiência: importância das unidades especializadas em multideficiência*. Lisboa. Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Tese mestrado (não publicada).
- ✓ BARBOSA, L. (1997). *Pensar a Escola e os seus Atores*. Associação de Professores de Sintra. Mem Martins.
- ✓ BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. França: Edições 70.

- ✓ BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto. Porto Editora.
- ✓ CAPUCHA, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projetos – Guião Prático*. DGIDC. Lisboa. Ministério de Educação.
- ✓ CARMO, H.; FERREIRA, M. (2008). *Metodologia da Investigação – 2ª Edição*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ✓ COITO, P (2000). *O insucesso escolar – um estudo de reorientação do ensino na sala de aula*. Dissertação de Mestrado não publicada, Lisboa. Universidade Católica Portuguesa. Instituto de Educação.
- ✓ CORREIA, L. M. (1997). *Alunos com necessidades Educativas Especiais nas Classes regulares*. Coleção Educação Especial. Porto. Porto Editora.
- ✓ CORREIA, L. M. (2003). *O sistema educativo português e as necessidades educativas especiais ou quando inclusão quer dizer exclusão*. In L. Miranda Correia (org.). *Educação especial e inclusão: quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Porto: Porto Editora.
- ✓ CORREIA, L. M. (2003). *Vantagens da inclusão*. Revista Educare. Porto Editora
- ✓ CORREIA, L. M.. (2005). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um Guia para Educadores e Professores*. Coleção Necessidades Educativas Especiais. Porto: Porto Editora.
- ✓ COSTA, A., LEITÃO, F., MORGADO, J., PINTO, J.. (2006). *Promoção da Educação Inclusiva em Portugal*. In *Ciências da Educação em Portugal*. Porto. Edições ASA.
- ✓ CRESPO, A., CORREIA, C., CAVACA, F., CROCA, F., BREIA, G. & MICAELLO, M.. (2008), *Educação Especial: Manual de Apoio à Prática*. Lisboa: Ministério de Educação.

- ✓ ESTRELA, A (1994). Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores. Porto. Porto Editora.
- ✓ FELGEIRAS, I. (1994). As crianças com necessidades educativas especiais: como as educar?. Inovação 7. 23-35
- ✓ FONSECA, V. (1989). Desenvolvimento Humano da Filogénese a Ontogénese da motricidade. Editorial Notícias.
- ✓ FIGUEIREDO, R. (2010). Incluir não é inserir, mas interagir e contribuir. Inclusão: R. Educação. Especial, Brasília, v.5, n.2, p. 32-38, jul/dez.2010  
consultado em 14-1-2012  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=860&id=12625&option=com\\_content  
&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=860&id=12625&option=com_content&view=article)
- ✓ GIANGRECO, M & Putnan, J. (s.d.). Supporting the Education of Students with Severe Disabilities in Regular Education Environments. Capítulo 15.
- ✓ HARGREAVES, A. (1994). Os professores em tempos de mudança – O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Editora Mcgrawhill.
- ✓ WOLF, P. & HALL, T. (2003), Making Inclusion a Reality for Students With Severe Disabilities, in Teaching Exceptional Children, Vol.35, No.4, pp.56-60. Copyright CEC;
- ✓ LADEIRA, F., & AMARAL, I (1999), Alunos com Multideficiência nas Escolas de Ensino Regular, Coleção Apoios Educativos, Lisboa: Ministério de Educação.
- ✓ LEITE, T. (2011). Currículo e Necessidades Educativas Especiais. Coleção: Indução e Desenvolvimento Profissional Docente. Aveiro. Campus Universitário de Santiago. Universidade de Aveiro.
- ✓ LIMA, L.. (2005) Apertem os cintos: a direção (as) sumiu! Os desafios da gestão nas escolas inclusivas. In Rodrigues, D; Krebs, R; Freitas, S. N (org). Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais. Santa Maria. Brasil. Editora da Universidade Federal de Santa Maria.

- ✓ MAIA, A.; FERREIRA, M. (2007). Análise ecocomportamental do ensino de alunos com multideficiência, do 1º ciclo do ensino básico, nos contextos classe regular, unidade especializada em multideficiência e instituições. In Rodrigues, D. (org) *Investigação em educação Inclusiva*. Vol. 2. Cruz Quebrada: Forum de Estudos de Educação Inclusiva. Faculdade Motricidade Humana.
- ✓ MARCHISE, A. (2010). A prática das escolas inclusivas in Coll, C. at al (org)., *Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. Volume 3. Desenvolvimento psicológico e educação. Brasil. São Paulo. Artmed Editora
- ✓ MARTIN, P. & GIL, F. (2011) . Experiências de inclusão na formação de professores in Rodrigues, D (org). *Educação Inclusiva, dos conceitos às práticas de formação*. Lisboa. Horizontes pedagógicos. Instituto Piaget
- ✓ MEIRELES J. & Santos M. (2008). Unidades Especializadas em Multideficiência: A Realidade da EB1/PE de Boaventura. *Revista Diversidade*. Abril, Maio e Junho de 2008, Ano 6 – Nº20, pp. 15-20;
- ✓ MONIZ, L. (2008). Não Sei Se Sou Diferente... A (In)visibilidade da Diversidade Cultural. Lisboa. Livros Horizonte.
- ✓ NOGUEIRA, J.; Rodrigues, D, (2006). A educação da criança com deficiência mental profunda na escola do regular e na escola especial. Avaliação de dois modelos. in Rodrigues, D. (org). *Investigação em Educação Inclusiva*. Volume 1. Cruz Quebrada: Forum de Estudos de Educação Inclusiva. Faculdade Motricidade Humana;
- ✓ NUNES, C. (2001). *Aprendizagem ativa na criança com Multideficiência – Guia para educadores*. Ministério da Educação, Deb. Coleção AE, nº5.
- ✓ NUNES, C. (2005). *Unidades Especializadas em Multideficiência – Normas Orientadoras*. Lisboa: Direção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio- Educativo. Direção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação;

- ✓ NUNES, C. (2008). Alunos com multideficiência e com surdo cegueira congénita – organização da resposta educativa. Lisboa: Ministério da Educação. Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- ✓ PEREIRA, F. (2005). Unidades Especializadas em Multideficiência - Normas Orientadoras. Coleção Apoios Educativos, n.º 11. Lisboa. DGIDC - DSEEASE Editorial do Ministério da Educação.
- ✓ PERRENOUD, P. (1995). Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar. Coleção Ciências da Educação, Porto. Porto Editora.
- ✓ POSTIC, M. (1995). Para uma estratégia Pedagógica do Sucesso Escolar. Coleção Ciências da Educação. Porto. Porto Editora.
- ✓ POSTIC, M. (2008). A Relação Pedagógica. Lisboa Padrões Culturais Editora.
- ✓ Projeto para a qualificação da resposta educativa a crianças e jovens com multideficiência e surdo cegueira – projeto de continuidade, visão estratégica 2003/04. Núcleo de orientações educativas e educação especial. Departamento de educação Básica. Ministério de Educação in <http://sitio.dgidc.min-edu.pt/especial> consultado em 9 -02-2011.
- ✓ QUIVY & CAMPENHOUDT (1995). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Coleção Trajetos. Lisboa. Edições Gradiva.
- ✓ RODRIGUES, D (2001). Educação e Diferença”, Coleção Educação Especial; Porto Editora; Porto.
- ✓ RODRIGUES, D (2003). Educação Inclusiva – As Boas Noticias e as Más Noticias. in Rodrigues, D (org.). Perspectiva sobre a inclusão – da Educação à sociedade. Porto: Colecção Educação Especial. Porto Editora;
- ✓ RODRIGUES, D (Março, 2005), Dez ideias (mal) feitas sobre Educação Inclusiva, Conferência sobre o ciclo de inclusão. Lisboa. Universidade técnica de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana. Cruz Quebrada. (não publicada).

- ✓ RODRIGUES, D. (Abril, 2005). Flexibilidade Curricular e as Escolas de Condução. N.º 144, Ano 14, Página n.º 16, Revista a Pagina <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=144&doc=10743&mid=2> retirado janeiro de 2012
- ✓ RODRIGUES, D. ( 2005). Educação Inclusiva: mais qualidade à diversidade In Rodrigues, D; Krebs, R; Freitas, S. N (org) Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais. Brasil. Santa Maria. Editora da Universidade Federal de Santa Maria.
- ✓ ROLDÃO, M. (2003). Diferenciação Curricular Revisitada – conceito, discurso e praxis. Porto. Porto Editora.
- ✓ ROLDÃO, M. (2003) in Rodrigues, D (org.).Perspetiva sobre a inclusão – da Educação à sociedade. Coleção Educação Especial. Porto. Porto Editora.
- ✓ STOER, S. & MAGALHÃES, A. . (2001). A incomensurabilidade da diferença e o anti – antietnocentrismo. in Rodrigues, D (org.). Educação e Diferença. Coleção Educação Especial.Porto. Porto Editora.
- ✓ UNESCO (1994) Declaração de Salamaca e enquadramento de ação na área das necessidades educativas especiais. Unesco;
- ✓ VALA, J. (1986). A análise de conteúdo. In: SILVA A. e PINTO J. (orgs). Metodologia das ciências sociais. Porto: Edições Afrontamento,
- ✓ VALA, J. & MONTEIRO, M. (1993). Psicologia social. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- ✓ ZABALZA, M. (1994). Diários de aula: Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto. Coleção Ciências Educação. Porto Editora:

## Legislação

- ✓ Decreto-lei nº3/2008 de 7 de janeiro.
- ✓ Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro – Lei de bases do sistema educativo
- ✓ Currículo nacional do ensino básico

## Índice de Anexos

Anexo I -	Carta ao agrupamento
Anexo II -	Guião de entrevista
Anexo III -	Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 1º ciclo- P1
Anexo IV -	Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 2º e 3º ciclo P2
Anexo V -	Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 1º ciclo P3
Anexo VI -	Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 2º e 3º ciclo P4
Anexo VII -	Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da UAAM 1º ciclo E1
Anexo VIII -	Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da UAAM 1º ciclo E2
Anexo IX -	Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da UAAM 2º e 3º ciclo E3
Anexo X -	Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da UAAM 2º e 3º ciclo E4
Anexo XI -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E1
Anexo XII -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E2
Anexo XIII -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E3
Anexo XIV -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E4
Anexo XV -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P1
Anexo XVI -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P2
Anexo XVII -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P3
Anexo XVIII -	1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P4
Anexo XIX -	2ª fase: análise de conteúdo das entrevistas

**Anexo I – Carta ao Agrupamento a solicitar autorização**

Exma Sra. Diretora do  
Agrupamento de Escolas ■

**Assunto:** Realização de uma investigação no âmbito do curso de mestrado em educação especial – ramo cognição e multideficiência

Chamo-me Dulce da Silva Oliveira, sou docente de educação especial e encontro-me a frequentar na Escola Superior de Educação de Lisboa, o curso de mestrado em Educação Especial ramo de especialização - problemas de cognição e multideficiência.

Pretendo realizar um estudo, sobre inclusão de alunos com multideficiência na escola do ensino regular. Este trabalho será realizado sob orientação da Professora Doutora Conceição Figueira,

A realização deste estudo procura reunir informação que permita compreender as conceções dos docentes sobre do processo de inclusão de alunos com multideficiência na escola do regular.

Para a sua realização necessito de entrevistar docentes do ensino regular e docentes de educação especial, do 1º, 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico que se encontrem a trabalhar diretamente com estes alunos, e conhecer os documentos que orientam as suas práticas (projeto educativo do agrupamento, projetos das unidades, projetos curriculares de turma, planificações de atividades das unidades,..).

Comprometo-me a garantir a confidencialidade e o anonimato dos dados e dos participantes do estudo.

Pretendo desenvolver este estudo neste agrupamento de escolas pelo que solicito a autorização de vossa exa. para a realização do mesmo.

Muito atentamente

Lisboa, 13 de janeiro de 2012

(Dulce Oliveira)

## Anexo II - Guião de entrevista

Blocos	Objetivos Específicos	Formulário de questões
I. Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	1. Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.	a) Informar sobre o tema e os objetivos do trabalho a realizar; b) Solicitar a colaboração do professor, assegurado o anonimato das informações/opiniões; c) Pedir autorização para gravar a entrevista.
II. Atitudes e valores dos professores face a inclusão de alunos com multideficiência	2. Caracterizar a opinião dos professores face a inclusão de alunos com NEE.	1. Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? concorda? porquê? 2. E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência, explicita a sua opinião, concorda? Porquê? 3. Considera que as atuais políticas promovem práticas inclusivas? como? Porquê?
III. Orientações e práticas dos professores	3. Identificar como o professor pode contribuir para práticas inclusivas.	4. Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explicita a sua opinião? 5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?
IV. Concepções dos professores face a inclusão de alunos com multideficiência	4. Perceber em que moldes a escola pode tomar atitudes inclusivas	6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE? 7. As práticas existentes na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo para os alunos com NEE? Como? Quais?
	5. Caracterizar as opiniões dos professores relativamente à inclusão de alunos com	8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento? 9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM)

	multideficiência na sua escola	<p>10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com NEE?</p> <p>11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?</p>
V. Implicações da inclusão de alunos com Multideficiência na prática pedagógica. Do professor	4. Caracterizar as praticas utilizadas pelos professores face aos alunos com multideficiência na escola	<p>12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?</p> <p>13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? justifique a sua resposta?</p> <p>14. Que catividades promotoras de inclusão costuma desenvolver junto de alunos com multideficiência?</p>
VI. Barreiras ao processo de inclusão	5. Caracterizar e identificar os obstáculos existentes à inclusão dos alunos com MD	<p>15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com NEE?(físicas, materiais, pedagógicas, outras??)</p> <p>16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta</p>

**Anexo III - Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 1º ciclo-  
P1**

<b>1.Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?</b>
Eu concordo com a inclusão na escola pois permite que todos alunos convivam com a diferença e tenham as mesmas oportunidades nas respostas educativas. Os alunos desenvolvem competências sociais ao lidarem com as diferenças de cada um, pois considero que todos somos diferentes.
<b>2.E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência, explicita a sua opinião, concorda? Porquê?</b>
Sim concordo pela mesma razão ou seja permite que todos convivem com a diferença e tenham as mesmas oportunidades. Embora pela minha experiencia o facto destes alunos apresentarem limitações significativas tanto ao nível da comunicação e socialização limita a sua participação nas atividades.
<b>3.Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?</b>
Penso que não, não vão de encontro as necessidades da escola nem dos alunos e nem das famílias. Isto porque estes alunos necessitam de recursos adequados as suas necessidades e há necessidade de um investimento institucional maior a vários níveis e as escolas não estão apetrechadas com esses recursos.
<b>1. Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explicita a sua opinião?</b>
Penso que são as atitudes da comunidade educativa. Se todos aceitarem estes alunos é possível existir inclusão. Outro facto é de existirem recursos adequados quer pedagógicos quer físicos para irem de encontro as necessidades e problemáticas dos alunos.
<b>5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?</b>
A partir do momento que o aluno faz parte da turma o professor deve ver aquele aluno como parte integrante da mesma, isto é deve dar resposta as suas necessidades ter em conta os seus ritmos de aprendizagem. Embora exista alguma dificuldade porque o número de alunos nas turmas é elevado e o facto de estes alunos não darem redução de turma nem sempre permite dar respostas a todas as situações dentro da sala de aula.
<b>6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica</b>

**com alunos com NEE?**

Penso que é a articulação que se desenvolve entre o professor da turma e o professor de educação especial, isto porque nós não temos formação nas necessidades educativas especiais, e o professor de EE deve para além de partilhar informação sobre o aluno, deve ajudar e apoiar o aluno e o professor do regular. E isto por vezes não acontece. Depois não devia de existir tantos alunos por sala, ou seja quando há alunos com NEE devia de haver redução de turma, pois é impossível dar respostas de qualidade com 26 alunos dentro de sala, sendo dois com NEE.

**7. As práticas existentes na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

Não tem, pois os recursos pedagógicos e humanos não chegam. Embora os alunos com estas características tenham um currículo próprio, muitas das vezes não é possível dar respostas adequadas porque não existem recursos suficientes para acompanharem estes meninos que não tem autonomia as atividades e pelo facto de como já referi o nº elevado de alunos na turma, e de existirem dois ou mais anos de escolaridade dentro da turma nada facilitador na organização das atividades quando se tem que atingir determinadas metas no final do ano.

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

Penso que é boa principalmente no 1º ciclo, todos os alunos tem tido ganhos ao nível do desenvolvimento das suas competências sociais. Os alunos participam nas atividades possíveis, os pares aceitam as suas diferenças e os professores tentam planificar atividades em conjunto para que os alunos possam participar. Por isso penso que é boa.

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

Concordo pois estes alunos não conseguem estar a tempo inteiro dentro da sala de aula. E assim tem um espaço de recursos onde podem desenvolver outras atividades de acordo com as suas necessidades. E além disso precisam de pessoas a tempo inteiro junto deles devido aos seus problemas relacionados com autonomia e comunicação e numa sala de aula não seria possível.

**10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

As vantagens têm a ver com o desenvolvimento de competências sociais, tanto dos alunos com MD com os ditos “normais”. Desvantagens propriamente não encontro.

<p><b>11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?</b></p>
<p>Penso tem que existir espaços físicos adaptados, recursos humanos com formação na área das NEE o que não acontece pois nos professores do regular não temos qualquer formação nesta área. Sem estes recursos penso que não é possível.</p>
<p><b>12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?</b></p>
<p>O currículo tem sempre em conta as necessidades e os ritmos de aprendizagem dos alunos, e parto sempre da informação que recebo do professor de educação especial relativamente as capacidades e possibilidades de cada um. Embora por vezes seja difícil implementar determinadas atividades por falta de recurso humanos, pois se estes alunos não forem acompanhados a sala de aula torna-se muito difícil dar uma resposta adequada.</p>
<p><b>13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? Justifique a sua resposta?</b></p>
<p>Os professores de educação especial estão sempre disponíveis para ajudar e colaborar. Existe uma partilha de informação. Embora devesse existir mais sistematização da informação e recursos humanos para acompanhar estes alunos na sala de aula.</p>
<p><b>14. Que atividades promotoras de inclusão, costuma desenvolver junto de alunos com multideficiência?</b></p>
<p>Os alunos que estão integrados na minha turma são convidados a participar em todas as atividades que desenvolvo com a restante turma, sejam visitas de estudo ou outro tipo de atividades. O que acontece é que algumas vezes estes alunos não podem participar ou devido as suas limitações ou porque existem falta de recursos humanos acompanha -los as atividades.</p>
<p><b>15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência?(físicas, materiais, pedagógicas, outras?)</b></p>
<p>Penso que é a sua própria problemática, o facto de não terem autonomia e os problemas ao nível da comunicação. Estas barreiras condicionam as aprendizagens, nas os permite ter um nível de atividade e participação como os seus pares, mesmo naquelas atividades simples como a hora do recreio que é o lugar de excelência promotor de socialização.</p>
<p><b>16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta</b></p>

Acho que de forma geral sim, mas também considero que estes alunos precisam muito mais recursos e por vezes a escola não os tem disponíveis, principalmente recursos humanos.

**Anexo IV - Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 2º e 3º  
ciclo P2**

**1. Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?**

Concordo absolutamente. O espaço escolar favorece de uma maneira extraordinária a inclusão destes alunos em termos de competências sociais. Na verdade, a sua inclusão em turmas com alunos com características tão diversas em termos cognitivos, sociais, familiares, culturais, entre outros, estimula fortemente estas crianças e adolescentes no sentido de procurarem ser iguais aos outros. Em termos escolares, a inclusão é um processo mais lento, dadas as características e necessidades educativas de cada aluno. Contudo, na maior parte dos casos, os resultados são significativos e têm “significado” para estes alunos. O seu sucesso escolar é, acima de tudo, ou deve ser, o percurso/ progresso educativo que realizaram e não apenas os resultados.

**2. E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência explicita a sua opinião, concorda? Porquê?**

Concordo. A resposta é semelhante à primeira pergunta em termos de competências sociais. Relativamente ao seu percurso escolar, o processo tem de ser encarado de uma forma diferente de acordo com a deficiência de cada aluno. Assim, para cada criança terá de haver necessariamente um currículo específico com “significado” para cada um de acordo com as suas necessidades educativas, emocionais, psico-motoras, etc, mas que inclua sempre o mundo em seu redor. A definição do percurso escolar destes alunos deve ser sempre balizada entre o que ele é, o que precisa e o que consegue fazer. O seu verdadeiro sucesso escolar acontece quando estas premissas estão presentes em todo o processo escolar.

**3. Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?**

Nem tanto. As práticas inclusivas para estas crianças têm forçosamente de ser multidisciplinares o que implica gastos com técnicos especializados em

diferentes valências. Um só aluno pode necessitar de vários técnicos, especialistas, docentes, auxiliares, transporte, material adequado, etc, mas a inclusão tem custos e a sociedade tem a obrigação e o dever de integrar estas crianças no meio mais favorável ao seu desenvolvimento global: a ESCOLA. Estes apoios não podem falhar e estão falhar ano após ano, assistindo-se a um corte sistemático de recursos na Educação Especial. Trata-se de um ataque à escola pública de um modo geral e não apenas à Educação Especial, contudo estes cortes são especialmente graves quando atingem estas crianças, uma vez que se não beneficiarem dos apoios que necessitam, todo o seu desenvolvimento é posto em causa.

**4. Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explícite a sua opinião?**

O próprio contexto escolar. Da minha experiência enquanto docente com alunos da Educação Especial com Currículo Específico Individual, quer com Adequações Curriculares em contexto turma, quer com alunos da Unidade de Multideficiência, constato diariamente que estes alunos “crescem” e desenvolvem competências a todos os níveis pelo simples facto de frequentarem uma escola. Depois são todas as valências específicas para o desenvolvimento global de cada aluno que têm de existir e coexistir harmoniosamente dentro deste mesmo contexto escolar. Estes alunos são IGUAIS aos outros: querem brincar, rir, comunicar com todos, participar, disfrutar da vida da escola, passear, aprender, fazer coisas. Cada um comunica como pode, com a voz, com o corpo, com o olhar, com o gesto, mas há sempre comunicação e a ESCOLA tem a obrigação de criar e procurar todos os recursos materiais e humanos com vista ao sucesso pessoal e escolar destes alunos. Tem conseguido na maior parte dos casos, mas graças ao empenho de muita gente dedicada que busca incessantemente meios para o conseguir.

**5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?**

Na sala de aula o contributo não é apenas do professor. No entanto, é a ele que cabe a função de criar uma estrutura de tutoria na aula através do

envolvimento dos alunos da turma e dos laços que devem ser criados com a criança especial. Sou particularmente a favor da tutoria por parte de alunos da turma com perfil para ajudarem, dentro e fora da sala de aula, os alunos com necessidades educativas. Reforça laços entre os alunos, altera comportamentos, cria maturidade e responsabilidade e cria pontes entre os docentes e os alunos. Terminada a aula, o processo de aprendizagem pode continuar com a ajuda de um colega em casa, na biblioteca, na brincadeira, a ajudar em algumas tarefas a realizar fora da sala de aula. Na sala, onde estão alunos com diferentes problemáticas, para além destes alunos, não consegue acompanhar individualmente como gostaria e contando com estes alunos pode tornar mais eficaz todo o processo de aprendizagem que tem de forçosamente ser diferenciado e individualizado.

**6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE?**

Uma aproximação pessoal do docente com estes alunos. Não se trata apenas de ensinar, mas acima de tudo de chegar até eles e comunicar de forma diferente. O aluno tem de sentir que faz parte do grupo e este é o maior fator de inclusão: pertencer a um grupo. Quando isto acontece o caminho é bem mais fácil para todos e ninguém está preocupado porque estão alguns a fazer coisas diferentes. O objetivo é a concretização de um determinado produto final, o percurso para lá chegar pode ser feito de muitas maneiras e em simultâneo.

**7. As práticas existentes na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

De um modo geral considero que sim. Do que conheço dos CEI e das Adaptações Curriculares, bem como de outros documentos que orientam e determinam toda a prática docente e não só com estes alunos, têm em conta a flexibilização do currículo. No entanto, creio que deveria haver um maior apoio e colaboração por parte do docente de Educação Especial na elaboração das Adaptações Curriculares com os outros docentes, uma vez que conhecem melhor os alunos e podem dar mais “pistas” para a definição das estratégias a adotar. Cada docente no seu horário pode ter vários alunos NEE em cada turma e, se tiver muitas, como é o meu caso, as dificuldades aumentam.

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

Muito boa. A inclusão destes alunos no contexto escolar é real e visível e tem dado frutos no seu desenvolvimento pessoal, social e escolar!

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

Muito boa até ao momento. Espero que todas as valências e apoios especializados continuem a existir porque fazem parte imperiosamente do currículo que foi criado e concebido para estes alunos.

**10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

Já foram referidas anteriormente todas as vantagens. Só poderia apontar desvantagens se os apoios fossem retirados e estes alunos não pudessem fazer o seu percurso pessoal, social e escolar com sucesso.

**11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?**

As equipas multidisciplinares, os docentes, o pessoal de apoio, os espaços, a colaboração da família, o envolvimento acima de tudo de toda uma comunidade escolar que colabore com estas crianças.

**12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?**

Sou professora de Educação Musical. Na sala de aula com o espaço turma promovo a reorientação dos conteúdos e respetivas atividades para a diversificação de intervenções em grupo. Cada aluno tem a sua participação específica numa determinada atividade e nesta disciplina isso nunca constitui um problema no processo de ensino aprendizagem, pelo menos ao nível da atividade prática. No plano mais teórico, os alunos são orientados para a realização de registos muito simples e de reconhecimento visual e/ auditivo com pouco lugar à escrita quando tal não for possível. Imagem, Som, Movimento, Expressão, são palavras chave para todos e para estes alunos ainda mais.

**13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que**

**situações? Como? justifique a sua resposta?**

Sim. Poderia ser mais sistemática e constante em termos de conselhos de turma, com um trabalho mais colaborativo entre outros. Para além da produção de documentos, há pistas, sugestões e ideias que podem e devem ser transmitidas regularmente aos docentes do ensino regular no sentido de uma maior rentabilização do trabalho e das estratégias a desenvolver com estes alunos. As estratégias, às vezes, são de uma simplicidade extraordinária, como por exemplo, sentar o aluno NEE ao lado do aluno X da turma porque este lhe transmite segurança, conforto e apoio

**14. Que atividades promotora de inclusão costuma, desenvolver junto de alunos com multideficiência?**

A sua participação em todas as atividades práticas na sala de aula e a sua intervenção nos eventos escolares ligados à Música.

**15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência? (físicas, materiais, pedagógicas, outras?)**

Muitas vezes é a Comunicação. É muito importante conhecer o historial destes alunos, a sua forma de comunicar e estabelecer uma ligação forte e coesa com a família. Ultrapassados estes passos a Escola está em condições de criar todos os mecanismos com vista ao seu sucesso pessoal.

**16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta**

Sim. Pelo menos até ao momento. Os recursos humanos, os materiais, os espaços, o transporte, a higiene, a alimentação, as atividades letivas e não letivas, as saídas, as visitas de estudo, as brincadeiras, etc.

## **Anexo V- Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 1º ciclo P3**

<b>1. Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?</b>
Uma sociedade inclusiva implica uma escola inclusiva e esta tem a particularidade de modelar a primeira. Os ganhos no desenvolvimento são evidentes junto dos diferentes agentes de ensino e alunos.
<b>2. E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência explicita a sua opinião, concorda? Porquê?</b>
Neste aspeto estamos a tratar de um grupo de alunos com especificidades bem vincadas e individualizadas. A integração na turma carece de uma objetividade de modo que a relação inclusão e aprendizagem seja significativa. Contudo a co-habitação no espaço escolar é fundamental e pertinente e este não é um menor contributo para os progressos que se pretendem – hajam meios técnicos e humanos para se atingirem as metas definidas.
<b>3. Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?</b>
A história recente é demonstrativa que foram conseguidos muitos avanços nesta matéria e não se pode quebrar uma relação educativa de sucesso. Há que fortalecer este espaço de intervenção pedagógica com equipas bem preparadas. Tudo tem custos e este domínio absorve recursos financeiros substanciais, mas com alguns desequilíbrios devido à conjuntura atual não foram abandonados os propósitos para este grupo de alunos rumo à sua inclusão na vida ativa.
<b>4. Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explicita a sua opinião?</b>
Boa vontade e arrojo em inovar. O exercício da atividade docente junto deste núcleo de alunos obriga a uma mudança de paradigma e a reformulações em continuidade. No entanto devem estar alicerçadas na estratégia de intervenção a identificação da problemática do indivíduo, a partilha de opiniões com os demais técnicos, o estabelecimento de um percurso escolar a médio prazo que forneça as ferramentas estruturais para a sua inclusão na vida ativa; e como seria importante a parceria com entidades empregadoras.
<b>5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?</b>

O professor é um elemento fundamental na promoção de expectativas de vida, incentivando ao conhecimento, ao gosto por descobrir, à partilha e troca de experiências, promovendo o altruísmo junto dos alunos. Assim sendo, por ele também passa o estabelecer de pontos de ligação entre os diferentes alunos quer em contexto de sala de aula ou não

**6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE?**

Julgo ter respondido atrás a esta questão. Contudo reforço que o trabalho em articulação entre professores do ensino regular e os do “especial” é preponderante em toda esta arquitetura pedagógica de base e nunca, mas nunca, naquela ideia, ainda presente, de fazer do aluno NEE um “coitadinho”, provavelmente o maior erro neste quadro específico.

**7. As práticas existentes na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

O trabalho com os alunos NEE não pode estar assente em modelos fechados. A tentativa/erro é, também, um vetor a considerar, daí que a flexibilidade curricular seja um fator a recorrer mas numa lógica de manter o “treino” junto destes alunos o mais próximo da “norma”. Os caminhos para lá “chegar” podem ser diversos mas o que é preciso é “chegar”.

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

Este grupo de alunos confere um valor de estabilidade institucional. Isto é, não são indiferentes ao vulgo da comunidade escolar, no entanto a “montra” deve ser ainda mais arrojada, dentro das estabilidades emocionais de cada indivíduo, isto de forma a fomentar a participação direta dos outros alunos. Acresce dizer que estes alunos possuem um apoio pedagógico de excelência pelos demais técnicos onde incluo as assistentes operacionais destacadas para o serviço de acompanhamento.

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

Julgo que sem esta Unidade não há capacidade para se desenvolver um trabalho com coerência, planificado e participado com os alunos.

**10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

Considero que já respondi a esta questão, mas reforço que estes alunos na escola são uma mais valia para toda a comunidade educativa, em termos

de experiências com os pares e com adultos

**11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?**

A resposta obedece a um filtro que não domínio, mas enquanto elemento ativo na escola entendo que faz sentido a implementação das UAAM numa perspetiva de criar as condições para as aprendizagens previstas, sustentadas e ajustadas com as famílias destes alunos. O espectro da multideficiência implica uma organização própria em rede (entre estabelecimentos de ensino) de modo a cativar os melhores recursos pedagógicos, tornando as escolas especialistas numa determinada incapacidade.

**12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?**

O trabalho junto destes carece de uma articulação com o professor do ensino especial e diretor de turma. No entanto após uma avaliação de diagnóstico e atendendo aos relatórios produzidos no final do ano letivo anterior, são estabelecidos objetivos específicos, numa linha de continuidade, que mais se aproximem dos requisitos previstos para a disciplina, por matéria e no ano de escolaridade em que o aluno esteja a frequentar.

**13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? Justifique a sua resposta?**

Essa articulação é imprescindível. Deverá ser monitorizada tendo em vista a evolução consistente do aluno. Contudo verifica-se, com frequência e atendendo à minha parca experiência no trabalho desenvolvido com estes anos, a existência de um fenómeno algo comprometedor de não se realizarem os devidos relatórios finais de ano letivo com o quadro de evolução do trabalho produzido junto destes alunos e por área.

**14. Que atividades promotora de inclusão costuma, desenvolver junto de alunos com multideficiência?**

Aquelas que a equipa técnica que acompanha estes alunos entenderem pertinentes. Mas o mais importante é “encostar”, sempre que possível, a realidade destes alunos à norma.

**15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência? (físicas, materiais, pedagógicas, outras?)**

As principais barreiras situam-se em dois planos: conjunturais e estruturais. Na

primeira incluo a estratégia global e local para a inclusão destes alunos; é preciso saber qual o ponto de partida e onde se pretende chegar numa realidade a médio e longo prazo. Na segunda refiro-me aos recursos; os físicos poderão ser um problema assim como os de natureza material, mas os recursos humanos conferem o principal handicap se estes forem em número insuficiente e/ou se não houver a predisposição para realizar um trabalho diferenciando independentemente do contexto. É crucial ensinar o “outro” (“não deficiente”) para a integração do aluno portador de deficiência.

**16.Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta**

Esta pergunta foi respondida amiúde ao longo do inquérito. Contudo reforço a ideia que a escola tende a fazer um trabalho sério, honesto, empenhado e com uma forte componente emocional. Estes fatores são importantes mas estaremos a fazer um trabalho de qualidade?... Teremos capacidade para trabalhar todo o espectro onde se insere o aluno com multideficiência?...Estes alunos quando concluírem a sua escolaridade estarão preparados para, dentro das suas capacidades, experimentarem novos desafios quer no espaço escolar, em continuidade, ou no sector laboral?... Que parcerias foram afetadas para este projeto de modo a minorar a angústia de ver “partir” estes alunos?

**Anexo VI - Protocolo de Entrevista ao docente do ensino regular 2º e 3º  
ciclo P4**

<b>1. Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?</b>
Concordo claro a escola é o lugar de excelência que promove e favorece o desenvolvimento de competências sociais, onde os alunos podem conviver com as diferenças dos outros e aprender com isso.
<b>2. E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência explicita a sua opinião, concorda? Porquê?</b>
Concordo pelas mesmas razões a escola permite que os alunos com multideficiência convivam com os pares ditos “normais” e ganhem competências sociais que não podiam ter se estivessem numa instituição.
<b>3. Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?</b>
Penso que as políticas são uma e as praticas outras, maior parte das vezes não respondem a realidade e as necessidades das escolas. Embora daquilo que conheço do decreto-lei que rege a educação especial tenha algumas premissas importantes, mas o que acontece é que de dia para dia a escola tem menos recursos e condições para ter estes alunos na escola do regular
<b>4. Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explicita a sua opinião?</b>
Penso que a própria comunidade escolar e como esta aceita a heterogeneidade dos alunos, isto porque todos somos diferentes mas por vezes temos dificuldades em aceitar as diferenças. Acho que também é necessário mais informação e formação, embora se fale muito nos alunos com NEE e de inclusão, penso existe pouca formação principalmente aquela mais direcionada para o professor do regular. Esta devia ser dada nos cursos de formação inicial, talvez assim houvesse mais sensibilização para esta população tão específica.
<b>5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma</b>

**prática inclusiva?**

O professor pode contribuir sempre, pois pode valorizar cada aluno e ter em conta o seu ritmo de aprendizagem. E pode desmistificar as questões relacionadas com a deficiência num trabalho de sala de aula. Mas existem tantos obstáculos dentro da escola que por vezes é um trabalho em vão, o facto de nos professores não termos formação, a própria organização de escola que não contempla muitas vezes populações tão específicas

**6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE?**

Considero muito importante que o professor tenha informação dobre a problemática do aluno e o seu ritmo de aprendizagem, pois só assim é possível adaptar o ensino aprendizagem destes alunos. E depois ter recursos pedagógicos e humanos a disposição para poder dar respostas adequadas a necessidades dos alunos.

**7. As práticas que existem na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

Sim considero, existe pelo menos em contexto de sala de aula, eu pelo menos tento adaptar o mais possível aos meus alunos. Também há preocupação de criar outras atividades que vão de encontro as necessidades dos alunos. O que falta por vezes são recursos humanos de forma a realizar uma intervenção mais sistemática, porque o professor sozinho não consegue devido a existência de uma grande heterogeneidade de alunos na sala de aula.

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

Penso que apesar de ser boa, ainda existe algumas coisas a fazer. Existe uma preocupação com os alunos de forma que tenham respostas as suas necessidades, mas falando do mesmo, a escola não tem recursos humanos suficientes para acompanhar estes alunos, nomeadamente nas visitas de estudo.

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

Bem sem estes espaços os alunos com MD não conseguiam estar a tempo

inteiro na sala de aula por isso são uma mais-valia. Eu tenho desenvolvido com a minha turma alguns projetos e usado este espaço de uma forma muito positiva com a minha turma e com os docentes que fazem parte deste espaço.

**10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

A maior vantagem é a convivência com a diferença o que permite desenvolver competências sociais a toda a comunidade educativa. Os meus alunos da turma tem uma preocupação neste momento com aluna da UAAM que não tinham a um ano atrás, procuram brincar com ela no espaço do recreio e vão fazer atividades a sala da UAAM. Penso que isto é muito bom no que diz respeito a formação cívica

**11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?**

Penso que são os recursos humanos, estes alunos precisam de vários adultos com formação específica para trabalhar as suas necessidades, se isso não acontecer não faz sentido estes alunos estarem na escola do regular.

**12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?**

Tenho sempre em conta a informação que recebo do professor de EE, depois tento ir de encontro as suas necessidades, muitas as vezes passa só por uma planificação de atividades relacionadas com a socialização devido as limitações dos alunos.

**13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? Justifique a sua resposta?**

Existe alguma, mas podia ser mais constante. Embora o professor EE transmita alguma informação sobre o aluno devia de ser mais aferido nas planificações estratégias de trabalho e que estas fossem elaboradas em conjunto.

**14. Que atividades promotora de inclusão costuma, desenvolver junto de alunos com multideficiência?**

Os alunos estão na turma e fazem as atividades que se considerem pertinentes para o seu desenvolvimento. E como referi as vezes faço

atividades em parceria com UAAM, a turma vai a sala de unidade.

**15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência? (físicas, materiais, pedagógicas, outras?)**

. Considero que são a próprias limitações dos alunos, as dificuldades que tem em comunicar e falta de autonomia. Depois a falta de recursos, se não existirem é impossível implementar atividades com estes alunos

**16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta**

Sim. Embora reconheça que os recursos humanos sejam insuficientes, porque estes alunos tem que ser acompanhados por um adulto a sala de aula, pois não tem autonomia e isso maior parte das vezes não acontece.

**Anexo VII - Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da  
UAAM 1º ciclo E1**

<b>1.Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?</b>
Eu parto do princípio...eu não os investigadores, partem do princípio que inclusão é igualdade de oportunidades para todos...e eu também parto desse princípio que é para todos, não estou a diferenciar se são meninos com necessidades educativas especiais ou não...para mim a quase que não faz sentido essa pergunta, inclusão é dar a todos os alunos a mesma oportunidade não interessa se são de etnia cigana, cabo verdeanos ou com necessidades educativas especiais. Concordo que todos tenham as mesmas oportunidades.
<b>2.E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência explicita a sua opinião, concorda? Porquê?</b>
Mais uma vez, se a inclusão quer dizer todos, quer dizer todos, tenhas as características que tiverem....concordo que todos os alunos tem direito a frequentar a escola da sua área de residência com os seus irmãos, amigos, vizinhos... embora os meninos com multideficiência vão para unidades fora da sua área de residência e fura um bocadinho o princípio da inclusão. Ou seja, as suas relações com os pares não estão na sua área de residência, o que pode por em causa as questões de socialização.
<b>3.Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?</b>
As atuais políticas educativas defendem teoricamente a inclusão mas não promovem a inclusão, isto é as escolas não estão apetrechadas de recursos pedagógicos e humanos e físicos necessários a inclusão. Um exemplo são os recursos humanos, na dificuldade que há neste momento em ter assistentes operacionais com formação para trabalharem com alunos com multideficiência, não me parece que haja muita sensibilidade para colocar os assistentes operacionais....falo mais concretamente neste caso.
<b>4.Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explicita a sua opinião?</b>
O aspeto para mim mais importante é a cultura de escola, a crença, a atitudes dos professores e a atitude da comunidade educativa. Com isto quero dizer como a direção das escolas, os professores, assistentes operacionais valorizam ou tem em

conta as necessidades destes alunos...não sei...é considero que é mesmo a cultura de escola...se a partida a cultura de escola for inclusiva é o 1º passo. E parte também dos docentes, mais da postura do professor de educação especial...onde não é bem o papel mas a responsabilidade acrescida que nós professores de educação especial temos em desenvolver atitudes inclusivas sensibilizar toda a comunidade educativa e de sermos uns facilitadores do acesso à informação de alunos com NEE para promover aprendizagens de qualidade e irem de encontro as necessidades reais destes alunos.

**5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?**

O que eu considero fundamental é o professor saber muito bem, muito bem e ter presente e bem clarificado como os alunos aprendem, como as pessoas aprendem. E necessário terem muito bem presente o estilo de aprendizagem de cada aluno, ter em consideração os seus ritmos de aprendizagem e as suas necessidades, e assim criar e diferenciar materiais e recursos de acordo com cada aluno, ou seja desenvolver uma intervenção baseada em pedagogia diferenciada o vai contribuir para a inclusão dos alunos...penso que é por ai.

**6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE?**

O fundamental em multideficiência é a formação, ou seja que todas as pessoas que trabalhem com estes alunos tenham formação na área da nee e se possível na multideficiência. Estes alunos fazem as suas aprendizagens a partir de rotinas e por vezes as suas aprendizagens levam algum tempo a serem conquistadas e a capacidade de sistematização da intervenção é muito importante, esta tem que ser muito bem preparada muito bem trabalhada e sistematizada por parte de todos quem intervêm com os alunos. A capacidade também de trabalhar em equipa e do trabalho colaborativo. Por muito bom que seja o professor, por muito bom que seja um elemento da equipa, sozinho não consegue realizar uma intervenção de qualidade, isto porque os alunos têm varias necessidades que necessitam de vários técnicos a intervir. A qualidade do seu trabalho depende do trabalho em equipa. E tem que ser um trabalho de equipa de carácter colaborativo, ou seja tem que haver partilha de informação, cada um deve saber muito bem qual a sua área de intervenção. Em termos da minha formação, a conclusão que eu chego tendo em conta também a minha experiencia, se na educação em geral, a partilha e o trabalho de equipa acontece e é importante, na educação especial esta tem um peso maior, ou seja existe a necessidade partilha de informação e de ter em conta as necessidades de

cada aluno de forma individual e estabelecer uma intervenção de equipa, na multideficiência se não existir não adianta. O trabalho das UAAD, é sempre com 5 ou 6 pessoas a intervir com os alunos e estes tem que falar a mesma linguagem e tem que definir prioridades, partilhar informação e sem duvida ter em conta quais as necessidades de aprendizagem destes alunos, ou seja investir da mesma forma....por isso mais importante é o trabalho de equipa.

**7. As práticas que existem na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

Não tem, pode-se dizer que se esforça ou que se tenta, mas nós ainda estamos muito agarrados ao ensino tradicional, ao ensino expositivo, não demos o salto para a diferenciação pedagógica em sala de aula que é o fundamental. Aos alunos com multideficiência o currículo é feito à medida das suas necessidades, mas a questão que se coloca é ao nível da intervenção e do desenvolvimento desse currículo que é muito difícil, pois vamos falar do mesmo, os recursos que existem por vezes não facilitam o acesso ao currículo, a própria organização escolar, os horários das turmas de pertença destes alunos.

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

Penso que não é ideal, mas que se tem feito algum trabalho, existe um esforço muito grande para que exista uma intervenção mais adequada possível as necessidades dos alunos, existe um esforço muito grande também para que as respostas sejam de qualidade, mas esta a ser difícil devido a falta de recursos humanos. O caso de uma aluna, em que no ano passado todo o trabalho realizado de planificação e intervenção era realizado em conjunto pelo docente de educação especial e pela professora da turma, este ano todo esse trabalho é assegurado pela professora. A professora assumiu a aluna como da turma como um elemento de pertença da turma, o nível de inclusão desta aluna na turma é muito boa, tanto pela aceitação por parte dos pares como o desenvolvimento das aprendizagens.

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

Concordo, mas depende da forma como o espaço e os recursos são utilizados ou e são explorados, o princípio da unidade em si promove a inclusão, mas também pode ser um fator de exclusão. As vezes em determinados momentos parece que nós temos dentro da nossa escola um núcleo de educação especial e uma pequena instituição de educação especial dentro da nossa escola. Penso que tem a ver com a forma como se faz a intervenção, porque a tendência a partida da unidade é

promotora de inclusão. A tendência em geral, professores, assistentes operacionais e pais é de que meninos com NEE devem estar na unidade e que a unidade deveria funcionar um bocadinho a parte. O grande objetivo da unidade é de ser um centro de recursos e apoio para que os meninos possam estar numa escola, pertencerem a sua turma e frequentarem a sala de aula e ter aquele espaço de retaguardas por de trás e claro que cada um a seu nível. Há meninos que frequentam a sala de aula só duas vezes por semana 45 minutos e é considerado satisfatório e o tempo ideal devido as suas características, até pode se considerar mais tempo para a frequência de sala de aula mas vai depender sempre da reação do aluno.

**10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

Inclusão é inclusão....as vantagens são ao nível da formação pessoal e social de cada um, partindo do principio que todos somos diferentes a oportunidade de lidar com a diferença é muito formativo na construção cívica do individuo. Para os alunos com multideficiência a desvantagem é por vezes não terem as respostas de qualidade...também não sei se teriam noutro lado, mas se dizemos que existem desvantagens é porque achamos que é vantajoso estarem noutro local. Mas que outro local? Algumas pessoas pensam que aqueles meninos teriam mais recursos numa instituição de educação especial, nomeadamente técnicos mas agora nas escolas conseguimos ter essas equipas para um número reduzido de alunos, com um tempo de intervenção semelhante ao que é oferecido nas instituições de educação especial. Por isso não vejo desvantagens

**11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?**

Eu penso que logo a partida o espaço tem que ser um espaço adequado, com luz, com uma dimensão boa, com boa temperatura. Eu diria que o espaço para criar uma unidade de multideficiência o espaço ideal seria o melhor espaço que houver na escola, isto considerando os acessos tem que ser localizada nos pisos inferiores, se não existe o problema das cadeiras de rodas. Os professores que acompanham estes meninos devem ser professores especializados, e isto nem se põem que não seja. Terem uma equipa de técnicos, também tem que ser acompanhados por assistentes operacionais com formação e perfil. Por vezes o perfil é o mais importante que formação, por vezes temos muitas pessoas com formação que não tem de todo perfil para acompanhar estes alunos. Uma das características do perfil é ter capacidade de resistência e de perceber bem as necessidades dos alunos e não desistir

**12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?**

Temos por base sempre a avaliação realizada pela equipa e depois da avaliação

definimos as prioridades de intervenção. Os alunos com multideficiência são alunos que têm muitas dificuldades, muitas limitações e por vezes corremos o risco de nos perdermos na intervenção, porque se não for tudo muito bem planificado em termos de equipa. Ou seja definir prioridades é o que é mais importante para o agora e numa perspetiva de futuro. Este currículo tem também sempre em conta as necessidades da família e as aprendizagens da vida diária.

**13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? Justifique a sua resposta?**

No meu agrupamento temos uma situação privilegiada, e estou a falar da unidade de 1º ciclo, a unidade esta situada junto as salas do 1º ciclo o que os alunos estão muito perto da sua sala de aula. Isto em termos de partilha, dinâmica, de articulação facilita logo muito. A unidade foi criada em 02/03 o que neste momento a unidade tem historia, tem um percurso já não é nada de novo. Os professores estão habituados a trabalhar uns com os outros, os professores do 1º ciclo são pessoas sensíveis, preocupadas envolvidas e há efetivamente articulação, na planificação, na intervenção, na avaliação. Fazemos reuniões com alguma frequência, reuniões que revelam preocupação e intencionalidade. E estou a falar de reuniões de equipa, tentamos articular com todos técnicos, assistentes operacionais, pais e claros os professores.

**14. Que atividades promotora de inclusão costuma, desenvolver junto de alunos com multideficiência?**

Os alunos com a turma fazem muitas atividades, nem nos preocupamos muito se estamos a fazer atividades de inclusão ou não. Todas as atividades fora da sala de aula, festas, projetos os alunos estão sempre lá. Penso que são momentos privilegiados, são desenvolvidos numa perspetiva muito lúdica, pratica por envolver, jogos, brincadeiras, canções... e tem um nível de envolvimento muito universal não é preciso terem competências de escrita e leitura e faz com que os meninos com multideficiência estejam muito próximos dos outros

**15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência? (físicas, materiais, pedagógicas, outras?)**

A grande desvantagem tem a ver com o facto de saírem demasiadas vezes da sala de aula para terem terapias. A aprendizagem no 1º ciclo é uma aprendizagem que se “transpira e respira” dentro de sala de aula. Se os meninos com multideficiência saem da sala perdem grande parte das aprendizagens embora tenham muitos apoio

individualizados não há uma aprendizagem em contexto. Os alunos deveriam frequentar (aqueles com características para isso) a sala no período da manhã e a tarde canalizar as terapias. E assim tinham mais oportunidades de aprendizagem e muitos mais ganhos. Isto não acontece porque a base destes alunos é a unidade e não a sala de aula como devia de ser.

**16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta**

A escola consegue....a escola enquanto instituição consegue, principalmente os recursos pedagógicos. A questão penso que está nós intervenientes, na forma como estes intervêm não é por vezes a mais adequada...mas na minha escola desde do espaço, recursos, os docentes e os técnicos são espetaculares. O que nos falta, e estou a falar da unidade de 1º ciclo são as assistentes operacionais. Na unidade de 2º ciclo faltam mais outros recursos, como recursos mais específicos para aquelas idades, por exemplo materiais onde pudessem desenvolver atividades relacionadas com o saber fazer do dia-a-dia, exemplo uma cozinha.

**Anexo VIII - Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da  
UAAM 1º ciclo E2**

<b>1.Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?</b>
Concordo, sim claro ... pelo reconhecimento da diferença, para a promoção da socialização e ainda permitir tornar os alunos melhores cidadãos no futuro, preocupados com as diferenças dos outros. Esta preocupação pela diferença, vê se quando numa escola existem meninos com NEE ou não. Eu exerço funções numa outra escola que não tem meninos com NEE, e é clara essa diferença, os seus comportamentos parente a deficiência são outros, enquanto aqui neste agrupamento existe uma clara ajuda entre todos os meninos, brincam, etc., na outra escola os seus comportamentos quando confrontados com as diferenças dos outros, excluem das suas brincadeiras, não os deixam participar. Nesta escola a existência de alunos com deficiência já se pode considerar banal pode-se dizer que não existe exclusão com os alunos principalmente na unidade de 1º ciclo, pois os alunos das turmas vêm com muita frequência a sala da UAAM realizar atividades e na sala de aula ajudam e colaboram com os alunos MD.
<b>2.E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência explícite a sua opinião, concorda? Porquê?</b>
Concordo da mesma forma, ... todos ganham pela questão da socialização, a interação com os pares ditos normais permite ganhar competências sociais, e permite que os alunos tenham comportamentos adequados relacionados com o respeito pelo outro e ainda relacionadas com ser cidadão. Sendo este o aspeto o mais importante para mim na inclusão.
<b>3.Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?</b>
Penso que as políticas educativas não são de todo desapropriadas, mas ainda falta passar as praticas e aí é que esta mal. Pois as questões da socialização são os mais difíceis de implementar, a mudança de mentalidades, porque as questões ligadas aos acessos, os recursos físicos vão se adaptando, mas o que estiver dependente das atitudes e comportamentos considero mais difícil.
<b>4.Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explícite a sua opinião?</b>
Numa primeira fase, as políticas passem as praticas e com isto quero dizer serem

disponibilizados as escolas, o que é necessário para que estas tenham alunos com NEE, desde de recurso pedagógicos e físicos e humanos. E depois promover formação relacionada com a NEE e sensibilizar os professores do regular para esta população tão específica.

**5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?**

O professor pode desenvolver projetos e sensibilizar a comunidade escolar para as questões da inclusão. A sua formação e atitudes também podem promover a inclusão, ou seja este tem mais ferramentas de trabalho que pode desenvolver com estes alunos se tiver formação na área das NEE.

**6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE?**

A planificação e a organização das atividades têm que ser realizadas por uma equipa multidisciplinar e ir de encontro as necessidades e ritmos de aprendizagem dos alunos. Ou seja, tem que existir um trabalho de articulação e colaboração entre todos os intervenientes.

**7. As práticas que existem na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

Penso que existe flexibilidade curricular num contexto mais restrito ou seja, em sala de aula penso que sim, ao nível do agrupamento/escola não. Pois muitas as vezes os projetos educativos e curriculares não vão de encontro a esta população e as suas necessidades, em muitos destes projetos nem são mencionados os recursos existentes na escolas para esta população. Em sala de aula acontece porque existe a necessidade de adaptar as aprendizagens ao ritmo de cada aluno.

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

Considero boa, pois existe ao nível do 1º ciclo uma preocupação por parte da equipa, professores e técnicos de planificar e organizar e articular atividades de forma a ir de encontro as necessidades dos alunos. No 2º e 3º ciclo penso que não é tão bem conseguida, isto porque envolve muitos professores (os conselhos de turma) e pelo facto de existirem muitos alunos e poucos recursos humanos também não é facilitador. Depois pode ser que exista outro fator que é a própria história das unidades, isto é a 1º ciclo já funciona a alguns anos e a 2º e 3º ciclo é recente. Embora também eu considere que tenha muito a ver com o trabalho que os professores desenvolvem ao nível da articulação.

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos**

**com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

Considero que as unidades trazem mais-valias para escola tanto ao nível dos recursos pedagógicos quer da formação de alunos, em aspetos relacionados com a socialização e formação de valores, pois os alunos ditos normais convivem com a diferença, e começam a ter perceção das suas necessidades. Depois os docentes que exercem nas UAAM têm um número favorável de ferramentas e estratégias que não só se adaptam a estes alunos como a todos, o que se torna uma mais-valia nas suas aprendizagens.

**10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

Não encontro desvantagens. Nas vantagens vou-me repetir, penso que é uma mais valia conviver com a diferença, ao nível da formação do ser humano e a escola é um local privilegiado para formar o ser humano nos valores os alunos aprendem a conviver com a diferença e futuramente não vão segregar as pessoas com deficiências.

**11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?**

Penso que é essencial começar com a formação das turmas e organização de horários das respetivas turmas onde estão inseridos os alunos com multideficiência, pois estes alunos na sua maioria depende muitas vezes de transportes próprios o que depois todo o seu horário pode estar condicionado com este aspeto. Depois devia-se ter em conta o perfil do professor e das assistentes operacionais que exercem funções nestes espaços. Os alunos apresentam características muito específicas e nem todos estamos aptos lidar com elas, quer pela nossa formação quer pessoalmente.

**12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?**

É de referir que existe uma colaboração e articulação entre todos, pais, técnicos, professores e auxiliares, ou seja existe um trabalho realizado com uma equipa multidisciplinar. E em 1º lugar faz-se uma análise das necessidades do aluno, ou seja que competências se devem desenvolver, depois periodiza-se essas necessidades, sendo que a cada um dos intervenientes corresponde uma área de intervenção de acordo com as suas funções. Neste processo nunca esquecer o papel da família e das suas necessidades, numa perspetiva de futuro.

**13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? Justifique a sua resposta?**

Sim, como já referi existe um trabalho multidisciplinar na unidade de 1º ciclo. Existe

uma planificação em conjunto das atividades, o que permite ter em conta as necessidades e ritmos de aprendizagem dos alunos. Ao longo do tempo vamos tendo feedback por parte de todos os intervenientes do ponto de situação, sendo estes encontros formais e informais, o que permite adequar os currículos dos alunos.

**14. Que atividades promotora de inclusão costuma, desenvolver junto de alunos com multideficiência?**

Nesta escola os alunos já estão tão integrados, principalmente ao nível do 1º ciclo, que considero não ser necessário promover atividades direcionadas para a inclusão, ou seja os professores planificam em conjunto atividades de acordo com o ritmo de aprendizagem dos alunos e as suas necessidades. E depois ao nível da relação que existe com os pares os alunos com multideficiência é muito positiva, existe uma relação de entreajuda e colaboração com os alunos ditos normais.

**15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência? (físicas, materiais, pedagógicas, outras?)**

Nesta escola considero que não existem propriamente barreiras, existem algumas coisas que não são facilitadores, nomeadamente a falta de recursos humanos, o que condiciona por exemplo as saídas dos alunos em visitas de estudo, e depois os transportes que por vezes tem que ser transporte adaptado e estes por vezes não estão disponíveis devido a fatores externos a escola.

**16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta**

Penso que nem todos, nomeadamente os recursos humanos embora estes por vezes não têm a ver com a organização de escola, mas sim com fatores externos. Nomeadamente na contratação de assistentes operacionais. E a disponibilidade dos transportes adaptados.

**Anexo IX - Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da  
UAAM 2º e 3ºciclo E3**

<b>1.Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?</b>
Como docente de educação especial sou a favor da inclusão de alunos com NEE nas escolas. Mas pelas escolas onde tenho passado ainda não existe inclusão, a meu ver esta não tem sido bem-feita. O processo não esta a ser bem conduzido, porque nos incluimos estes meninos com NEE nas escolas e em particular os meninos com multideficiência e depois nem tudo corre bem, isto porque não temos salas específicas de atividades de vida diária, atividades praticas que os preparem para uma vida futura. E a escola não tem recursos nem físicos, nem humanos, ou seja não esta organizada nem pensada para esta população. Sou a favor da inclusão mas com condições, sendo essas condições número suficiente de recursos humanos, infraestruturas e materiais apropriados de forma a preparar estes alunos para o futuro.
<b>2.E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência explícite a sua opinião, concorda? Porquê?</b>
Nas circunstâncias atuais em que vivemos em que as escolas não têm verbas e os professores ainda não tem bem delineado o que é multideficiência e de não conhecerem quais as necessidades destas crianças, penso que apesar de ser a favor da inclusão devemos acima de tudo ser acima de tudo promover uma clarificação do conceito, promover formação e a existência de recursos humanos. E só assim podemos falar de inclusão dos alunos com multideficiência.
<b>3.Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?</b>
Acho que não, as atuais politicas promovem uma integração, as nossas esferas politicas pretendem a inclusão mas não descem as praticas não conhecem a realidade das nossas escolas deveriam de as conhecer e de perceberem o que se passa realmente e de conhecer o dia-a-dia dos alunos. E o que acontece é que existe inclusão no papel mas na prática não acontece.
<b>4.Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a inclusão de alunos contexto escolar? Explícite a sua opinião?</b>
Considero que deveria haver mais sensibilização mais conhecimento, as disciplinas de NEE deveria de haver em todos os cursos, principalmente naqueles relacionados

com pedagogia e na formação inicial. Penso que essencialmente é a formação e depois era verificar antes de os meninos serem incluídos na escola, se esta reunia as características necessárias ao nível do currículo, infraestruturas, e de professores para trabalhar com estes meninos.

**5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?**

Eu penso que o professor pode sempre contribuir, basta querer e tentar. Este deve acima de tudo obter conhecimento, ou seja formação, sendo junto dos colegas ou de outras fontes, conhecer previamente as problemáticas dos alunos. Isto vai ajudar de certeza a organizar as aprendizagens a desenvolver com os alunos e por conseguinte a desenvolver atividades que promovam a inclusão, ou seja desencadear ações relacionadas com a socialização e a diferenciação pedagógica de forma a promover o sucesso nos alunos.

**6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE?**

O interesse e a boa vontade e o tal conhecimento, que passa pela formação, seja esta procurada de forma empírica ou formação organizada. Pela minha experiência que tenho tido é que o professor de educação especial elabora os documentos na maior parte das vezes sozinho, embora o novo decreto refira uma participação de todos mas maior parte das vezes os professores do regular nem os chegam a ler, e isso condiciona a intervenção com os alunos. Ou seja os professores do regular muitas vezes não tem conhecimento de como é o perfil de funcionalidade do aluno, quais as estratégias definidas para melhorar o seu desenvolvimento e estimular aprendizagens mas sim desenvolvem práticas pedagógicas com estes alunos ainda muito centrados num ensino tradicional, onde todos aprendem da mesma forma.

**7. As práticas que existem na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

A flexibilidade do currículo é uma boa estratégia a ser usada, mas não o é por falta de formação dos professores. Esta estratégia pode ser usada em todo o tipo de população não só nas NEE, ou em escolas TEIP. Mas como os professores de uma regra geral não dominam como tal não dão respostas adequadas a população que tem em mãos. Os professores ainda estão muito centrados no ensino tradicional, em que todos aprendiam da mesma forma. Por isso não está interiorizado nas suas práticas. Por falta de formação, por como referi as suas experiências ainda estão centradas na escola tradicional e também por vezes por falta de interesse e motivação.

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

É uma inclusão muito deficitária, pois faltam recursos humanos, na unidade de 2º e 3º ciclo temos 10 alunos, estes alunos passam muito tempo nesta sala, e nem sempre é possível desenvolver atividades com os pares ou mesmo irem a sala de aula devido a falta de recursos humanos. Depois pelo facto de a escola estar inserida num bairro social, os pares discriminam muito estes alunos, o que por vezes não permite que estes circulem de forma autónoma nos espaços do recreio, sem a supervisão de um adulto. Penso que existe um trabalho ainda a fazer relacionado com a autonomia, na promoção de atividades da vida diária, realização de tarefas fora da escola.

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

As unidades podem ser uma mais-valia em recursos pedagógicos e recursos humanos. Permite efetivamente minimizar constrangimentos ao nível de ter alunos com NEE do conceito que existe a volta deles, não só pelos pares mas de toda a comunidade educativa. Mas neste agrupamento penso que antes de mais, deveria de existir uma sensibilização a comunidade educativa, principalmente aos professores de 2º e 3º ciclo. Depois devia se ter em conta os recursos humanos e o número de alunos existentes e depois sim planificar uma reorganização desta UAAM.

**10. Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

As vantagens...bem, considero que é bom para os alunos com NEE conviverem com os seus pares ditos normais é muito bom em termos de sociais, como o contrário para os alunos ditos normais aprenderem a lidar com as diferenças, e a darem valor a estas questões. Penso que os torna cidadãos mais conscientes. Em relação desvantagens pode ser o fator de exclusão pois se passarem muito tempo neste espaço da unidade.

**11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?**

O que eu considero essencial é a existência de recursos humanos, de infra estruturas e os espaços físicos, estes muitas vezes são partilhados por vários professores e técnicos e não tem a condições necessárias para um trabalho direcionado para este tipo de alunos. Talvez sejam estes os essenciais, os ideais seriam existirem salas para trabalhar as atividades da vida diária (cozinhas, etc) e para desenvolver outras competências (sala de psicomotricidade,...), essenciais ao desenvolvimento de vida mais plena possível.

**12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?**

A organização do currículo dos meus alunos depende da sua problemática, ou seja o seu currículo é desenvolvido em função das competências que se quer que ele atinja de forma a melhorar a sua autonomia. Este é sempre direcionado para as atividades de vida diária e as relacionadas com aprendizagens funcionais. A família aqui também tem um papel muito importante pois tem se em conta as suas expectativas e as suas necessidades.

**13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? Justifique a sua resposta?**

Não, existe muito pouco. Posso dizer em 6 conselhos de turma que vou só dois diretores de turma tem a preocupação de articular e desenvolver trabalho em conjunto. Penso que tem a ver com a sensibilidade que cada um, a experiência profissional e a dinâmica de trabalho. Pois estes professores conseguem envolver os alunos nas várias atividades das turmas e algumas delas são a pensar neles e nas suas possibilidades de participação.

**14. Que atividades promotora de inclusão costuma, desenvolver junto de alunos com multideficiência?**

Eu com os meus alunos desloco me com estes nos vários espaços da escola, acompanho a sala de aula, falo com os DT para abordarem os alunos quando estes não se encontram na sala e falarem das suas problemáticas e necessidades. Articulo com a enfermeira do centro de saúde algumas situações e com os encarregados de educação de forma que estes sejam o mais possível aceites pelos seus pares.

**15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência? (físicas, materiais, pedagógicas, outras?)**

Eu considero que as barreiras são por vezes as suas problemáticas, muitas vezes estes alunos têm limitações que vão para além das aprendizagens, tais como as da saúde, ou mesmo os acessos aos espaços da escola. Por muito que nos tornemos acessíveis estas barreiras prevalecem e não lhes permitem desenvolver competências que ate inicialmente pareciam o poder fazer.

**16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta**

Não a escola ainda não esta preparada e não é só dos espaços físicos e recursos

humanos. Falo também de promover junto dos docentes e não docentes de formação e sensibilização para este tipo de população com características muito específicas. Considero que devia ser obrigatório principalmente para quem trabalha diretamente com estes alunos.

**Anexo X - Protocolo de Entrevista ao docente educação especial da UAAM 2º e 3º ciclo E4**

<b>1.Qual a sua opinião acerca de inclusão de alunos com NEE na escola? Concorda? Porquê?</b>
Sou 100% a favor da inclusão, mas do que é a verdadeira inclusão, os meninos pertencerem a turma e estarem integrados na turma com as devidas condições, sejam recursos físicos e humanos. E serem incluídos nas turmas na sua plenitude ou seja, quando existem passeios, pensar-se nas suas limitações e organizar as saídas em função do aluno. Quando penso na escola inclusiva considero que deve estar planeada em relação aos acessos, a sua construção e estrutura e pela forma como os professores estão preparados e sensibilizados para este tipo de população. Estes alunos não são da educação especial como se houve muitas vezes os professores dizer, são da escola e das respetivas turmas e professor tem de procurar informação de forma a incluir estes meninos o mais possível na vida da escola. Ou seja a escola estar adaptada as suas necessidades e terem estratégias definidas para cada um e sejam elementos de pertença da turma na sua plenitude.
<b>2.E qual a sua opinião a cerca de inclusão de alunos com multideficiência explicita a sua opinião, concorda? Porquê?</b>
Acho que as unidades de multideficiência não têm verdadeiramente alunos com multideficiência, embora possa haver alguns casos. O que existe na maioria das unidades é alunos com problemáticas muito complexas e que depois são colocados nas unidades porque a escola não consegue dar as respostas adequadas. E estes espaços acabam por ser um espaço mais de exclusão do que inclusão. Isto porque a escola não consegue dar essa resposta adequada e os professores do regular na sua maioria não estão disponíveis para este tipo de população, pois não tem informação nem formação para trabalhar com este tipo de população.
<b>3.Considera que as atuais políticas educativas promovem práticas inclusivas? Como? Porquê?</b>
Não de maneira nenhuma, o modo de estar, as atitudes e como se encara a escola a falta de recursos, permite que as políticas sejam uma coisa e as praticas sejam outras. A própria organização escolar, as condicionantes exteriores levam que os professores (alguns) não promovam dentro do contexto de sala de aula práticas relacionadas com a inclusão.
<b>4.Do seu ponto de vista o que considera mais pertinente para promover a</b>

**inclusão de alunos contexto escolar? Explícite a sua opinião?**

Do meu ponto de vista passa pela aceitação e de serem vistos como seres humanos. A partir de daqui envolver ao máximo todos os intervenientes, dar resposta as suas necessidades tendo em conta todas as suas limitações. Promover uma efetiva socialização e aceitação por parte de todos.

**5. Em que moldes considera que o professor pode contribuir para uma prática inclusiva?**

Primeiro que tudo deixar de olhar para os alunos como números, e pensar nas suas necessidades e ritmos de aprendizagem. Isto também passa por aqueles com cargos superiores. O professor deve e tem que procurar formação na área das necessidades educativas especiais. Tem que deixar de pensar que estes alunos são só da responsabilidade da educação especial e sim que estes alunos fazem parte das turmas, e tem que dar respostas as suas necessidades. Os professores devem estar envolvidos com todos os alunos e terem em conta as suas problemáticas e ritmos de aprendizagem e adequarem os métodos de ensino a todos os alunos.

**6. O que considera imprescindível para desenvolver uma prática pedagógica com alunos com NEE?**

Que os professores tenham atitudes não discriminatórias. Penso que passa também pela sensibilização e formação relacionada com NEE.

**7. As práticas que existem na escola tem em conta a necessidade flexibilidade do currículo, para os alunos com NEE? Como? Quais?**

Não na maioria das vezes, isto porque os currículos muitas das vezes são feitos sem ter em conta o perfil de funcionalidade dos alunos e são debitados e copilados de outros só porque tem a mesma problemática. Outra questão que se põem é que por vezes também a falta de recursos não é facilitador para a implementação dos currículos e a própria organização escolar

**8. Qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com multideficiência neste agrupamento?**

Inclusão, efetivamente não podemos dizer que temos, pois não temos algumas ferramentas necessárias para que ela exista, principalmente no 2º e 3º ciclo, pois existe uma falta de recursos humanos e uma falta de formação por parte de todos, pois os alunos não têm acesso a sala de aula como devia de ser, pois não são autónomos e necessitam de serem acompanhados por um adulto. A maioria das atividades e projetos não são pensados em função destes alunos, ou seja muitas vezes estes alunos não tem acesso a visitas de estudo ou porque o local onde vão não tem acessos, e não foi pensado nisso na planificação da atividade ou não

existem recursos humanos,...e depois existe a relação com os pares que é por vezes discriminatória e nada facilita a socialização.

**9. E da existência de Unidades de Apoio a Especializado à Educação de alunos com Multideficiência (UAAM) neste agrupamento?**

As unidades deveriam de acabar, porque por vezes são mais um elemento de exclusão do que inclusão. Os alunos deveriam estar a tempo inteiro na sala de aula e passavam mais tempo com os seus pares e a escola deveria ser dotada de uma equipa de técnicos para responder as necessidades destes alunos. E assim falávamos de inclusão.

**10.Quais as vantagens e desvantagens que encontra da inclusão de alunos com multideficiência?**

As vantagens têm a ver com o facto de estarem junto dos pares ditos normais. As desvantagens têm a ver com facto de terem saído dos colégios de educação especial, onde tinham as terapias de uma forma mais intensiva e considero que tinham mais recursos técnicos e o apoio a família era maior nomeadamente nos prolongamentos de horário.

**11. Que aspetos considera essenciais ter em atenção ao nível de organização escolar para implementação das UAAM?**

As questões dos horários destes alunos, pois não são feitos a pensar neles, e por vezes não vão a determinadas disciplinas, as quais podiam ir, porque tem que ir no transporte adaptado

**12. Como organiza o currículo e a intervenção que desenvolve com os alunos com Multideficiência?**

Em primeiro lugar penso nas necessidades de cada um e do seu ritmo de aprendizagem. Depois priorizo a socialização, as atividades de vida diária e a sua autonomia.

**13. Considera existir uma articulação/colaboração entre professores do EE e do regular no trabalho com alunos com multideficiência? Em que situações? Como? Justifique a sua resposta?**

Por vezes existe alguma articulação, temos alguns professores do regular que procuram planificar atividades em conjunto e tem a necessidade de conhecer como aquele aluno funciona e quais os ritmos de aprendizagem e realiza-se um trabalho de articulação e colaboração muito positivo. Mas também existe ainda muito, aquele aluno é da educação especial e o professor do regular não vê necessidade de se preocupar em sequer planificar quanto mais articular.

**14. Que atividades promotora de inclusão costuma, desenvolver junto de alunos**

**com multideficiência?**

Por norma são sempre aquelas mais relacionadas com o aspeto da socialização. Faço saídas ao exterior e deslocamo-nos nos vários espaços da escola e utilizo muito o tempo do intervalo pois é um promotor de inclusão.

**15. Do seu ponto de vista quais são as principais barreiras do acesso à aprendizagens dos alunos com multideficiência? (físicas, materiais, pedagógicas, outras?)**

Bem, a própria escola como instituição por vezes é uma barreira, devido aos acessos, aos recursos existentes. Os professores porque não têm formação na área das NEE. E o próprio ministério que não tem em consideração este tipo de população e dita leis ou normativos que não são viáveis na realidade das escolas.

**16. Considera que a escola consegue proporcionar os recursos adequados às necessidades dos alunos com multideficiência? Se sim quais? Justifique a sua resposta**

Não de forma alguma, não existem recursos suficientes, não existe verbas para por em prática determinadas atividades fundamentais para estes alunos. A acessibilidade dos próprios edifícios não é adequada a estes alunos e falta espaços para trabalhar de forma individual.

**Anexo XI – 1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E1**

Unidades de registo	Indicador
<p>Eu parto do princípio...eu não os investigadores, partem do princípio que inclusão é igualdade de oportunidades para todos...e eu também parto desse princípio que é para todos</p> <p>não estou a diferenciar se são meninos com necessidades educativas especiais ou não...para mim a quase que não faz sentido essa pergunta, inclusão é dar a todos os alunos a mesma oportunidade não interessa se são de etnia cigana, cabo-verdianos ou com necessidades educativas especiais</p> <p>Concordo que todos tenham as mesmas oportunidades.</p>	<p>Dar a todos a mesma oportunidade</p>
<p>Mais uma vez, se a inclusão quer dizer todos, quer dizer todos, tenhas as características que tiverem</p>	<p>Dar a todos a mesma oportunidade</p>
<p>concordo que todos os alunos tem direito a frequentar a escola da sua área de residência com os seus irmãos, amigos, vizinhos... embora os meninos com multideficiência vão para unidades fora da sua área de residência e fura um bocadinho o princípio da inclusão</p> <p>as suas relações com os pares não estão na sua área de residência, o que pode por em causa as questões de socialização</p>	<p>Inclusão como equidade</p>
<p>As atuais políticas educativas defendem teoricamente a inclusão mas não promovem a inclusão, isto é as escolas não estão apetrechadas de recursos pedagógicos e humanos e físicos necessários a inclusão</p> <p>Um exemplo são os recursos humanos, na dificuldade que há neste momento em ter assistentes operacionais com formação para trabalharem com alunos com multideficiência, não me parece que haja muita sensibilidade para colocar os assistentes operacionais...falo mais concretamente neste caso</p>	<p>As políticas educativas não correspondem às necessidades das escolas</p>

<p>O aspecto para mim mais importante é a cultura de escola, a crença, as atitudes dos professores e a atitude da comunidade educativa. Com isto quero dizer como a direção das escolas, os professores, assistentes operacionais valorizam ou tem em conta as necessidades destes alunos...não sei...é considerado que é mesmo a cultura de escola...se a partir da cultura de escola for inclusiva é o 1º passo.</p>	<p>Atitude da comunidade educativa como fator de sucesso da inclusão</p>
<p>. É parte também dos docentes, mais da postura do professor de educação especial...onde não é bem o papel mas a responsabilidade acrescida que nós professores de educação especial temos em desenvolver atitudes inclusivas sensibilizar toda a comunidade educativa e de sermos uns facilitadores do acesso à informação de alunos com nee para promover aprendizagens de qualidade e irem de encontro as necessidades reais destes alunos.</p>	<p>Atitude do professor de EE como facilitador do acesso a informação sobre NEE</p>
<p>O que eu considero fundamental é o professor saber muito bem, muito bem e ter presente e bem clarificado como os alunos aprendem, como as pessoas aprendem</p>	<p>Desenvolver uma intervenção de acordo com ritmos e necessidades dos alunos</p>
<p>É necessário terem muito bem presente o estilo de aprendizagem de cada aluno, ter em consideração os seus ritmos de aprendizagem e as suas necessidades, e assim criar e diferenciar materiais e recursos de acordo com cada aluno,</p>	
<p>ou seja desenvolver uma intervenção baseada em pedagogia diferenciada o vai contribuir para a inclusão dos alunos</p>	
<p>O fundamental em multideficiência é a formação, ou seja que todas as pessoas que trabalhem com estes alunos tenham formação na área da NEE e se possível na multideficiência</p>	<p>Todos intervenientes tenham formação na área de NEE ou em MD</p>
<p>Estes alunos fazem as suas aprendizagens a partir de rotinas e por vezes as suas aprendizagens levam algum tempo a serem conquistadas e a capacidade de sistematização da intervenção é muito importante, esta tem que ser muito bem preparada muito bem trabalhada e sistematizada por parte de todos quem intervêm com os alunos</p>	<p>Existência de trabalho de equipa e colaborativo na UAAM</p>

<p>A capacidade também de trabalhar em equipa e do trabalho colaborativo. Por muito bom que seja o professor, por muito bom que seja um elemento da equipa, sozinho não consegue realizar uma intervenção de qualidade, isto porque os alunos têm varias necessidades que necessitam de vários técnicos a intervir. A qualidade do seu trabalho depende do trabalho em equipa. E tem que ser um trabalho de equipa de carácter colaborativo, ou seja tem que haver partilha de informação, cada um deve saber muito bem qual a sua área de intervenção</p>	
<p>Em termos da minha formação, a conclusão que eu chego tendo em conta também a minha experiencia, se na educação em geral, a partilha e o trabalho de equipa acontece e é importante, na educação especial esta tem um peso maior, ou seja existe a necessidade partilha de informação e de ter em conta as necessidades de cada aluno de forma individual e estabelecer uma intervenção de equipa, na multideficiência se não existir não adianta</p>	
<p>O trabalho das UAAD, é sempre com 5 ou 6 pessoas a intervir com os alunos e estes tem que falar a mesma linguagem e tem que definir prioridades, partilhar informação e sem dúvida ter em conta quais as necessidades de aprendizagem destes alunos, ou seja investir da mesma forma....por isso mais importante é o trabalho de equipa.</p>	
<p>Não tem, pode-se dizer que se esforça ou que se tenta, mas nós ainda estamos muito agarrados ao ensino tradicional, ao ensino expositivo, não demos o salto para a diferenciação pedagógica em sala de aula que é o fundamental.</p>	<p>Existência ainda nas escolas de praticas relacionadas com o ensino tradicional</p>
<p>Aos alunos com multideficiência o currículo é feito à medida das suas necessidades,</p>	<p>Os alunos com MD tem currículos elaborados de acordo com necessidades</p>
<p>mas a questão que se coloca é ao nível da intervenção e do desenvolvimento desse currículo que é muito difícil, pois vamos falar do mesmo, os recursos que existem por vezes não facilitam o acesso ao currículo, a própria organização escolar, os horários das turmas de pertença destes alunos.</p>	<p>Pouca facilidade de acesso ao currículo devido a organização escolar</p>

<p>Penso que não é ideal, mas que se tem feito algum trabalho, existe um esforço muito grande para que exista uma intervenção mais adequada possível as necessidades dos alunos, existe um esforço muito grande também para que as respostas sejam de qualidade, mas esta a ser difícil devido a falta de recursos humanos</p>	<p>Existência contributo dos professores para realizarem respostas adequadas promoção da inclusão</p>
<p>O caso de uma aluna, em que no ano passado todo o trabalho realizado de planificação e intervenção era realizado em conjunto pelo docente de educação especial e pela professora da turma, este ano todo esse trabalho é assegurado pela professora</p>	
<p>A professora assumiu a aluna como da turma como um elemento de pertença da turma, o nível de inclusão desta aluna na turma é muito boa, tanto pela aceitação por parte dos pares como o desenvolvimento das aprendizagens.</p>	
<p>Concordo, mas depende da forma como o espaço e os recursos são utilizados ou e são explorados, o princípio da unidade em si promove a inclusão, mas também pode ser um fator de exclusão</p>	<p>As UAAM como um recurso mais-valia na escola pelos recursos que dispõem</p>
<p>As vezes em determinados momentos parece que nós temos dentro da nossa escola um núcleo de educação especial e uma pequena instituição de educação especial dentro da nossa escola. Penso que tem a ver com a forma como se faz a intervenção, porque a tendência a partida da unidade é promotora de inclusão</p>	
<p>A tendência em geral, professores, assistentes operacionais e pais é de que meninos com NEE devem estar na unidade e que a unidade deveria funcionar um bocadinho a parte.</p>	
<p>O grande objetivo da unidade é de ser um centro de recursos e apoio para que os meninos possam estar numa escola, pertencerem a sua turma e frequentarem a sala de aula e ter aquele espaço de retaguardas por de trás e claro que cada um a seu nível. Há meninos que frequentam a sala de aula só duas vezes por semana 45 minutos e é considerado satisfatório e o tempo ideal devido as suas características, até pode se considerar mais tempo para a frequência de sala de aula mas vai depender sempre da reação do aluno.</p>	

<p>Inclusão é inclusão...as vantagens são ao nível da formação pessoal e social de cada um, partindo do princípio que todos somos diferentes a oportunidade de lidar com a diferença é muito formativo na construção cívica do indivíduo.</p>	<p>Vantagens de todos lidarem com a diferença na construção cívica do indivíduo</p>
<p>Para os alunos com multideficiência a desvantagem é por vezes não terem as respostas de qualidade nas escolas...também não sei se teriam noutra local, mas se dizemos que existem desvantagens é porque achamos que é vantajoso estarem noutra local. Mas que outro local?</p>	<p>Por vezes não existem respostas de qualidade nas escolas para os alunos com MD</p>
<p>Algumas pessoas pensam que aqueles meninos teriam mais recursos numa instituição de educação especial, nomeadamente técnicos mas agora nas escolas conseguimos ter essas equipas para um número reduzido de alunos, com um tempo de intervenção semelhante ao que é oferecido nas instituições de educação especial. Por isso não vejo desvantagens.</p>	
<p>Eu penso que logo a partida o espaço tem que ser um espaço adequado, com luz, com uma dimensão boa, com boa temperatura.</p>	<p>Existência de recursos físicos adequados aos alunos</p>
<p>Eu diria que o espaço para criar uma unidade de multideficiência o espaço ideal seria o melhor espaço que houver na escola, isto considerando os acessos tem que ser localizada nos pisos inferiores, se não existe o problema das cadeiras de rodas.</p>	
<p>Os professores que acompanham estes meninos, nas UAAM, devem ser professores especializados, e isto nem se põem que não seja.</p>	<p>Formação especializada para os professores UAAM</p>
<p>Terem uma equipa de técnicos, também tem que ser acompanhados por assistentes operacionais com formação e perfil.</p>	<p>Existência de uma equipa multidisciplinar com formação adequada</p>
<p>Por vezes o perfil é o mais importante que formação, por vezes temos muitas pessoas com formação que não tem de todo perfil para acompanhar estes alunos. Uma das características do perfil é ter capacidade de resistência e de perceber bem as necessidades dos alunos e não desistir.</p>	
<p>Temos por base sempre a avaliação realizada pela equipa e depois da avaliação definimos as</p>	

prioridades de intervenção.	Existência de uma intervenção onde se tem em conta as necessidades do aluno e da família
Os alunos com multideficiência são alunos que têm muitas dificuldades, muitas limitações e por vezes corremos o risco de nos perdermos na intervenção, porque se não for tudo muito bem planificado em termos de equipa. Ou seja definir prioridades é o que é mais importante para o agora e numa perspetiva de futuro.	
Este currículo tem também sempre em conta as necessidades da família e as aprendizagens da vida diária.	
No meu agrupamento temos uma situação privilegiada, e estou a falar da unidade de 1º ciclo, a unidade esta situada junto as salas do 1º ciclo o que os alunos estão muito perto da sua sala de aula. Isto em termos de partilha, dinâmica, de articulação facilita logo muito.	Existência de um trabalho articulado nas UAAM de 1º ciclo com todos os intervenientes no processo dos alunos
A unidade foi criada em 02/03 o que neste momento a unidade tem historia, tem um percurso já não é nada de novo. Os professores estão habituados a trabalhar uns com os outros, os professores do 1º ciclo são pessoas sensíveis, preocupadas envolvidas e há efetivamente articulação, na planificação, na intervenção, na avaliação.	
Fazemos reuniões com alguma frequência, reuniões que revelam preocupação e intencionalidade. E estou a falar de reuniões de equipa, tentamos articular com todos técnicos, assistentes operacionais, pais e claros os professores.	
Os alunos da UAAM do 1º ciclo fazem muitas atividades com a turma, nem nos preocupamos muito se estamos a fazer atividades de inclusão ou não.	Os alunos com MD do 1º ciclo desenvolvem atividades com a turma
Todas as atividades fora da sala de aula, festas, projetos os alunos estão sempre lá. Penso que são momentos privilegiados, são desenvolvidos numa perspetiva muito lúdica, pratica por envolver, jogos, brincadeiras, canções... e tem um nível de envolvimento muito universal não é preciso terem competências de escrita e leitura e faz com que os meninos com multideficiência estejam muito próximos dos outros	

<p>A grande desvantagem tem a ver com o facto de saírem demasiadas vezes da sala de aula para terem terapias. A aprendizagem no 1º ciclo é uma aprendizagem que se “transpira e respira” dentro de sala de aula. Se os meninos com multideficiência saem da sala perdem grande parte das aprendizagens embora tenham muitos apoios individualizados não há uma aprendizagem em contexto.</p>	<p>Desvantagens de saírem muitas vezes da sala de aula e não realizam aprendizagens em contexto</p>
<p>Os alunos deveriam frequentar (aqueles com características para isso) a sala no período da manhã e a tarde canalizar as terapias. E assim tinham mais oportunidades de aprendizagem e muitos mais ganhos. Isto não acontece porque a base destes alunos é a unidade e não a sala de aula como devia de ser.</p>	
<p>A escola consegue...a escola enquanto instituição consegue, principalmente os recursos pedagógicos</p>	<p>A escola consegue proporcionar os recursos pedagógicos</p>
<p>A questão penso que está nós intervenientes, na forma como estes intervêm não é por vezes a mais adequada...mas na minha escola desde do espaço, recursos, os docentes e os técnicos são espetaculares.</p>	<p>Falta de recursos humanos nas UAAD</p>
<p>O que nos falta, e estou a falar da unidade de 1º ciclo são as assistentes operacionais. Na unidade de 2º ciclo faltam mais outros recursos, como recursos mais específicos para aquelas idades, por exemplo materiais onde pudessem desenvolver atividades relacionadas com o saber fazer do dia a dia, exemplo uma cozinha. Mas estes fatores são exteriores a escola.</p>	

**Anexo XII- 1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E2**

Unidades de registo	Indicador
Concordo, sim claro ... pelo reconhecimento da diferença, para a promoção da socialização e ainda permitir tornar os alunos melhores cidadãos no futuro, preocupados com as diferenças dos outros	Permite o reconhecimento da diferença e promoção da socialização
Esta preocupação pela diferença, vê se quando numa escola existem meninos com NEE ou não. Eu exerço funções numa outra escola que não tem meninos com NEE, e é clara essa diferença, os seus comportamentos parente a deficiência são outros, enquanto aqui neste agrupamento existe uma clara ajuda entre todos os meninos, brincam, etc., na outra escola os seus comportamentos quando confrontados com as diferenças dos outros, excluem das suas brincadeiras, não os deixam participar.	
Nesta escola a existência de alunos com deficiência já se pode considerar banal pode-se dizer que não existe exclusão com os alunos principalmente na unidade de 1º ciclo, pois os alunos das turmas vêm com muita frequência a sala da UAAM realizar atividades e na sala de aula ajudam e colaboram com os alunos MD.	
Concordo da mesma forma, ... todos ganham pela questão da socialização, a interação com os pares ditos normais permite ganhar competências sociais, e permite que os alunos tenham comportamentos adequados relacionados com o respeito pelo outro e ainda relacionadas com ser cidadão. Sendo este o aspeto o mais importante para mim na inclusão.	A inclusão de alunos MD como vantagem para o reconhecimento da diferença
Penso que as políticas educativas não são de todo desapropriadas, mas ainda falta passar as praticas e ai é que esta mal	Políticas educativas não vão de encontro as práticas existentes nas escolas
Pois as questões da socialização são os mais difíceis de implementar, a mudança de mentalidades, porque as questões ligadas aos acessos, os recursos físicos vão se adaptando, mas o que estiver dependente das atitudes e comportamentos considero mais difícil.	Necessidade de mudar mentalidades e comportamentos face a alunos NEE
Numa primeira fase, as políticas passarem as praticas e com isto quero dizer serem disponibilizados a escola o que é necessário para que estas tenham alunos com NEE, desde de recurso pedagógicos e físicos e humanos.	Dotar as escolas de recursos adequados aos alunos com MD

E depois promover formação relacionada com a NEE e sensibilizar os professores do regular para esta população tão específica.	Promover formação na área das NEE para professores do regular
O professor pode desenvolver projetos e sensibilizar a comunidade escolar para as questões da inclusão	O papel do professor na promoção de atitudes inclusivas
A sua formação e atitudes também podem promover a inclusão, ou seja este tem mais ferramentas de trabalho que pode desenvolver com estes alunos se tiver formação na área das NEE.	
A planificação e a organização das atividades têm que ser realizadas por uma equipa multidisciplinar e ir de encontro as necessidades e ritmos de aprendizagem dos alunos.	A existência de trabalho de equipa e colaborativo na UAAM
Tem que existir um trabalho de articulação e colaboração entre todos os intervenientes.	
Penso que existe flexibilidade curricular num contexto mais restrito ou seja, em sala de aula penso que sim, ao nível do agrupamento/escola não.	Não existe flexibilidade curricular ao nível do agrupamento
Pois muitas as vezes os projetos educativos e curriculares não vão de encontro a esta população e as suas necessidades, em muitos destes projetos nem são mencionados os recursos existentes na escolas para esta população.	
Em sala de aula acontece porque existe a necessidade de adaptar as aprendizagens ao ritmo de cada aluno.	
Considero boa, pois existe ao nível do 1º ciclo uma preocupação por parte da equipa, professores e técnicos de planificar e organizar e articular atividades de forma a ir de encontro as necessidades dos alunos.	Existência de uma boa articulação entre os intervenientes da UAAM do 1º ciclo
No 2º e 3º ciclo penso que não é tão bem conseguida, isto porque envolve muitos professores (os conselhos de turma) e pelo facto de existirem muitos alunos e poucos recursos humanos também não é facilitador.	Existência de diferentes formas de articulação e

Depois pode ser que exista outro fator que é a própria história das unidades, isto é a 1º ciclo já funciona a alguns anos e a 2º e 3º ciclo é recente.	colaboração entre os professores dos diferentes ciclos e as UAAM
Embora também eu considere que tenha muito a ver com o trabalho que os professores desenvolvem ao nível da articulação.	
Considero que as unidades trazem mais valias para escola tanto ao nível dos recursos pedagógicos quer da formação de alunos, em aspetos relacionados com a socialização e formação de valores, pois os alunos ditos normais convivem com a diferença, e começam a ter perceção das suas necessidades.	As UAAM como um recurso mais-valia na escola pelos recursos que dispõem
Depois os docentes que exercem nas UM tem um numero favorável de ferramentas e estratégias que não só se adaptam a estes alunos como a todos, o que se torna uma mais valia nas suas aprendizagens.	Os docentes das unidades como um recurso favorável para as escolas
Não encontro desvantagens.	Não existem desvantagens mas é uma vantagem para escola e alunos o facto de conviverem com as diferenças
Nas vantagens vou-me repetir, penso que é uma mais valia conviver com a diferença, ao nível da formação do ser humano e a escola é um local privilegiado para formar o ser humano nos valores os alunos aprendem a conviver com a diferença e futuramente não vão segregar as pessoas com deficiências.	
Penso que é essencial começar com a formação das turmas e organização de horários das respetivas turmas onde estão inseridos os alunos com multideficiência, pois estes alunos na sua maioria depende muitas vezes de transportes próprios o que depois todo o seu horário pode estar condicionado com este aspeto	Organização escolar tendo em conta as necessidades dos alunos MD
Depois devia-se ter em conta o perfil do professor e das assistentes operacionais que exercem funções nestes espaços. Os alunos apresentam características muito específicas e nem todos estamos aptos lidar	Existência de uma equipa multidisciplinar com formação

com elas, quer pela nossa formação quer pessoalmente.	adequada
É de referir que existe uma colaboração e articulação entre todos, pais, técnicos, professores e auxiliares, ou seja existe um trabalho realizado com uma equipa multidisciplinar.	Existência articulação e colaboração entre todos intervenientes
E em 1º lugar faz-se uma análise das necessidades do aluno, ou seja que competências se devem desenvolver, depois periodiza-se essas necessidades, sendo que a cada um dos intervenientes corresponde uma área de intervenção de acordo com as suas funções.	Elaboração do currículo em função das necessidades dos alunos
Neste processo nunca esquecer o papel da família e das suas necessidades, numa perspetiva de futuro.	
Nesta escola os alunos já estão tão integrados, principalmente ao nível do 1º ciclo, que considero não ser necessário promover atividades direcionadas para a inclusão	Existe uma boa colaboração entre todos que não é necessário criar atividades diferenciadas
ou seja os professores planificam em conjunto atividades de acordo com o ritmo de aprendizagem dos alunos e as suas necessidades.	
E depois ao nível da relação que existe com os pares os alunos com multideficiência é muito positiva, existe uma relação de entreajuda e colaboração com os alunos ditos normais.	
Nesta escola considero que não existem propriamente barreiras, existem algumas coisas que não são facilitadores, nomeadamente a falta de recursos humanos, o que condiciona por exemplo as saídas dos alunos em visitas de estudo, e depois os transportes que por vezes tem que ser transporte adaptado e estes por vezes não estão disponíveis devido a fatores externos a escola.	Existência de poucos recursos humanos que não facilitam a realização de algumas atividade

Penso que nem todos, nomeadamente os recursos humanos embora estes por vezes não têm a ver com a organização de escola, mas sim com fatores externos. Nomeadamente na contratação de assistentes operacionais. E a disponibilidade dos transportes adaptados.

Existência de fatores externos não facilitadores de inclusão

**Anexo XIII - 1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E3**

Unidades de registo	Indicador
Como docente de educação especial sou a favor da inclusão de alunos com NEE nas escolas. Mas pelas escolas onde tenho passado ainda não existe inclusão, a meu ver esta não tem sido bem-feita.	Inclusão mas com existência de recursos adequados
O processo não esta a ser bem conduzido, porque nos incluímos estes meninos com NEE nas escolas e em particular os meninos com multideficiência e depois nem tudo corre bem, isto porque não temos salas específicas de atividades de vida diária, atividades praticas que os preparem para uma vida futura	
E a escola não tem recursos nem físicos, nem humanos, ou seja não esta organizada nem pensada para esta população	
Sou a favor da inclusão mas com condições, sendo essas condições número suficiente de recursos humanos, infraestruturas e materiais apropriados de forma a preparar estes alunos para o futuro.	
Nas circunstâncias atuais em que vivemos em que as escolas não têm verbas e os professores ainda não tem bem definido o que é multideficiência e de não conhecerem quais as necessidades destas crianças, penso que apesar de ser a favor da inclusão devemos acima de tudo ser acima de tudo promover uma clarificação do conceito, promover formação e a existência de recursos humanos.	Inclusão mas com a condição de proporcionar recursos e formação
Acho que não, as atuais políticas promovem uma integração, as nossas esferas politicas pretendem a inclusão mas não descem as praticas não conhecem a realidade das nossas escolas deveriam de as conhecer e de perceberem o que se passa realmente e de conhecer o dia a dia dos alunos.	As políticas educativas não correspondem as necessidades das escolas
E o que acontece é que existe inclusão no papel mas na prática não acontece.	Promover formação na área das NEE para professores do regular
Considero que deveria haver mais sensibilização mais conhecimento, as disciplinas de NEE deveria de haver em todos os cursos, principalmente naqueles relacionados com pedagogia e na formação inicial. Penso que essencialmente é a formação	
era verificar antes de os meninos serem incluídos na escola, se esta reunia as características necessárias ao nível do currículo, infra-estruturas, e de professores para trabalhar com estes meninos.	Dotar as escolas de recursos adequados aos alunos com MD

<p>Eu penso que o professor pode sempre contribuir, basta querer e tentar</p>	<p>Procurar informação e formação sobre as NEE para melhorar a sua prática pedagógica</p>
<p>Este deve acima de tudo obter conhecimento, ou seja formação, sendo junto dos colegas ou de outras fontes, conhecer previamente as problemáticas dos alunos. Isto vai ajudar de certeza a organizar as aprendizagens a desenvolver com os alunos e por conseguinte a desenvolver atividades que promovam a inclusão</p>	
<p>desencadear ações relacionadas com a socialização e a diferenciação pedagógica de forma a promover o sucesso nos alunos.</p>	
<p>O interesse e a boa vontade e o tal conhecimento, que passa pela formação, seja esta procurada de forma empírica ou formação organizada.</p>	<p>O professor deve procurar informação e formação sobre os alunos com NEE</p>
<p>Pela minha experiência que tenho tido é que o professor de educação especial elabora os documentos na maior parte das vezes sozinho, embora o novo decreto refira uma participação de todos mas maior parte das vezes os professores do regular nem os chegam a ler, e isso condiciona a intervenção com os alunos.</p>	
<p>os professores do regular muitas vezes não tem conhecimento de como é o perfil de funcionalidade do aluno, quais as estratégias definidas para melhorar o seu desenvolvimento e estimular aprendizagens mas sim desenvolvem práticas pedagógicas com estes alunos ainda muito centrados num ensino tradicional, onde todos aprendem da mesma forma.</p>	
<p>A flexibilidade do currículo é uma boa estratégia a ser usada, mas não o é por falta de formação dos professores.</p>	<p>Existência ainda nas escolas práticas relacionadas com o ensino tradicional</p>
<p>Esta estratégia pode ser usada em todo o tipo de população não só nas NEE, ou em escolas TEIP. Mas como os professores de uma regra geral não dominam como tal não dão respostas adequadas a população que tem em mãos.</p>	
<p>Os professores ainda estão muito centrados no ensino tradicional, em que todos aprendiam da mesma forma. Por isso não está interiorizado nas suas práticas. Por falta de formação, por como referi as suas experiências ainda estão centradas na escola tradicional e também por vezes por falta de interesse e motivação</p>	
<p>É uma inclusão muito deficitária, pois faltam recursos humanos, na unidade de 2º e 3º ciclo temos 10</p>	

alunos, estes alunos passam muito tempo nesta sala, e nem sempre é possível desenvolver atividades com os pares ou mesmo irem a sala de aula devido a falta de recursos humanos	Dificuldades na implementação de atividades inclusão na UAAM de 2º e 3º ciclo por falta de recursos
Depois pelo facto de a escola estar inserida num bairro social, os pares discriminam muito estes alunos, o que por vezes não permite que estes circulem de forma autónoma no espaços do recreio, sem a supervisão de um adulto	
Penso que existe um trabalho ainda a fazer relacionado com a autonomia, na promoção de atividades da vida diária, realização de tarefas fora da escola.	
As unidades podem ser uma mais-valia em recursos pedagógicos e recursos humanos	As UAAM como um recurso mais-valia na escola pelos recursos que dispõem
Permite efetivamente minimizar constrangimentos ao nível de ter alunos com NEE do conceito que existe a volta deles, não só pelos pares mas de toda a comunidade educativa	
Mas neste agrupamento penso que antes de mais, deveria de existir uma sensibilização a comunidade educativa, principalmente aos professores de 2º e 3º ciclo	
Depois devia se ter em conta os recursos humanos e o número de alunos existentes e depois sim planificar uma reorganização desta UAAM	
As vantagens...bem, considero que é bom para os alunos com NEE conviverem com os seus pares ditos normais é muito bom em termos de sociais, como o contrário para os alunos ditos normais aprenderem a lidar com as diferenças, e a darem valor a estas questões. Penso que os torna cidadãos mais conscientes.	vantagem aspetos relacionados com socialização
Em relação desvantagens pode ser o fator de exclusão pois se passarem muito tempo neste espaço da unidade.	Como desvantagem pode ser um fator de exclusão
O que eu considero essencial é a existência de recursos humanos, de infra estruturas e os espaços físicos, estes muitas vezes são partilhados por vários professores e técnicos e não tem a condições necessárias para um trabalho direcionado para este tipo de alunos.	Necessidade de existência de infra estruturas e recursos adequados

<p>os ideais seria existirem salas para trabalhar as atividades da vida diária (cozinhas, etc) e para desenvolver outras competências (sala de psicomotricidade,...), essenciais ao desenvolvimento de vida mais plena possível.</p>	
<p>A organização do currículo dos meus alunos depende da sua problemática, ou seja o seu currículo é desenvolvido em função das competências que se quer que ele atinja de forma a melhorar a sua autonomia.</p>	<p>Elaboração do currículo para aprendizagens funcionais e de autonomia</p>
<p>Este é sempre direcionado para as atividades de vida diária e as relacionadas com aprendizagens funcionais.</p>	
<p>A família aqui também tem um papel muito importante pois tem se em conta as suas expectativas e as suas necessidades.</p>	
<p>Não, existe muito pouco ao nível do 2º e 3º ciclo</p>	<p>Existe muito pouca articulação e colaboração entre docentes que trabalham com os alunos 2º e 3º ciclo</p>
<p>Posso dizer em 6 conselhos de turma que vou só dois diretores de turma tem a preocupação de articular e desenvolver trabalho em conjunto.</p>	
<p>Penso que tem a ver com a sensibilidade que cada um, a experiencia profissional e a dinâmica de trabalho. Pois estes professores conseguem envolver os alunos nas várias atividades das turmas e algumas delas são a pensar neles e nas suas possibilidades de participação.</p>	
<p>Eu com os meus alunos desloco me com estes nos vários espaços da escola, acompanho a sala de aula, falo com os DT para abordarem os alunos quando estes não se encontram na sala e falarem das suas problemáticas e necessidades</p>	<p>Desenvolvimento de atividades em vários contextos e com parceiros da comunidade</p>
<p>Articulo com a enfermeira do centro de saúde algumas situações e com os encarregados de educação de forma que estes sejam o mais possível aceites pelos seus pares.</p>	
<p>Eu considero que as barreiras são por vezes as suas problemáticas, muitas vezes estes alunos têm limitações que vão para além das aprendizagens, tais como as da saúde, ou mesmo os acessos aos espaços da escola.</p>	<p>As barreiras são as próprias limitações dos alunos</p>

<p>Por muito que nos tornemos acessíveis estas barreiras prevalecem e não lhes permitem desenvolver competências que ate inicialmente pareciam o poder fazer.</p>	
<p>Não, a escola ainda não esta preparada e não é só dos espaços físicos e recursos humanos.</p>	<p>Necessidade de dotar a escola de recursos e formação</p>
<p>Falo também de promover junto dos docentes e não docentes de formação e sensibilização para este tipo de população com características muito específicas. Considero que devia ser obrigatório principalmente para quem trabalha diretamente com estes alunos.</p>	

~

#### Anexo XIV - 1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores E4

Unidades de registo	Indicador
Sou 100% a favor da inclusão, mas do que é a verdadeira inclusão, os meninos pertencerem a turma e estarem integrados na turma com as devidas condições, sejam recursos físicos e humanos	Dar a todos a mesma oportunidade
E serem incluídos nas turmas na sua plenitude ou seja, quando existem passeios, pensar-se nas suas limitações e organizar as saídas em função do aluno.	
Quando penso na escola inclusiva considero que deve estar planeada em relação aos acessos, a sua construção e estrutura e pela forma como os professores estão preparados e sensibilizados para este tipo de população.	
Estes alunos não são da educação especial como se houve muitas vezes os professores dizer, são da escola e das respetivas turmas e professor tem de procurar informação de forma a incluir estes meninos o mais possível na vida da escola.	
Ou seja a escola estar adaptada as suas necessidades e terem estratégias definidas para cada um e sejam elementos de pertença da turma na sua plenitude	
Acho que as unidades de multideficiência não têm verdadeiramente alunos com multideficiência, embora possa haver alguns casos. O que existe na maioria das unidades é alunos com problemáticas muito complexas e que depois são colocados nas unidades porque a escola não consegue dar as respostas adequadas.	A escola como barreira a inclusão de alunos MD
E estes espaços acabam por ser um espaço mais de exclusão do que inclusão. Isto porque a escola não consegue dar essa resposta adequada e os professores do regular na sua maioria não estão disponíveis para este tipo de população, pois não tem informação nem formação para trabalhar com este tipo de população	
Não de maneira nenhuma, o modo de estar, as atitudes e como se encara a escola a falta de recursos, permite que as políticas sejam uma coisa e as praticas sejam outras	As políticas educativas não correspondem as necessidades das escolas
A própria organização escolar, as condicionantes exteriores levam que os professores (alguns) não promovam dentro do contexto de sala de aula práticas relacionadas com a inclusão.	
Do meu ponto de vista passa pela aceitação e de serem vistos como seres humanos	Atitude da comunidade

<p>A partir de aqui envolver ao máximo todos os intervenientes, dar resposta as suas necessidades tendo em conta todas as suas limitações</p>	<p>educativa como fator de sucesso da inclusão</p>
<p>Promover uma efetiva socialização e aceitação por parte de todos.</p>	
<p>O professor deve e tem que procurar formação na área das necessidades educativas especiais.</p>	<p>Procurar informação e formação sobre as NEE para melhorar a sua prática pedagógica</p>
<p>Primeiro que tudo deixar de olhar para os alunos como números e pensar nas suas necessidades e ritmos de aprendizagem</p>	<p>Desenvolver uma intervenção de acordo com ritmos e necessidades dos alunos</p>
<p>Tem que deixar de pensar que estes alunos são só da responsabilidade da educação especial e sim que estes alunos fazem parte das turmas, e tem que dar respostas as suas necessidades</p>	
<p>Os professores devem estar envolvidos com todos os alunos e terem em conta as suas problemáticas e ritmos de aprendizagem e adequarem os métodos de ensino a todos os alunos.</p>	
<p>Que os professores tenham atitudes não discriminatórias</p>	<p>Atitude do professor face a inclusão</p>
<p>Penso que passa também pela sensibilização e formação relacionada com NEE.</p>	<p>Formação na área das NEE ou MD</p>
<p>Não na maioria das vezes, isto porque os currículos muitas das vezes são feitos sem ter em conta o perfil de funcionalidade dos alunos e são debitados e copilados de outros só porque tem a mesma problemática</p>	<p>Elaboração de currículos sem ter em conta o perfil do aluno</p>

<p>Outra questão que se põem é que por vezes também a falta de recursos não é facilitador para a implementação dos currículos e a própria organização escolar</p>	<p>Pouca facilidade de acesso ao currículo devido a organização escolar</p>
<p>Inclusão efetivamente não podemos dizer que temos, pois não temos algumas ferramentas necessárias para que ela exista, principalmente no 2º e 3º ciclo, pois existe uma falta de recursos humanos e uma falta de formação por parte de todos</p>	<p>Não existe inclusão no 2º e 3º ciclo devido a falta de recursos e formação</p>
<p>A maioria das atividades e projetos não são pensados em função destes alunos, ou seja muitas vezes estes alunos não tem acesso a visitas de estudo ou porque o local onde vão não tem acessos, e não foi pensado nisso na planificação da atividade ou não existem recursos humanos</p>	
<p>e depois existe a relação com os pares que é por vezes discriminatória e nada facilita a socialização.</p>	
<p>As unidades deveriam de acabar, porque por vezes são mais um elemento de exclusão do que inclusão.</p>	<p>Não deviam de existir UAAM nas escolas por falta de recursos</p>
<p>Os alunos deveriam estar a tempo inteiro na sala de aula e passavam mais tempo com os seus pares e a escola deveria ser dotada de uma equipa de técnicos para responder as necessidades destes alunos. E assim falava-mos de inclusão.</p>	
<p>As vantagens têm a ver com o facto de estarem junto dos pares ditos normais</p>	<p>Vantagem tem a ver com aspetos relacionados com socialização desvantagens não existir respostas adequadas</p>
<p>As desvantagens tem a ver com facto de terem saído dos colégio de educação especial onde tinham as terapias de uma forma mais intensiva e considero que tinham mais recursos técnicos e o apoio a família era maior nomeadamente nos prolongamentos de horário</p>	

<p>As questões dos horários destes alunos, pois não são feitos a pensar neles, e por vezes não vão a determinadas disciplinas, as quais podiam ir, porque tem que ir no transporte adaptado</p>	<p>Organização escolar não tem em conta as necessidades dos alunos NEE</p>
<p>Em primeiro lugar penso nas necessidades de cada um e do seu ritmo de aprendizagem.</p>	<p>Elaboração do currículo em função das necessidades dos alunos</p>
<p>Depois priorizo a socialização, as atividades de vida diária e a sua autonomia</p>	
<p>Por vezes existe alguma articulação, temos alguns professores do regular que procuram planificar atividades em conjunto e tem a necessidade de conhecer como aquele aluno funciona e quais os ritmos de aprendizagem e realiza-se um trabalho de articulação e colaboração muito positivo</p>	<p>Existência de alguma articulação e colaboração na planificação das atividades</p>
<p>Mas também existe ainda muito, aquele aluno é da educação especial e o professor do regular não vê necessidade de se preocupar em sequer planificar quanto mais articular.</p>	
<p>Por norma são sempre aquelas mais relacionadas com o aspeto da socialização</p>	<p>Desenvolvimento de atividades relacionadas com socialização</p>
<p>Faço saídas ao exterior e deslocamo-nos nos vários espaços da escola e utilizo muito o tempo do intervalo pois é um tempo promotor de inclusão.</p>	
<p>Bem, a própria escola como instituição por vezes é uma barreira, devido aos acessos, aos recursos existentes</p>	<p>A escola como instituição é uma barreira a inclusão</p>
<p>Os professores porque não têm formação na área das NEE</p>	
<p>E o próprio ministério que não tem em consideração este tipo de população e dita leis ou normativos que não são viáveis na realidade das escolas.</p>	

Não de forma alguma, não existem recursos suficientes, não existe verbas para por em prática determinadas atividades fundamentais para estes alunos	Necessidade de dotar da escola com recursos físicos e humanos
A acessibilidade dos próprios edifícios não é adequada a estes alunos e falta espaços para trabalhar de forma individual	

**Anexo XV - 1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P1**

Unidades de registo	Indicador
Eu concordo com a inclusão na escola pois permite que todos alunos convivam com a diferença e tenham as mesmas oportunidades nas respostas educativas.	Dar a todos a mesma oportunidade
Os alunos desenvolvem competências sociais ao lidarem com as diferenças de cada um, pois considero que todos somos diferentes.	
Sim concordo pela mesma razão ou seja permite que todos convivem com a diferença e tenham as mesmas oportunidades.	Dar a todos a mesma oportunidade
Embora pela minha experiencia o facto de estes alunos apresentarem limitações significativas tanto ao nível da comunicação e socialização limita a sua participação com os pares	A sua problemática limita a sua participação com os pares
Penso que não, não vão de encontro as necessidades da escola nem dos alunos e nem das famílias.	As políticas educativas não correspondem as necessidades das escolas
Isto porque estes alunos necessitam de recursos adequados as suas necessidades e há necessidade de um investimento institucional maior a vários níveis e as escolas não estão apetrechadas com esses recursos.	Continuar a dotar as escolas com recursos
Penso que são as atitudes da comunidade educativa. Se todos aceitarem estes alunos é possível existir inclusão.	Atitude da comunidade educativa como fator de sucesso da inclusão
Outro facto é de existirem recursos adequados quer pedagógicos quer físicos para irem de encontro as necessidades e problemáticas dos alunos.	Dotar as escolas de recursos adequados aos alunos com MD

<p>A partir do momento que o aluno faz parte da turma o professor deve ver aquele aluno como parte integrante da mesma, isto é deve dar resposta as suas necessidades ter em conta os seus ritmos de aprendizagem.</p>	<p>Desenvolver uma intervenção de acordo com ritmos e necessidades dos alunos</p>
<p>Embora exista alguma dificuldade porque o número de alunos nas turmas é elevado e o facto de estes alunos não darem redução de turma nem sempre permite dar respostas a todas as situações dentro da sala de aula.</p>	
<p>Penso que é a articulação que se desenvolve entre o professor da turma e o professor de educação especial, isto porque nós não temos formação nas necessidades educativas especiais, e o professor de EE deve para além de partilhar informação sobre o aluno, deve ajudar e apoiar o aluno e o professor do regular. E isto por vezes não acontece</p>	<p>A existência de trabalho de equipa e colaborativo na UAAM</p>
<p>Depois não devia de existir tantos alunos por sala, ou seja quando há alunos com NEE devia de haver redução de turma, pois é impossível dar respostas de qualidade com 26 alunos dentro de sala, sendo dois com NEE.</p>	<p>Criar condições na organização para que os alunos tenham respostas adequadas as suas necessidades</p>
<p>Não tem, pois os recursos pedagógicos e humanos não chegam.</p>	
<p>Embora os alunos com estas características tenham um currículo próprio, muitas das vezes não é possível dar respostas adequadas porque não existem recursos suficientes para acompanharem estes meninos que não tem autonomia as atividades</p>	<p>A escola não dispõe de recursos nem esta organizada para as necessidades dos alunos</p>
<p>pelo facto de como já referi o nº elevado de alunos na turma, e de existirem dois ou mais anos de escolaridade dentro da turma nada facilitador na organização das atividades quando se tem que atingir determinadas metas no final ano.</p>	
<p>Penso que é boa principalmente no 1º ciclo, todos os alunos tem tido ganhos ao nível do desenvolvimento das suas competências sociais.</p>	<p>Promove de desenvolvimento competências sociais</p>

<p>Os alunos participam nas atividades possíveis, os pares aceitam as suas diferenças e os professores tentam planificar atividades em conjunto para que os alunos possam participar. Por isso penso que é boa.</p>	
<p>Concordo pois estes alunos não conseguem estar a tempo inteiro dentro da sala de aula. E assim tem um espaço de recursos onde podem desenvolver outras atividades de acordo com as suas necessidades.</p>	<p>As UAAM como um recurso mais-valia na escola pelos recursos que dispõem</p>
<p>E além disso precisam de pessoas a tempo inteiro junto deles devido aos seus problemas relacionados com autonomia e comunicação e numa sala de aula não seria possível.</p>	
<p>As vantagens têm a ver com o desenvolvimento de competências sociais, tanto dos alunos com MD com os ditos “normais”. Desvantagens propriamente não encontro.</p>	<p>Só existem vantagens permite o desenvolvimento de competências sociais</p>
<p>Penso tem que existir espaços físicos adaptados, recursos humanos com formação na área das NEE o que não acontece pois nos professores do regular não temos qualquer formação nesta área. Sem estes recursos penso que não é possível.</p>	<p>Existência de uma equipa multidisciplinar com formação adequada</p>
<p>O currículo tem sempre em conta as necessidades e os ritmos de aprendizagem dos alunos, e parto sempre da informação que recebo do professor de educação especial relativamente as capacidades e possibilidades de cada um</p>	<p>Elaboração do currículo em função das necessidades dos alunos</p>
<p>. Embora por vezes seja difícil implementar determinadas atividades por falta de recurso humanos, pois se estes alunos não forem acompanhados a sala de aula torna-se muito difícil dar uma resposta adequada.</p>	<p>Falta de recursos humanos</p>
<p>Os professores de educação especial estão sempre disponíveis para ajudar e colaborar.</p>	<p>Existência de boa articulação mas necessidade de ser mais</p>
<p>Existe uma partilha de informação.</p>	

Embora devesse existir mais sistematização da informação e recursos humanos para acompanhar estes alunos na sala de aula.	sistemático e constante entre todos intervenientes
Os alunos que estão integrados na minha turma são convidados a participar em todas as atividades que desenvolvo com a restante turma, sejam visitas de estudo ou outro tipo de atividades.	Os alunos com MD do 1º ciclo desenvolvem atividades com a turma
O que acontece é que algumas vezes estes alunos não podem participar ou devido as suas limitações ou porque existem falta de recursos humanos acompanha -los as atividades.	Falta de recursos
Penso que é a sua própria problemática, o facto de não terem autonomia e os problemas ao nível da comunicação. Estas barreiras condicionam as aprendizagens, nas os permite ter um nível de atividade e participação como os seus pares, mesmo naquelas atividades simples como a hora do recreio que é o lugar de excelência promotor de socialização.	As barreiras são as próprias limitações dos alunos
Acho que de forma geral sim, mas também considero que estes alunos precisam muito mais recursos e por vezes a escola não os tem disponíveis, principalmente recursos humanos.	Falta de recursos humanos nas UAAD

## Anexo XVI - 1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P2

Unidades de registo	Indicador
Concordo absolutamente. O espaço escolar favorece de uma maneira extraordinária a inclusão destes alunos em termos de competências sociais.	Permite desenvolvimento de competências sociais
Na verdade, a sua inclusão em turmas com alunos com características tão diversas em termos cognitivos, sociais, familiares, culturais, entre outros, estimula fortemente estas crianças e adolescentes no sentido de procurarem ser iguais aos outros.	Reconhecimento da diferença
Em termos escolares, a inclusão é um processo mais lento, dadas as características e necessidades educativas de cada aluno. Contudo, na maior parte dos casos, os resultados são significativos e têm “significado” para estes alunos. O seu sucesso escolar é, acima de tudo, ou deve ser, o percurso/ progresso educativo que realizaram e não apenas os resultados.	Sucesso escolar dos alunos com NEE como progresso educativo
Concordo. A resposta é semelhante à primeira pergunta em termos de competências sociais.	
Relativamente ao seu percurso escolar, o processo tem de ser encarado de uma forma diferente de acordo com a deficiência de cada aluno. Assim, para cada criança terá de haver necessariamente um currículo específico com “significado” para cada um de acordo com as suas necessidades educativas, emocionais, psico-motoras, etc, mas que inclua sempre o mundo em seu redor.	Permite desenvolvimento de competências sociais
A definição do percurso escolar destes alunos deve ser sempre balizada entre o que ele é, o que precisa e o que consegue fazer. O seu verdadeiro sucesso escolar acontece quando estas premissas estão presentes em todo o processo escolar.	
Nem tanto. As práticas inclusivas para estas crianças têm forçosamente de ser multidisciplinares o que implica gastos com técnicos especializados em diferentes valências. Um só aluno pode necessitar de vários técnicos, especialistas, docentes, auxiliares, transporte, material adequado, etc, mas a inclusão tem custos, e a sociedade tem a obrigação e o dever de integrar estas crianças no meio mais favorável ao seu desenvolvimento global: a ESCOLA.	As políticas educativas não correspondem às necessidades das

<p>Estes apoios não podem falhar e estão falhar ano após ano, assistindo-se a um corte sistemático de recursos na Educação Especial. Trata-se de um ataque à escola pública de um modo geral e não apenas à Educação Especial, contudo estes cortes são especialmente graves quando atingem estas crianças, uma vez que se não beneficiarem dos apoios que necessitam, todo o seu desenvolvimento é posto em causa.</p>	<p>escolas</p>
<p>O próprio contexto escolar. Da minha experiência enquanto docente com alunos da Educação Especial com Currículo Específico Individual, quer com Adequações Curriculares em contexto turma, quer com alunos da Unidade de Multideficiência, constato diariamente que estes alunos “crescem” e desenvolvem competências a todos os níveis pelo simples facto de frequentarem uma escola.</p>	
<p>Depois são todas as valências específicas para o desenvolvimento global de cada aluno que têm de existir e coexistir harmoniosamente dentro deste mesmo contexto escolar. Estes alunos são IGUAIS aos outros: querem brincar, rir, comunicar com todos, participar, disfrutar da vida da escola, passear, aprender, fazer coisas.</p>	<p>O contexto escolar promove a inclusão</p>
<p>Na sala de aula o contributo não é apenas do professor. No entanto, é a ele que cabe a função de criar uma estrutura de tutoria na aula através do envolvimento dos alunos da turma e dos laços que devem ser criados com a criança especial</p>	<p>Desenvolver estratégias para promover aprendizagens sucesso dentro e fora da sala de aula</p>
<p>Sou particularmente a favor da tutoria por parte de alunos da turma com perfil para ajudarem, dentro e fora da sala de aula, os alunos com necessidades educativas. Reforça laços entre os alunos, altera comportamentos, cria maturidade e responsabilidade e cria pontes entre os docentes e os alunos.</p>	
<p>Terminada a aula, o processo de aprendizagem pode continuar com a ajuda de um colega em casa, na biblioteca, na brincadeira, a ajudar em algumas tarefas a realizar fora da sala de aula.</p>	
<p>Uma aproximação pessoal do docente com estes alunos. Não se trata apenas de ensinar, mas acima de tudo de chegar até eles e comunicar de forma diferente.</p>	<p>A relação que se</p>

<p>O aluno tem de sentir que faz parte do grupo e este é o maior fator de inclusão: pertencer a um grupo. Quando isto acontece o caminho é bem mais fácil para todos e ninguém está preocupado porque estão alguns a fazer coisas diferentes.</p>	<p>estabelece com os alunos de forma a promover aprendizagens de sucesso</p>
<p>O objetivo é a concretização de um determinado produto final, o percurso para lá chegar pode ser feito de muitas maneiras e em simultâneo.</p>	<p>Existência de currículo flexível</p>
<p>De um modo geral considero que sim. Do que conheço dos CEI e das Adaptações Curriculares, bem como de outros documentos que orientam e determinam toda a prática docente e não só com estes alunos, têm em conta a flexibilização do currículo</p>	<p>Deveria de existir maior apoio por parte do professor de EE com o professor do regular</p>
<p>No entanto, creio que deveria haver um maior apoio e colaboração por parte do docente de Educação Especial na elaboração das Adaptações Curriculares com os outros docentes, uma vez que conhecem melhor os alunos e podem dar mais “pistas” para a definição das estratégias a adotar.</p>	<p>Cada docente no seu horário pode ter vários alunos NEE em cada turma e, se tiver muitas, como é o meu caso, as dificuldades aumentam.</p>
<p>Muito boa. A inclusão destes alunos no contexto escolar é real e visível e tem dado frutos no seu desenvolvimento pessoal, social e escolar</p>	<p>São uma mais valia para os alunos com MD</p>
<p>Muito boa até ao momento. Espero que todas as valências e apoios especializados continuem a existir porque fazem parte imperiosamente do currículo que foi criado e concebido para estes alunos.</p>	<p>Só existem vantagens permite o desenvolvimento de competências sociais</p>
<p>Já foram referidas anteriormente todas as vantagens. Só poderia apontar desvantagens se os apoios fossem retirados e estes alunos não pudessem fazer o seu percurso pessoal, social e escolar com sucesso.</p>	

<p>As equipas multidisciplinares, os docentes, o pessoal de apoio, os espaços, a colaboração da família, o envolvimento acima de tudo de toda uma comunidade escolar que colabore com estas crianças.</p>	<p>Envolvimento com toda a comunidade educativa</p>
<p>Sou professora de Educação Musical. Na sala de aula com o espaço turma promovo a reorientação dos conteúdos e respetivas atividades para a diversificação de intervenções em grupo. Cada aluno tem a sua participação específica numa determinada atividade e nesta disciplina isso nunca constitui um problema no processo de ensino aprendizagem, pelo menos ao nível da atividade prática.</p>	<p>Currículo organizado de acordo com as necessidades dos alunos</p>
<p>No plano mais teórico, os alunos são orientados para a realização de registos muito simples e de reconhecimento visual e/ auditivo com pouco lugar à escrita quando tal não for possível. Imagem, Som, Movimento, Expressão, são palavras chave para todos e para estes alunos ainda mais.</p>	
<p>Sim. Poderia ser mais sistemática e constante em termos de conselhos de turma, com um trabalho mais colaborativo entre outros.</p>	
<p>Para além da produção de documentos, há pistas, sugestões e ideias que podem e devem ser transmitidas regularmente aos docentes do ensino regular no sentido de uma maior rentabilização do trabalho e das estratégias a desenvolver com estes alunos. As estratégias, às vezes, são de uma simplicidade extraordinária, como por exemplo, sentar o aluno NEE ao lado do aluno X da turma porque este lhe transmite segurança, conforto e apoio.</p>	<p>Existência de boa articulação mas necessidade de ser mais sistemático e constante entre todos intervenientes.</p>
<p>A sua participação em todas as atividades práticas na sala de aula e a sua intervenção nos eventos escolares organizados no âmbito da disciplina.</p>	<p>Os alunos participam em todas as atividades com a turma</p>
<p>Muitas vezes é a Comunicação.</p>	<p>Comunicação como barreira as aprendizagens</p>
<p>É muito importante conhecer o historial destes alunos, a sua forma de comunicar e estabelecer uma ligação</p>	

forte e coesa com a família.	
Ultrapassados estes passos a Escola está em condições de criar todos os mecanismos com vista ao seu sucesso pessoal.	
Sim. Pelo menos até ao momento. Os recursos humanos, os materiais, os espaços, o transporte, a higiene, a alimentação, as atividades letivas e não letivas, as saídas, as visitas de estudo, as brincadeiras, etc.	A escola proporciona os recursos necessários

**Anexo XVII- 1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P3**

Unidades de registo	Indicador
Uma sociedade inclusiva implica uma escola inclusiva e esta tem a particularidade de modelar a primeira.	Inclusão permite o desenvolvimento social junto da comunidade educativa
Os ganhos no desenvolvimento são evidentes junto dos diferentes agentes de ensino e alunos.	
Neste aspeto estamos a tratar de um grupo de alunos com especificidades bem vincadas e individualizadas. A integração na turma carece de uma objetividade de modo que a relação inclusão e aprendizagem seja significativa	Desenvolvimento competências sociais
Contudo a coabitação no espaço escolar é fundamental e pertinente e este não é um menor contributo para os progressos que se pretendem – hajam meios técnicos e humanos para se atingirem as metas definidas.	
A história recente é demonstrativa que foram conseguidos muitos avanços nesta matéria e não se pode quebrar uma relação educativa de sucesso.	As políticas educativas têm trabalhado para escola inclusiva
Há que fortalecer este espaço de intervenção pedagógica com equipas bem preparadas	Continuar a promover intervenção adequada com formação
Tudo tem custos e este domínio absorve recursos financeiros substanciais, mas com alguns desequilíbrios devido à conjuntura atual não foram abandonados os propósitos para este grupo de alunos rumo à sua inclusão na vida ativa.	Continuar a dotar as escolas com recursos apesar da conjuntura atual
Boa vontade e arrojo em inovar.	Atitude e a formação do professor como fator de
O exercício da atividade docente junto deste núcleo de alunos obriga a uma mudança de paradigma e a reformulações em continuidade	

<p>No entanto devem estar alicerçadas na estratégia de intervenção a identificação da problemática do indivíduo, a partilha de opiniões com os demais técnicos,</p>	<p>sucesso na inclusão dos alunos</p>
<p>o estabelecimento de um percurso escolar a médio prazo que forneça as ferramentas estruturais para a sua inclusão na vida ativa seria importante a parceria com entidades empregadoras.</p>	<p>Definição de um percurso escolar com vista a vida ativa</p>
<p>O professor é um elemento fundamental na promoção de expectativas de vida, incentivando ao conhecimento, ao gosto por descobrir, à partilha e troca de experiências, promovendo o altruísmo junto dos alunos</p>	<p>A relação que se estabelece com os alunos de forma a promover aprendizagens de sucesso</p>
<p>Assim sendo, por ele também passa o estabelecer de pontos de ligação entre os diferentes alunos quer em contexto de sala de aula ou não.</p>	
<p>o trabalho em articulação entre professores do ensino regular e os do “especial” é preponderante em toda esta arquitetura pedagógica de base e nunca, mas nunca, naquela ideia, ainda presente, de fazer do aluno NEE um “coitadinho”, provavelmente o maior erro neste quadro específico.</p>	<p>Articulação entre os docentes do ensino regular e dos EE com objetivo</p>
<p>O trabalho com os alunos NEE não pode estar assente em modelos fechados</p>	<p>Estratégias diversificadas no trabalho com os alunos com NEE</p>
<p>A tentativa/erro é, também, um vetor a considerar, daí que a flexibilidade curricular seja um fator a recorrer mas numa lógica de manter o “treino” junto destes alunos o mais próximo da “norma”.</p>	
<p>Os caminhos para lá “chegar” podem ser diversos mas o que é preciso é “chegar”.</p>	
<p>Este grupo de alunos confere um valor de estabilidade institucional. Isto é, não são indiferentes ao vulgo da comunidade escolar, no entanto a “montra” deve ser ainda mais arrojada, dentro das estabilidades emocionais de cada indivíduo, isto de forma a fomentar a participação direta dos outros alunos</p>	<p>Existência de alunos com MD promove valores sociais diferentes dentro da escola</p>
<p>Acresce dizer que estes alunos possuem um apoio pedagógico de excelência pelos demais técnicos</p>	

onde incluo as assistentes operacionais destacadas para o serviço de acompanhamento .	
Julgo que sem esta Unidade não há capacidade para se desenvolver um trabalho com coerência, planificado e participado com os alunos.	A UAAM é uma mais valia no trabalho com estes alunos
Esta população tão específica tem vantagens em estar na escola pública, pois desenvolve competências sociais que não adquiria noutra espaço. A escola é o lugar de excelência para desenvolver competências sociais.	Vantagem desenvolve competências sociais
A resposta obedece a um filtro que não domínio, mas enquanto elemento ativo na escola entendo que faz sentido a implementação das UAAM numa perspectiva de criar as condições para as aprendizagens previstas, sustentadas e ajustadas com as famílias destes alunos.	Existência de recursos pedagógicos adequados as necessidades dos alunos
O espectro da multideficiência implica uma organização própria em rede (entre estabelecimentos de ensino) de modo a cativar os melhores recursos pedagógicos, tornando as escolas especialistas numa determinada incapacidade.	
O trabalho junto destes carece de uma articulação com o professor do ensino especial e diretor de turma.	Existe a necessidade de articulação entre os docentes do ensino regular e EE
No entanto após uma avaliação de diagnóstico e atendendo aos relatórios produzidos no final do ano letivo anterior, são estabelecidos objetivos específicos, numa linha de continuidade, que mais se aproximem dos requisitos previstos para a disciplina, por matéria e no ano de escolaridade em que o aluno esteja a frequentar (e mais adaptado a sua condição física). Isto porque a minha disciplina é educação física.	Currículo elaborado de acordo com as necessidades dos alunos
Essa articulação é imprescindível. Deverá ser monitorizada tendo em vista a evolução consistente do aluno.	Trabalho articulado de forma a ter em conta evolução do aluno

<p>Contudo verifica-se, com frequência e atendendo à minha parca experiência no trabalho desenvolvido com estes anos, a existência de um fenómeno algo comprometedor de não se realizarem os devidos relatórios finais de ano letivo com o quadro de evolução do trabalho produzido junto destes alunos e por área.</p>	<p>Necessidade de existir relatórios tendo em conta a evolução dos alunos nas várias áreas</p>
<p>Aquelas que a equipa técnica que acompanha estes alunos entenderem pertinentes.</p>	<p>Desenvolvimento de atividades relacionadas com socialização</p>
<p>Mas o mais importante é “encostar”, sempre que possível, a realidade destes alunos à norma.</p>	
<p>As principais barreiras situam-se em dois planos: conjunturais e estruturais.</p>	<p>Barreiras conjunturais e estruturais</p>
<p>Na primeira incluo a estratégia global e local para a inclusão destes alunos; é preciso saber qual o ponto de partida e onde se pretende chegar numa realidade a médio e longo prazo.</p>	
<p>Na segunda refiro-me aos recursos; os físicos poderão ser um problema assim como os de natureza material, mas os recursos humanos conferem o principal handicap se estes forem em número insuficiente e/ou se não houver a predisposição para realizar um trabalho diferenciando independentemente do contexto.</p>	<p>Existência de recursos adequados</p>
<p>É crucial ensinar o “outro” (“não deficiente”) para a integração do aluno portador de deficiência.</p>	<p>Promover atividades de socialização</p>
<p>Algumas questões se levantam mas reforço a ideia que a escola tende a fazer um trabalho sério, honesto, empenhado e com uma forte componente emocional.</p>	<p>Existe um esforço por parte da escola para responder as necessidades dos alunos</p>
<p>Estes fatores são importantes mas estaremos a fazer um trabalho de qualidade?... não sei. Teremos capacidade para trabalhar todo o espectro onde se insere o aluno com multideficiência?..... não sei</p>	
<p>Estes alunos quando concluírem a sua escolaridade estarão preparados para, dentro das suas capacidades, experimentarem novos desafios quer no espaço escolar, em continuidade, ou no sector laboral? Pois também não sei</p>	

Que parcerias foram afetadas para este projeto de modo a minorar a angústia de ver “partir” estes alunos? Mas acho que a escola tenta.

### Anexo XVIII -1ª fase: recorte da entrevista em UR e transformação em indicadores P4

Unidades de registo	Indicador
Concordo claro a escola é o lugar de excelência que promove e favorece o desenvolvimento de competências sociais, onde os alunos podem conviver com as diferenças dos outros e aprender com isso.	Desenvolvimento de competências sociais
Concordo pelas mesmas razões a escola permite que os alunos com multideficiência convivam com os pares ditos “normais” e ganhem competências sociais que não podiam ter se estivessem numa instituição.	Desenvolvimento de competências sociais
Penso que as políticas são uma e as praticas outras, maior parte das vezes não respondem a realidade e as necessidades das escolas.	As políticas educativas não correspondem as necessidades das escolas
Embora daquilo que conheço do decreto-lei que rege a educação especial tenha algumas premissas importantes, mas o que acontece é que de dia para dia a escola tem menos recursos e condições para ter estes alunos na escola do regular	
Penso que a própria comunidade escolar e como esta aceita a heterogeneidade dos alunos, isto porque todos somos diferentes mas por vezes temos dificuldades em aceitar as diferenças.	Atitude da comunidade educativa como fator de sucesso da inclusão
Acho que também é necessário mais informação e formação, embora se fale muito nos alunos com NEE e de inclusão, penso existe pouca formação principalmente aquela mais direcionada para o professor do regular. Esta devia ser dada nos cursos de formação inicial, talvez assim houvesse mais sensibilização para esta população tão específica	Dotar os professores do regular com formação na área das NEE
O professor pode contribuir sempre, pois pode valorizar cada aluno e ter em conta o seu ritmo de aprendizagem.	Desenvolver uma intervenção de acordo com ritmos e necessidades dos alunos

E pode desmistificar as questões relacionadas com a deficiência num trabalho de sala de aula.	Desenvolver estratégias para promover aprendizagens sucesso dentro e fora da sala de aula
Mas existem tantos obstáculos dentro da escola que por vezes é um trabalho em vão, o facto de nos professores não termos formação, a própria organização de escola que não contempla muitas vezes populações tão específicas	Procurar informação e formação sobre as NEE para melhorar a sua prática pedagógica
Considero muito importante que o professor tenha informação sobre a problemática do aluno e o seu ritmo de aprendizagem, pois só assim é possível adaptar o ensino aprendizagem destes alunos.	O professor deve procurar informação e formação sobre os alunos com NEE
E depois ter recursos pedagógicos e humanos a disposição para poder dar respostas adequadas a necessidades dos alunos.	Existência de recursos pedagógicos e humanos adequados
Sim considero, existe pelo menos em contexto de sala de aula, eu pelo menos tento adaptar o mais possível aos meus alunos com MD.	Os alunos com MD têm currículos elaborados de acordo com necessidades
Também há preocupação de criar outras atividades que vão de encontro as necessidades dos alunos.	
O que falta por vezes são recursos humanos de forma a realizar uma intervenção mais sistemática, porque o professor sozinho não consegue devido a existência de uma grande heterogeneidade de alunos na sala de aula.	Pouca facilidade de acesso ao currículo devido a organização escolar
Penso que apesar de ser boa, ainda existe algumas coisas a fazer.	Existência contributo dos professores para realizarem respostas adequadas promoção da inclusão
Existe uma preocupação pelos professores com os alunos de forma que tenham respostas as suas necessidades.	

<p>Mas falando do mesmo, a escola não tem recursos humanos suficientes para acompanhar estes alunos, nomeadamente nas visitas de estudo</p>	<p>Falta de recursos humanos</p>
<p>Bem sem estes espaços os alunos com MD não conseguiam estar a tempo inteiro na sala de aula por isso são uma mais-valia.</p>	<p>As UAAM como um recurso mais-valia na escola pelos recursos que dispõem</p>
<p>Eu tenho desenvolvido com a minha turma alguns projetos e usado este espaço de uma forma muito positiva com a minha turma e com os docentes que fazem parte deste espaço.</p>	
<p>A maior vantagem é a convivência com a diferença o que permite desenvolver competências sociais a toda a comunidade educativo.</p>	<p>Desenvolvimento de competências sociais</p>
<p>Os meus alunos da turma tem uma preocupação neste momento com aluna da UAAM que não tinham a um ano atras, procuram brincar com ela no espaço do recreio e vão fazer atividades a sala da UAAM. Penso que isto é muito bom no que diz respeito a formação cívica.</p>	
<p>Penso que são os recursos humanos, estes alunos precisam de vários adultos com formação específica para trabalhar as suas necessidades, se isso não acontecer não faz sentido estes alunos estarem na escola do regular.</p>	<p>Existência de uma equipa multidisciplinar com formação adequada</p>
<p>Tenho sempre em conta a informação que recebo do professor de EE, depois tento ir de encontro as suas necessidades, muitas as vezes passa só por uma planificação de atividades relacionadas com a socialização devido as limitações dos alunos.</p>	<p>Elaboração do currículo em função das necessidades dos alunos</p>

<p>Existe alguma, mas podia ser mais constante. Embora o professor EE transmita alguma informação sobre o aluno devia de ser mais aferido nas planificações estratégicas de trabalho e que estas fossem elaboradas em conjunto.</p>	<p>Existência de boa articulação mas necessidade de ser mais sistemático e constante entre todos intervenientes</p>
<p>Os alunos estão na turma e fazem as atividades que se considerem pertinentes para o seu desenvolvimento. E como referi as vezes faço atividades em parceria com UAAM, a turma vai a sala de unidade.</p>	<p>Os alunos com MD do 1º ciclo desenvolvem atividades com a turma</p>
<p>Considero que são a próprias limitações dos alunos, as dificuldades que tem em comunicar e falta de autonomia.</p>	<p>As barreiras são as próprias limitações dos alunos</p>
<p>Depois a falta de recursos, se não existirem é impossível implementar atividades com estes alunos</p>	<p>Existência de poucos recursos humanos não facilitam a realização de algumas atividade</p>
<p>Sim. Embora reconheça que os recursos humanos sejam insuficientes, porque estes alunos tem que ser acompanhados por um adulto a sala de aula, pois não tem autonomia e isso maior parte das vezes não acontece.</p>	<p>Falta de recursos humanos nas UAAD</p>

**ANEXO XIX- 2ª fase: análise de conteúdo das entrevistas (E1,E2,E3,E4,P1,P2,P3,P4)**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>UR/indicador</b>
Conceção do professor face Inclusão	Igualdade de oportunidades para todos	Dar a todos a mesma oportunidade	3E1 4E4 2P1
		Reconhecer a diferença e promover a socialização	3E2 2P2
		Desenvolvimento de competências sociais	P4
		Inclusão permite o desenvolvimento social junto da comunidade educativa	2P3
	Condição para a inclusão	Existência de recursos adequados	4E3
Conceção do professor sobre alunos com multideficiência	Igualdade de oportunidades e equidade	Dar a todos a mesma oportunidade	E1 P1
		Inclusão como equidade	E1
		A inclusão de alunos MD como vantagem para o reconhecimento da diferença	2E2
		Desenvolvimento de competências sociais	2P2 2P3 P4
	Limitações na inclusão	A sua problemática limita a sua participação com os pares	P1
		A escola como barreira a inclusão	2E4
	Condição para a inclusão	Inclusão mas com a condição de proporcionar recursos e formação	E3
Políticas educativas	Situação atual	As políticas educativas não correspondem às necessidades das escolas	2E1 2E3 2E4 3P2 2P4 P1
		Políticas educativas não vão de encontro às práticas existentes nas escolas	E2
		As políticas educativas têm trabalhado para escola inclusiva	P3
	Propostas/condições necessárias	Necessidade de mudar mentalidades e comportamentos face aos alunos NEE	E2
		Continuar a promover intervenção adequada com formação	P3

		Continuar a dotar as escolas com recursos	P3 P1
Condições favoráveis a inclusão	Comunidade educativa	Atitude da comunidade educativa como fator de sucesso da inclusão	E1 3E4 P4 P1
		Atitude do professor de EE como facilitador do acesso a informação sobre NEE	E1
		O contexto escolar promove a inclusão	2P2
	Recursos adequados	Dotar as escolas de recursos adequados aos alunos com MD	E2 E3 P1
	Formação especializada	Promover formação na área das NEE para professores do regular	E2 E3 P4
		Atitude e a formação do professor como fator de sucesso na inclusão dos alunos	3P3
Professores e práticas inclusivas	Práticas específicas	Desenvolver uma intervenção de acordo com ritmos e necessidades dos alunos	3E1 3E4 P4 P1
		Desenvolver estratégias para promover aprendizagens sucesso dentro e fora da sala de aula	3P2 P4
		A relação que se estabelece com os alunos de forma a promover aprendizagens de sucesso	2P3
	Importância do papel do professor	O papel do professor na promoção de atitudes inclusivas	2E2
	Atualização profissional	Procurar informação e formação sobre as NEE para melhorar a sua prática pedagógica	3E3 E4 P4
Condições ao desenvolvimento de práticas inclusivas com alunos com MD	Formação na área das NEE	Todos intervenientes tenham formação na área de NEE ou em MD	E1 E4
		O professor deve procurar informação e formação sobre os alunos com NEE	3E3 P4
	Formas de trabalho	A existência de trabalho de equipa e colaborativo na UAAM	4E1 2E2
		Existência de recursos pedagógicos e humanos adequados	P4

		Criar condições na organização para que os alunos tenham respostas adequadas as suas necessidades	P1
	Relação pedagógica	A relação que se estabelece com os alunos de forma a promover aprendizagens de sucesso	3P2 2P3
		Atitude do professor face a inclusão	E4
Adequações das práticas curriculares com alunos com MD	Práticas inadequadas	Existência ainda nas escolas práticas relacionadas com o ensino tradicional	E1 3E3
		Os currículos são elaborados sem ter em conta o perfil do aluno	E4
		Não existe flexibilidade curricular ao nível do agrupamento	3E2
		A escola não dispõe de recursos nem esta organizada para as necessidades dos alunos	3P1 E1 E4 P4
	Práticas adequadas	Os alunos com MD têm currículos elaborados de acordo com necessidades	E1 2P4
		Existência de currículo flexível	P2
		Existência de articulação entre os docentes do ensino regular e dos EE	P3
		Estratégias diversificadas no trabalho com os alunos com NEE	3P3
Inclusão de alunos com multideficiência no agrupamento	Facilidades no 1º ciclo	Existência contributo dos professores para realizarem respostas adequadas promoção da inclusão	3E1 P2
		Existência de uma boa articulação entre os intervenientes da UAAM do 1º ciclo	E2
		Promove de desenvolvimento competências sociais	P1
		Existência de alunos com MD promove valores sociais diferentes dentro da escola	P3
	Dificuldades 2º e 3º ciclo	Dificuldades na implementação de atividades de inclusão na UAAM de 2º e 3º ciclo por falta de recursos	3E3
		Não existe inclusão no 2º e 3º ciclo devido à falta de recursos e formação	3E4
		Falta de recursos humanos	P4
	Atitudes diferenciadas entre ciclos	Existência de diferentes formas de articulação e colaboração entre os professores dos diferentes ciclos e as UAAM	3E2

Existência de unidades de multideficiência no agrupamento	Recursos disponíveis 2 Materiais 3 Humanos	São uma mais valia para os alunos com MD	P2 P3
		As UAAM como um recurso mais-valia na escola pelos recursos que dispõem	4E1 E2 4E3 2P4 2P1
		Os docentes das unidades como um recurso favorável para escola	E2
		Não deviam de existir UAAM nas escolas por falta de recursos	E4
Vantagens da inclusão	Maior aceitação das diferenças	Vantagens de todos lidarem com a diferença na construção cívica do indivíduo	E1
		Só existem vantagens permite o desenvolvimento de competências sociais	P2 P3 2P4 P1
		Vantagem tem a ver com aspetos relacionados com socialização	E4 E3
		Não existem desvantagens mas é uma vantagem para escola e alunos o facto de conviverem com as diferenças	2E2
Desvantagens da inclusão	Melhoria das respostas educativas da escola	Por vezes não existem respostas de qualidade nas escolas para os alunos com MD	2E1
		Desvantagens não existir respostas adequadas	2E4
		Como desvantagem pode ser um fator de exclusão	E3
Condição necessária na organização escolar para implementação de unidades MD	Constrangimento	Organização escolar não tem em conta as necessidades dos alunos MD	E2 E4
	Formação na área das NEE	Formação especializada para os professores UAAM	E1
	Recursos humanos adequados	Existência de uma equipa multidisciplinar com formação adequada	2E1 E2 P4 P1
	Recursos físicos adequados	Necessidade de existência de infra estruturas e recursos adequados	E1 2E3
		Existência de recursos pedagógicos adequados às necessidades dos alunos	P3

	Comunidade educativa	Envolvimento com toda a comunidade educativa	P2
Organização do currículo de alunos com MD	Currículo organizado em função das necessidades dos alunos	Existência de uma intervenção onde se tem em conta as necessidades do aluno e da família	E1
		Elaboração do currículo em função das necessidades dos alunos	2E2 2E4 2 P2 P3 P4 P1
	Adequações curriculares	Elaboração do currículo para aprendizagens funcionais e de autonomia	3E3
Articulação/colaboração entre os professores do regular e os de EE	Formas de articulação entre os intervenientes do 1º ciclo	Existência de um trabalho articulado nas UAAM de 1º ciclo com todos os intervenientes no processo dos alunos	3E1
		Existência articulação e colaboração entre todos intervenientes no 1º ciclo	3E2
		Existência de alguma articulação e colaboração na planificação das atividades	E4
	Deficitária articulação no 2º e 3º ciclo	Existe muito pouca articulação e colaboração entre docentes que trabalham com os alunos 2º e 3º ciclo	3E3
	Propostas de articulação	Existência de boa articulação mas necessidade de ser mais sistemática e constante entre todos intervenientes	P2 P4 3P1
		Trabalho articulado de forma a ter em conta evolução do aluno	P3
		Elaborar relatórios tendo em conta a evolução dos alunos nas várias áreas de intervenção	P3
Práticas com alunos com MD	Com os colegas da turma	Os alunos com MD do 1º ciclo desenvolvem atividades com a turma	2E1 P2 P4 P1
		Existe uma boa colaboração entre todos que não é necessário criar atividades diferenciadas	3E2
		Promover atividades de socialização	2 P3 2E4
	Entre a escola e outros parceiros	Desenvolvimento de atividades em vários contextos e com parceiros da comunidade	2E3
	Condições	Existência de recursos adequados	P3
		Ter em conta as barreiras conjunturais e estruturais	P3
Barreiras de acesso as aprendizagens	De processo	Desvantagens de saírem muitas vezes da sala de aula e não realizam aprendizagens em contexto	2E1

	Humanos	Existência de poucos recursos humanos não facilitam a realização de algumas atividade	E2 P4
	Dificuldade dos alunos	As barreiras são as próprias limitações dos alunos	2E3 P4 P1
		Comunicação como barreira as aprendizagens	2 P2
	A escola como barreira	A escola como instituição é uma barreira a inclusão	3E4
Recursos adequados aos alunos com MD	Existência na escola de recursos pedagógicos	A escola consegue proporcionar os recursos pedagógicos	E1
		A escola proporciona os recursos necessários	P2
		Existe um esforço por parte da escola para responder as necessidades dos alunos	3 P3
	Ausência de recursos humanos	Falta de recursos humanos nas UAAD	2E1 P4 P1
Necessidade de dotar a escola de recursos e formação		2E3	
Constrangimentos com o trabalho com alunos com MD		A escola não está dotada de recursos físicos e humanos suficientes	2E4
		Existência de fatores externos não facilitadores de inclusão	E2